

# MODA EM TERESINA: MODERNIDADE E SOCIABILIDADES NO SÉCULO XX 1901 - 1950



SIMONE FERREIRA DE ALBUQUERQUE

**MODA EM TERESINA: modernidade e  
sociabilidades no século XX (1901 - 1950)**

**Teresina**

**2023**

**Simone Ferreira de Albuquerque**

**MODA EM TERESINA: modernidade  
e sociabilidades no século XX (1901 - 1950)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

**Reitor**

*Gildásio Guedes Fernandes*

**Vice-Reitor**

*Viriato Campelo*

**Superintendente de Comunicação Social**

*Samantha Viana Castelo Branco Rocha Carvalho*

**Diretor da EDUFPI**

*Cleber de Deus Pereira da Silva*

**EDUFPI - Conselho Editorial**

*Cleber de Deus Pereira da Silva (presidente)*

*Cleber Ranieri Ribas de Almeida*

*Gustavo Fortes Said*

*Nelson Juliano Cardoso Matos*

*Nelson Nery Costa*

*Viriato Campelo*

*Wilson Seraine da Silva Filho*

**Projeto Gráfico Capa**

*Jucelino Reis*

**Arte Capa**

*Olívia Matos de Figueredo Neta*

**Diagramação**

*Roniê Bezerra da Silva*

**Revisão**

*Beatriz de Albuquerque Vasconcelos*



A345m Albuquerque, Simone Ferreira de  
MODA EM TERESINA: modernidade e  
sociabilidades no século XX (1901 - 1950) / Simone  
Ferreira de Albuquerque. - Teresina: EDUFPI, 2023.

185 p.

ISBN 978-65-5904-293-7

1. Moda. 2. Teresina. 3. Modernidade. 4. Sociabilidade. I.  
Título. CDD: 391



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	8
<b>CAPÍTULO 1 - A CIDADE DE TERESINA E A MODA</b>	20
Modernização da cidade	20
Moda: comércio, consumo e difusão	37
<b>CAPÍTULO 2 - FEMINILIDADE, SOCIABILIDADES E CIVILIDADES NA TERESINA MODERNA</b>	65
A Moda na produção da Feminilidade	65
Escolaridade e Mercado de Trabalho	82
Cidade, Moda, Sociabilidade e Civilidade	94
<b>CAPÍTULO 3 - VESTUÁRIO DA MULHER DA ELITE EM TERESINA</b>	114
Transformações e permanências no vestuário: o consumo dos novos padrões	114
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	171
<b>REFERÊNCIAS</b>	176
<b>FONTES</b>	181
Instituições de Pesquisa	181
Jornais Consultados:	181

## APRESENTAÇÃO

### **MODA: “a eterna recorrência do novo”<sup>1</sup>**

A moda é um fenômeno social que produz muitas polêmicas, entre as quais está a que diz respeito à sua natureza. Para alguns, ela sempre existiu, pois em qualquer sociedade houve alguém que estivesse na moda. É o que pensa, por exemplo, Joan DeJean<sup>2</sup> na obra “A essência do estilo” ao afirmar que “a moda é eterna”, embora o mercado da moda tenha uma data e um lugar de surgimento: a Paris da segunda metade do século XVII. Para outros, ela é um fenômeno histórico, não pertencendo a todas as épocas e espaços. Nesse grupo, encontra-se uma das grandes referências acadêmicas no assunto, o filósofo francês Gilles Lipovetski (2009, p. 23)<sup>3</sup>, para quem a moda é um mecanismo social “inseparável do nascimento e desenvolvimento do mundo moderno”, conforme se observa a seguir:

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Benjamim em: BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas*, v. I, Magia e técnica, arte e política, trad. S.P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>2</sup> DEJEAN, Joan. *A essência do estilo: como os franceses inventaram a alta-costura, a gastronomia, os cafés chiques, o estilo, a sofisticação e o glamour*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p.45.

<sup>3</sup> LIPOVETSKI, G. *O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades*. São Paulo: Editora Moderna, 1999. p.23.

Moda é uma forma específica de mudança social, independente de qualquer objeto particular; antes de tudo, é um mecanismo social caracterizado por um intervalo de tempo particularmente breve e por mudanças mais ou menos ditadas pelo capricho, que lhe permitem afetar esferas muito diversas da vida coletiva.

Lipovetsk (2009) afirmou que a moda estava relacionada a uma necessidade estética de distinção que o homem moderno produziu na tentativa de firmar uma personalidade para si, que o diferenciasse dos outros: uma identidade singular, mais flexível e ajustável. Assim, esse fenômeno não pode ser considerado apenas como o gosto pelos tipos de vestimentas de um determinado período, mas sim deve ser compreendida como um movimento que se aplica a todas as dimensões da vida do indivíduo, seja ela política, social, cultural ou outra.

Joan DeJean (2010) defende que foi a Paris de Luís XIV a produzir o que hoje se conhece como indústria da moda, essa grande rede de profissionais integrada por fabricantes, designers, publicitários, comerciantes e influencers que determina as mudanças da moda e dita as formas, cores, padrões, estilos e tendências que as pessoas devem consumir a cada nova temporada. Para tanto, diversos elementos passaram a integrar esse universo, permanecendo importante até a atualidade, como a expansão da clientela de artigos de luxo; maneiras mais

eficientes e sofisticadas de atendimento às demandas e formas de difusão rápida das tendências, permitindo que os movimentos alcancem um maior número de pessoas e aspectos da vida em tempo recorde.

Para a autora, daquele momento em diante o modo de vida em Paris assumiu um toque de magia, passando a ser amplamente almejado. Essa sociedade tornou-se para a civilização moderna um símbolo de luxo, de beleza, de glamour, de elegância e de sofisticação, um objeto de desejo em proporção nunca observada em outro tempo histórico, ainda que seja necessário admitir que todas as épocas estabeleceram noções e gostos mais elevados e valorizados dentro de determinados círculos, na maneira de vestir, comportar-se, falar e comer. Porém, esses hábitos tiveram alcance restrito, não se tornando fenômenos sociais mais amplos. Por outro lado, as “suntuosidades” com que alguns indivíduos se vestiam ou comiam estabeleciam barreiras sociais, econômicas e culturais, não estimulando a reprodução fora do seu campo de origem, e, por fim, é importante considerar que nenhuma cidade, ou cultura, havia dominado, até então, por tanto tempo, o padrão ideal do estilo de vida e da elegância, como fizera Paris a partir do século XVII.

Lipovetsk (2009), sobre esse mesmo fenômeno, ainda que em um contexto diferente, afirmou que no século XIX



foi possível observar como a moda expressou o espírito do homem moderno. Para esse autor, ocorrera, nesse século, uma ampliação, sem precedentes do interesse de homens e mulheres por assuntos relativos ao parecer, pelo novo, pelo sofisticado e pelo excêntrico, tendência considerada parte do processo democrático difundido pela sociedade europeia do momento.

A entrada das sociedades na era da igualdade e das liberdades, ideais difundidos pelos movimentos revolucionários do final do século XVIII, havia produzido a necessidade de substituição da moral cristã tradicional e coletivista, fundamentada na ideia do pecado, por uma mentalidade amparada no prazer do indivíduo, na felicidade e na satisfação pessoal. A nova fase valorizava as coisas humanas, mundanas e superficiais, criando, com isso, as condições para a manifestação do culto moderno à moda. Kant pode ser considerado um grande teórico desse fenômeno no século XVIII, por compreender que a moda não tinha uma vinculação com a beleza e com o eterno. Ao contrário, esse fenômeno temporal tinha relação com o novo, com o transitório. Era a novidade que tornava a moda atraente, fascinante e desejada.

Deixando a natureza da moda à parte, é possível compreender importantes aspectos do mundo moderno através desse fenômeno, pois a aparência, a roupa, as

formas de comportamento e os valores culturais passaram a expressar o gosto, o desejo e o modo que pessoas e coisas assumiram nos diferentes contextos da civilização moderna. Por tal razão, ainda que por um tempo a moda tenha sido considerada como superficial demais, ou apenas uma extravagância de pessoas ricas, desde os anos 1980 essa avaliação vem se modificando, fazendo a matéria receber considerável atenção de pesquisadores das áreas das ciências sociais, humanas e filosóficas.

Será sobre um desses interesses que tratará o texto a seguir, ao apresentar para o público acadêmico e demais amantes da moda e da boa leitura em geral, a obra que tem como título **“MODA EM TERESINA: modernidade e sociabilidades no século XX (1901 - 1950)”**, de autoria da pesquisadora e professora do Curso de Bacharelado em Design, Moda e Estilismo da Universidade Federal do Piauí, Simone Ferreira de Albuquerque. A produção resultou da dissertação apresentada no Curso de Mestrado em História do Brasil (UFPI), defendida em 2016, sob a orientação do pesquisador Manuel Ricardo Arraes Filho, posteriormente ampliada, amadurecida e transformada, estética e tecnicamente, nessa obra.

Inicia-se pelo começo, embora isso seja algo pouco recomendável na abordagem histórica. Definir um começo para a apresentação da obra não significa tentar encontrar

a origem do processo que levou a autora ao desfecho de sua produção, mas tão somente marcar o ponto de partida, por elementos que nossa compreensão entende terem sido norteadores desse percurso. Então, iniciaremos apresentando o objeto da pesquisa: compreender como as transformações urbanas processadas pelas modernas cidades brasileiras da primeira metade do século XX chegaram a Teresina, e qual foi seu impacto sobre o comportamento da mulher da elite local.

Assim, ainda que a pesquisadora realize ampla discussão sobre diferentes aspectos da sociedade nacional e local, o sujeito fundamental dessa pesquisa é a mulher da elite teresinense, localizada na primeira metade do século XX. A justificativa da escolha foi assentada na necessidade de estabelecer uma relação entre dois temas novos para a pesquisa social, embora individualmente seja possível identificar ampla produção tanto a respeito do gênero mulher, quanto da moda. Observou-se, nesse quesito, importante contribuição dada pela autora à pesquisa sobre a temática da moda teresinense no início do século XX, por sua análise estar respaldada em grande volume de documentos de modalidades variadas, a exemplo dos jornais da época, revistas, fotografias e documentos oficiais, alguns pertencentes ao domínio público e outros ao acervo de famílias locais. O conteúdo da obra está dividido em três

partes principais, organizado segundo uma lógica que permite a leitura em um fluxo prazeroso.

No primeiro capítulo, intitulado “A cidade de Teresina e a moda”, a autora tratou das transformações econômicas e culturais vividas pelo ocidente na primeira metade do século XX, bem como do seu impacto sobre as cidades brasileiras. Ao destacar o processo de modernização que caracterizou e deu unidade ao mundo ocidental nesse período, aplicou a concepção de modernidade usada por Marshall Berman<sup>4</sup>, para quem aquele era um tipo de experiência vital de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo. Tal noção do fenômeno desafiou a pesquisadora a compreender como Teresina viveu a experiência da modernidade nesse início de século.

Afirma que a elite teresinense integrou a sociedade local ao circuito das mudanças, procurando acompanhar as novidades que se manifestavam nos diversos campos da vida ao adotar padrões comportamentais e gostos definidos como civilizados naquele contexto. Para compreender tal processo, a autora fez uso das fontes hemerográficas do início do século, especialmente a manifestação dos intelectuais cronistas locais a respeito

---

<sup>4</sup> BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia de Letras, 1986.

das mudanças desejadas ou criticadas que ocorreram na infraestrutura de Teresina, a exemplo da ampliação da energia elétrica pelas áreas da cidade, construção de modernos logradouros públicos, instalação dos símbolos da civilização e do progresso, como as salas de cinema, os bares, cafés, os clubes e os *boulevards*.

Nessa análise inseriu-se a variável moda, aqui entendida na perspectiva aplicada por Lipovetsk (2009)<sup>5</sup>, para quem o fenômeno é um mecanismo social geral, no qual a maneira como os indivíduos se vestem é apenas uma das suas múltiplas facetas. Assim, procurou entender como a abertura de ruas, a iluminação artificial da cidade, a criação de novos espaços de lazer, a ampliação do comércio local de artigos de luxo e, principalmente, a chegada do cinema à Teresina, teriam impactado a vida da população local, modificando seus gostos e alterado sua forma de vida, principalmente em relação à maneira de consumir.

Nesse aspecto, sua atenção foi dirigida para um sujeito em especial, a mulher, por ser ela, no contexto da sociedade tradicional, a parte com maiores razões para incorporar com rapidez as mudanças. Assim, investigou como a mulher da elite local foi afetada por esse processo e que espaços foram abertos para esse gênero no novo

---

<sup>5</sup> *Op cit.*

contexto. A civilização, como coloca Norbert Elias<sup>6</sup>, impôs o estabelecimento de laços de interdependência e hábitos que permitiram a ampliação do espaço público e de relações mais equivalentes. Pensando sob essa perspectiva, Simone enxergou uma mulher que passou a estar mais presente nos espaços públicos, usufruindo das oportunidades criadas pelos paradigmas de embelezamento da cidade e delas próprias, como os orientados pelos novos padrões sanitários, ao aconselhar uma vida ao ar livre, a prática de esportes e o uso de roupas leves. Desse modo, cresceu a frequência de mulheres às praças e bares, bem como aumentou a demanda feminina pelos serviços educacionais, fazendo surgir diversas escolas específicas ou mistas para atender um público que procurava, cada vez mais, adquirir formação profissional e ocupar um espaço no mercado de trabalho.

O segundo capítulo recebeu o título “Feminilidade, Sociabilidades e Civilidades na Teresina Moderna” e traz a discussão sobre a natureza histórica da concepção de feminilidade, situando o sentido desse fenômeno no universo cultural e nas sociabilidades desenvolvidas pela comunidade Teresinense. Chamou a atenção para alguns elementos de permanência dessa sociedade, herdados do

---

<sup>6</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

século XIX, entre eles a posição assumida pela mulher nas décadas iniciais do século XX. Afirmou, também, que o feminino permanecia vinculado ao puro, ao belo e ao frágil, embora fosse possível identificar alguns sinais de transformação nessa mentalidade. Mostrou como a roupa era capaz de identificar diversos fatores que compunham esse universo, a exemplo da situação social da mulher e sua família. Advertiu que, embora compartilhasse da concepção de Lipovetsk (2009) sobre a moda, nessa parte do texto optou por ressaltar as vestimentas e adereços, pois a vestimenta era uma importante forma de linguagem, através da qual homens e mulheres comunicavam melhor suas pretensões do que quando utilizavam palavras.

Isso explica o crescimento da preocupação dos modernos com a maneira de vestir. A ampliação e organização dos espaços públicos favoreceu o surgimento da observação individualizada das formas, o que requeria maior preocupação das pessoas com sua imagem. Leão (2012)<sup>7</sup> afirmou que, o cenário moderno das cidades, caracterizados pelas avenidas largas onde ficavam situados os cafés *chics*, elevou o índice de iluminância dos ambientes, trazendo a preocupação de muitos cidadãos,

---

<sup>7</sup> LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. *Economia & Tecnologia* - Ano 07, Vol. 25 – abril / junho de 2011 p.112.

pois se nas estreitas e escuras ruas da cidade colonial era possível transitar de maneira discreta, as pessoas sabiam que na urbe civilizada eram observados por diversos pares de olhos: guardas municipais, fotógrafos, adversários ou passantes anônimos. As damas davam muita atenção ao momento que desfilavam pelas largas avenidas, colocando sempre seus mais novos e melhores trajés.

Nessa parte do texto a autora também fez uso de várias fotografias do início do século, buscando mostrar a importância que as famílias da elite teresinense davam à última moda que circulava não apenas na capital do país, mas na própria cidade desse fenômeno: Paris. Apresentou um destaque dado pelo Jornal Arrebol, em que o redator afirmava que a mulher teresinense era tão influenciada pela moda que o seu exagero superava o observado em Paris. Desconsiderando o tom exagerado desse comentário, ele permite compreender a importância que a novidade tinha para a população local. Revela a reação conservadora do cronista ao descrever as transformações que a mulher teresinense estava vivendo, quando optava por modelos que lhes deixavam mais leves, com movimentos rápidos, como era o caso das vestimentas mais curtas, de tecidos finos, de golas abertas e sem mangas.



Um importante aspecto dessa pesquisa é a maneira como a autora foi mostrando a conquista dos espaços públicos pela mulher piauiense. Depois das duas grandes guerras, a exemplo do que acontecia em outras partes do mundo, o âmbito doméstico deixou de ser a única área de atuação feminina, ampliando-se para atividades consideradas adequadas à posição moral e social desse sexo: magistério, datilógrafa, enfermeira, secretária, operária da indústria têxtil. Essas iniciativas foram gerando novos hábitos e ampliando as sociabilidades femininas, encorajando-as a se desafiarem na ocupação de postos e funções consideradas como exclusivamente masculinas.

No terceiro e último capítulo, denominado “Vestuário da mulher da elite em Teresina”, a pesquisadora realizou uma análise detalhada do visual da mulher moderna teresinense. Confirmando a sua hipótese de que a moda dos grandes centros não passou ao largo dessa cidade, faz um recorte por décadas para discutir o gosto, o estilo, o padrão e a desenvoltura que foi mostrando a teresinense na primeira metade do século XX, assim como relacionou cada uma dessas etapas a um momento do processo de modernização e desenvolvimento da sociedade.

Nesse capítulo a formação da pesquisadora se mostra de maneira exemplar. Utilizando as fontes fotográficas, a profissional de moda deixa-se voar nas asas do tempo e

realiza descrições pouco comuns àqueles que apresentam apenas a formação de historiador. A sua narratividade encanta pela capacidade de prender-se ao detalhe de uma fivela de sapato, de onde se destaca um bordado que informa sobre um tempo. Na verdade, o tipo de trabalho realizado com fontes pela autora tem na história uma similaridade apenas com a metodologia indiciária, pela qual Carlo Ginzburg<sup>8</sup> ensina o historiador a seguir pistas e vestígios, acompanhar pegadas pelo caminho, entender que alguns botões, laços, fitas, enfeites de cabelo, o tamanho de uma gola, a altura de um vestido, o tecido de uma meia, podem oferecer informações suficientes para construir uma narrativa coerente. Esses detalhes considerados secundários, são em muitos casos, a única chave disponível para compreensão do fenômeno social.

Apresentou o cenário da Primeira Grande Guerra como fomentador de novas oportunidades e costumes para a mulher, pois o referido evento político havia acelerado as percepções dos fatos, promovendo outra concepção do tempo. Destacou a grande revolução produzida no corpo da mulher, depois da segunda década do século XX, ao liberta-se dos espartilhos e adotar as melindrosas, um tipo de vestimenta curta que ressaltava a

---

<sup>8</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

beleza e a independência feminina. Informou, que essas mudanças mexeram com um dos símbolos tradicionais da aparência feminina: os cabelos. Desapareceram os pesados ornamentos que enfeitavam as cabeças, deu-se a abolição dos grandes chapéus, e a mais ousada das modas convidou a mulher moderna a cortar o cabelo a *La Garçonne*. Integrando as diferentes dimensões desse debate, informou, ainda, como os modernos conceitos de higiene e bem estar, que caracterizaram a primeira metade do século XX, contribuíram com esse novo momento.

O que se tem nessas análises é muito revelador de um período em que se costuma estudar apenas as rupturas políticas, a crise do principal produto da balança comercial brasileira, a organização da Administração Pública e, até mesmo, a mulher. Mas pouco se tem olhado a situação feminina pelo viés da moda. Daí para frente, a autora foi mostrando que as batalhas da Segunda Guerra são conquistas para o mundo feminino. No Brasil, o destaque foi dado às vestimentas das moças do período, que passaram a utilizar tecidos caqui, cortes retos, modelos sóbrios e roupas militarizadas, que afastavam o aspecto delicado e frágil da figura feminina.

Sem sombra de dúvida, esse é o tipo de obra que encanta pelo conteúdo e pela forma. Simone não só nos presenteia com aspectos da vida cotidiana de homens e

mulheres da primeira metade do século, mas também trabalha com uma dimensão de suas realidades em que os sujeitos se colocam de maneira menos defensiva, podendo, assim, revelar aspectos de suas personalidades difíceis de identificar por outros meios. Agrada, também, pela linguagem simples, objetiva e de fácil acesso, mas, ao mesmo tempo, detalhista e precisa. Esse é sem dúvida um dos bons resultados do encontro produzido entre a História e outros campos do saber, no caso em espécie, com a Moda. Convidamos os leitores (as) das áreas de História, Moda e afins a realizarem uma viagem no tempo e no espaço, através da cápsula “**MODA EM TERESINA: modernidade e sociabilidades no século XX (1901 - 1950)**”, de autoria da pesquisadora Simone Ferreira de Albuquerque. Eu recomendo.

Antônia Valtéria Melo Alvarenga  
Professora Adjunto da Universidade Estadual do Piauí e  
da Universidade Estadual do Maranhão.  
Novembro de 2023.

## **CAPÍTULO 1 - A CIDADE DE TERESINA E A MODA**

### **Modernização da cidade**

A primeira metade do século XX foi marcada por guerras, revoluções e reformas sociais e econômicas nas principais cidades da Europa, dos Estados Unidos e também nas do Brasil. Tais acontecimentos foram fundamentais para o estabelecimento de uma nova ordem econômica, social, política e cultural, tendo, como uma de suas consequências, alterações na arquitetura e urbanização das cidades, que intensificaram o processo de modernização.

A transformação que acontecia nas cidades brasileiras era fruto do desejo das elites que queriam se inserir no cenário de modernidade difundidos no mundo e, para tanto, uma das exigências era a remodelação na estrutura física das cidades e nos hábitos da população (Feijão, 2011). Foi nesse momento em que se observou a consolidação da relação da sociedade moderna com a moda do vestuário (Pollini, 2007).

Teresina, capital do Estado do Piauí, situada no centro-norte do Brasil, distante geograficamente das grandes capitais brasileiras, não apresentou a mesma dinâmica de desenvolvimento urbano que se viu nestas outras cidades. Sua inclusão no mundo moderno foi lenta

em decorrência de vários fatores: falta de investimentos público e privado e baixa inserção da cidade no processo capitalista, além do fato de que as novas tecnologias chegavam tardiamente a esta capital.

Porém, o desejo de modernização contagiava o mundo, e, apesar de não poder ser definida como uma experiência moderna típica, a elite teresinense não deixava de acompanhar as mudanças que aconteciam na estrutura das outras grandes cidades, tanto nos hábitos como nos comportamentos, agora mais refinados e civilizados, e ansiava por absorver as novidades que estavam revolucionando o mundo, especialmente a Europa. Almejava, portanto, um projeto modernizador que eliminasse o velho e o tradicional da cidade e que disciplinasse os espaços e seus moradores (Nunes, 2013).

Os jornais locais, a exemplo dos jornais *O Arrebol* e *Gazeta*, das décadas de 1910 e 1920, deixaram evidente que a elite intelectual teresinense estava insatisfeita com a direção que estava tomando a capital do Piauí. Seus representantes, bacharéis, médicos e recém-formados, reivindicavam melhorias gerais para o município, principalmente as relacionadas à infraestrutura básica. Aos poucos, a cidade foi recebendo uma arquitetura com traços relativamente modernos.

As mudanças estruturais ocorridas na cidade levaram algum tempo até se concretizarem, embora seja possível observar que, desde sua fundação, em 1852, seus idealizadores tenham desejado que Teresina se caracterizasse como uma cidade moderna. Esse crescimento foi estimulado pelo afloramento dos terrenos localizados em ruas planejadas, no centro da cidade. Muitas famílias receberam lotes com área de uma quadra inteira para suas residências (Lima, 2002).

No início do século XX, ainda era uma cidade provinciana, mas já se percebia um processo de mudança. Em 1902, Antonino Freire, engenheiro formado pela escola técnica da Bahia, foi nomeado diretor de Obras Públicas, Terras e Colonização e produziu algumas modificações na fisionomia de diversas edificações da cidade, tanto públicas quanto privadas.

Em 1905, foi reinaugurado o prédio da Delegacia, o qual ganhara novas feições. Em 1908, iniciou-se a construção do prédio do Asylo de Alienados, na Praça de Marte, e do novo edifício da Assembleia Legislativa, na Praça Deodoro (Kruel, 2015). Entre 1905 e 1908, deu-se início ao processo mais intenso de urbanização da cidade e higienização das ruas, resultando em diversas reformas na região central. No centro da cidade, predominavam as casas de palha ou de pau-a-pique, mas que já se exigia a

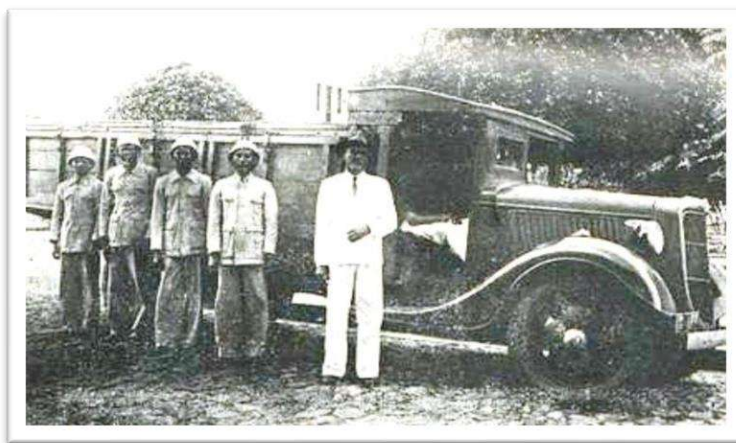
construção de casas de alvenaria. Os serviços básicos de energia, água encanada, telefonia e coleta de lixo já eram reivindicados (Nascimento, 2002; Monteiro, 1987).

Em 1909, foi implantado o abastecimento de água e telefonia. Em 1910, foi lançado um novo código de postura (o segundo), que proibia a criação de animais como porcos e galinhas nos quintais, hábito comum em Teresina. Também na mesma data fora inaugurado o novo matadouro público, o mercado público e os serviços de iluminação elétrica, considerado um dos maiores símbolos da modernização e do progresso de Teresina, pois permitia que se prolongasse o tempo de trabalho, da rua e da vida urbana. Em 1911, a capital adquiriu seu primeiro veículo para a coleta de lixo (Tito Filho, 1986).

Na Figura 01, pode-se visualizar o primeiro caminhão da cidade de Teresina para a coleta de lixo. Observa-se, inclusive, o emprego de uniformes para os funcionários que realizavam esse trabalho. A vestimenta de um deles destaca-se nitidamente daquela dos demais, configurando-se em uma roupa mais formal, sendo composta por calça comprida, camisa, terno, gravata e, ainda, sapato social, tratando-se, talvez, do chefe do serviço.



Figura 01: Caminhão da limpeza municipal, funcionários e o chefe do serviço.



Fonte: Acervo de Eliane Aragão <sup>9</sup>

Com o crescimento das indústrias automobilística e elétrica na Europa, nas duas primeiras décadas do século XX, que permitiu a valorização dos produtos oriundos do extrativismo vegetal, o Piauí iniciou o comércio de produtos extrativistas, passando a negociar a borracha da maniçoba, a cera de carnaúba e o babaçu com Estados vizinhos, como Pernambuco, Maranhão, Ceará e Bahia, como também com países como Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e França, tornando o extrativismo a principal atividade econômica do Estado (Queiroz, 2006).

---

<sup>9</sup><https://www.facebook.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

Essa mudança na economia possibilitou a integração comercial de Teresina e as primeiras mudanças urbanas na cidade, configurando-se, então, um processo de modernização em efetivação. Dessa forma, impulsionado pelo ciclo da maniçoba, o extrativismo foi o fator determinante do progresso de várias cidades do Piauí nas décadas de 1920, 1930 e 1940, fazendo surgir novos grupos sociais e novos padrões de riqueza (Queiroz, 2006).

A cera de carnaúba assumia, a partir de 1914, destaque na economia, juntamente com o algodão, que já era exportado, e o babaçu, tornando-se um dos principais produtos de exportação do Piauí. Sua exportação, a partir de então, só cresceu, tendo como principais destinos Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha. Esse comércio permitiu a Parnaíba e a Teresina, maiores centros econômicos e comerciais do Estado, também tornarem-se centros de consumo de moda.

Acredita-se que essas cidades também se mantiveram integradas ao chamado sistema de moda internacional, pois seu comércio nesse campo já contava com um variado número de artigos de vestuário de luxo que vinham dos principais centros difusores da moda. Além

disso, se divulgava nos jornais locais<sup>10</sup> anúncios de artigos de moda e de lojas que comercializavam tais produtos.

O aumento provocado pelos produtos do extrativismo na receita do Estado possibilitou as primeiras mudanças urbanas na infraestrutura básica da cidade. Há muito eram solicitadas pela população e chegaram efetivamente em 1915 com a instalação e a melhoria de alguns serviços públicos: luz elétrica, sistemas de esgoto, água encanada, etc. Algumas mudanças estruturais estavam se concretizando. Essas se intensificavam com o avanço da economia e com o crescimento do comércio local, que se consolidava com as relações sociais que se estabeleciam (Queiroz, 2006).

Com a urbanização e a iluminação elétrica, Teresina ganhou um local apropriado para o passeio público: a Praça Rio Branco, localizada em um ponto central e de destaque da cidade, próximo a Igreja do Amparo. O local tornou-se um novo espaço para a sociabilidade e para a exibição dos costumes e dos produtos da moda. Essas melhorias e transformações urbanísticas trouxeram novos hábitos, novas formas de pensar e novos espaços de sociabilidades (Britto, 1977; Monteiro, 2015).

---

<sup>10</sup>O *Arrebol*, *Gazeta*, *O Comércio*, *Diário do Piauí*.

Nessa mesma praça e em seu entorno, encontravam-se também outros pontos de lazer, como, o Café Avenida e o Bar Carvalho. O funcionamento desses estabelecimentos, bem como a frequência à praça estavam condicionados ao período em que o sistema de iluminação elétrica permanecia ligado. Às vinte e duas horas era tocado o apito da Usina Elétrica<sup>11</sup> ou o toque da corneta da Polícia Militar, avisando que, daquele momento a poucos instantes, o sistema de iluminação seria desligado. Os frequentadores, ao ouvirem a sirene, deixavam a praça, ficando apenas alguns boêmios, em busca de outros locais de entretenimento e destinavam-se na maioria das vezes às “casas de vida fácil” da Rua Paissandu.

A Praça Rio Branco caracterizava-se também como ponto de encontro, para que a partir dali as pessoas se dirigissem aos cinemas da capital. Estes espaços eram considerados o centro de diversões predileto da sociedade teresinense, locais em que as pessoas apreciavam as fitas em exibição. Do mesmo modo, os teatros, cafés e bares eram os outros espaços de sociabilidade em Teresina (Costa, 2009; Britto, 1977).

---

<sup>11</sup>Primeira usina elétrica do Estado do Piauí: a termelétrica a lenha denominada Usina Elétrica de Teresina localizada às margens do rio Parnaíba, com potência instalada inicial de 224 kW.

A imagem da Figura 02 data de 1914. Nela pode-se ver o prédio da Usina Elétrica, na Avenida Maranhão, entre as Ruas Joaquim Ribeiro e Santa Luzia.

Figura 02: Usina Elétrica em 1914.



Fonte: portalpiracuruca.com<sup>12</sup>

Ao tempo em que crescia a economia da cidade com o extrativismo vegetal, o Governo Federal facilitava e até financiava a imigração visto que necessitava de mão de obra para os postos de trabalho disponíveis, principalmente no campo. Então vinham para o Brasil italianos, alemães, japoneses, polacos e muitos outros para assumir os postos de trabalho disponíveis, e, junto com eles, chegaram, também, os sírios e os libaneses que, partiram de seus

---

<sup>12</sup><https://portalpiracuruca.com/historia/primordios-da-iluminacao-eletrica-em-teresina>. Acesso em 26 de junho de 2023.

países para fugir da guerra em busca de uma vida melhor, mas estes últimos não queriam trabalhar no campo e sim no comércio (Tajra, 2014).

A facilidade que o governo brasileiro oferecia, associado ao contato que os imigrantes sírios e libaneses já exerciam com alguns de seus compatriotas e familiares estabelecidos na América, e particularmente no Brasil, contribuiu para que deixassem sua terra em busca de novas oportunidades. Saíam de suas cidades de origem por diversas razões, mas o objetivo era sempre o mesmo: a busca por melhores condições de vida nas cidades que cresciam, e, no Brasil, tinham preferência por cidades produtoras de café e de borracha (Pimentel, 1986).

Segundo Vilhena (2001), estes imigrantes começavam a chegar também no Piauí. Eles se fixaram nas cidades situadas às margens do Rio Parnaíba, inicialmente em Floriano e em seguida, em Teresina (1905, 1912 e 1913), mas também em Parnaíba. Eram em sua maioria imigrantes sírios e libaneses. Vinham comercializar artigos de natureza diversa, principalmente artigos de moda. Sua presença, especialmente em Teresina, foi fundamental para a evolução do comércio local (Tajra, 2014).

Nas primeiras décadas do século XX, a vida econômica, política e social de Teresina se concentrava nas margens do Rio Parnaíba e no seu entorno, em decorrência

de estar na rota do transporte fluvial: a barca que fazia o transporte através do rio parava em frente ao cais da antiga Usina de Força (Kruel, 2015). No local, encontravam-se muitos vendedores e casas comerciais, como a Loja Paulista, a Loja Brasileira e o Centro Elegante, que tinham um sortimento variado e vendiam diferentes produtos no mesmo local, entre alimentos e bens de consumo. Encontrava-se de tudo em uma mesma loja: tecidos, chapéus, agulha, carvão, querosene, queijo, sabonete, babaçu, cera de carnaúba, couro de boi e ainda animais domésticos e silvestres, como pode-se observar nos anúncios das Figuras 03 e 04. Tinham mais aspecto de bazares do que de lojas (Tajra, 2014; Britto, 1977).

Figura 03: Anúncio da loja



Fonte: Jornal *O Comércio*<sup>13</sup>

<sup>13</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.

Figura 04: Anúncio da loja

**SEM COMPETENCIA!**

Em LONDRES NA AMERICA, de Pedro Thomas de Oliveira,  
à Praça Saraiva, vendem-se A DINHEIRO:

SABÃO de Martins & irmão, em caixa, kilo	540
SABONETES, Iden, caixa de 100 peças	88000
FARINHA secca, 30 litros	32000
SAL DE COZINHA 40 " "	55000
DIÓX. " 400 " (alqueire)	122000
CIUMMO para caça, sacco	48500
KEROZENE, uma caixa	189000
DE dez caixas acima	425000

FARIADO e completo sortimento de miudezas, farinhas  
secas, rimados do Codô, cartuchos para espingarda & c.

VENDE TAMBÉM arame farjado, grande quantidade das afamadas  
conservas: —azeitonas, massa de tomates, ervilhas, pickles & c.

AINDA: feijão, pescadaíba, pargo, presuntos, paio, linguiça,  
car'inhos & c. de Lopes Cordeiro, Bias & Comp. Dos deliciosos VINHOS  
e COGNACS da acreditada Companhia Vinícola do Porto e VINHO  
COLLARES Meunier, garrafa 42000

**MAIS**

CAFFÉ claro, tipo n. 8	sacca	365000
PHOSPHOROS BANDAIRINHAS, lata de 8 1/3 gozras.		530000
BIROS FIAT LUX.	" " " "	545000

A CHEGAREM oportunamente pelo a Farnshyas, pólcra em lata,  
uma grande partida de ESTOFA, própria para ensaque de algodão, que  
serão vendidas muito barato, e mais um enorme sortimento de café de varios  
tipos, certija de muitas marcas, phosphoros de café, kerozene, cognac  
Goury & c. para vender, como de costume, SEM COMPETENCIA.

COMPRAM-SE todos os generos de exportação, pagando-se aos  
melhores preços do mercado.

Fonte: Jornal *O Comércio*<sup>14</sup>

A Livraria Econômica, por exemplo, vendia, em um mesmo estabelecimento, coques enfeitados para senhoras, gravatas e colarinhos bordados, leques com plumas, botinas cano alto, chapéus para homens e senhoras, lãs de boa qualidade, vinhos, licores, doces, biscoitos, passas e queijos, além dos produtos de um estabelecimento como uma livraria: livros, papéis, pastas e outros artigos do gênero (Tajra, 2014).

Havia uma única casa comercial especializada, trabalhando apenas com tecidos. Era a Loja Paulista a qual recebeu esse nome porque o proprietário era oriundo da cidade de Paulista, em Pernambuco. Vendia especialmente

<sup>14</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.



os tecidos da Fábrica Lundgren, que ficava localizada na Rua São José (atual Félix Pacheco) de frente para o Rio Parnaíba, mas, em 1924, em decorrência de uma enchente, mudou-se para a Praça Rio Branco. Em 1932, teve seu nome mudado para Casas Pernambucanas (Monteiro, 1987).

O comércio de Teresina foi crescendo e as lojas iam deixando de ser empórios. Já era possível perceber a separação entre o armazém de produtos de exportação e o grossista. As lojas passam a se especializar em determinados segmentos, contribuindo para essa nova fase de organização do comércio. Os imigrantes sírios e libaneses se estabeleciam com casas de artigos de moda, localizadas inicialmente nas imediações do mercado central (Tajra, 2014; Monteiro, 2015).

A cidade chega, então, já na década de 1920, com 30 ruas e 10 praças. Em sua arquitetura já se faziam presentes algumas casas de alvenaria construídas dentro das normas técnicas da engenharia, embora ainda fosse possível encontrar muitas casas com cobertura de palha. Sua área edificada podia ser estimada em apenas três quilômetros quadrados e, a partir de então, foi se expandindo e os bairros foram se formando (Britto, 1977).

Nesta mesma década, também surgia o primeiro serviço de auto-ônibus para o transporte de passageiros entre diversos pontos da cidade. Em 1921, foi fundada a

primeira agência do Banco do Brasil, e, em 1922, o primeiro clube social de Teresina, que se tornaria referência, sendo o ponto de encontro de pessoas com maior poder aquisitivo: o Clube dos Diários.

Figura 05: Primeiro ônibus de Teresina.



Fonte: acervo da APL

Em 1927, foi inaugurado o serviço de bonde para o transporte de passageiros, utilizado também como lazer nos finais de semana. O bonde em Teresina funcionava em cima dos trilhos, mas com um motor de caminhão (Monteiro, 2015). Esse transporte passou a fazer parte do cotidiano do teresinense e a ser objeto de disputa entre as diferentes classes sociais, em que a elite queria manter-se afastada dos menos favorecidos economicamente. Foi dividido, então, em duas áreas, o “bonde de primeira” e o

“bonde de segunda”. Neste último, andavam todos os indivíduos considerados desqualificados pela sociedade: os malvestidos, os sem higiene adequada do corpo e os de pés descalços (Britto, 1977; Monteiro, 1987).

Figura 06: Um dos primeiros bondes a motor de Teresina



Fonte: muvis\_pi<sup>15</sup>

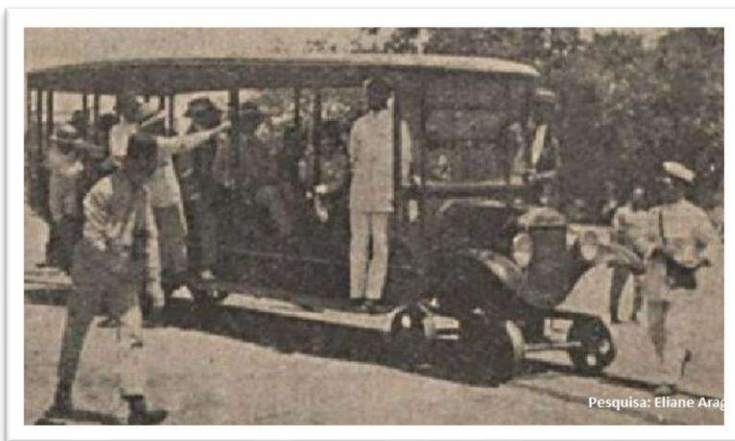
Exigiam-se regras para andar no transporte da primeira classe, como o traje completo, por exemplo. Homens e mulheres deveriam vestir-se e portar-se dentro dos rigores dos novos padrões: os homens deveriam estar com gravata e bengala; as mulheres, de sapatos, saias compridas, chapéus e vestidos elegantes. Já as crianças, deveriam estar acompanhadas e socialmente bem vestidas

---

<sup>15</sup>[https://instagram.com/muvis\\_pi?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==](https://instagram.com/muvis_pi?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==). Acesso em novembro de 2023.

e calçadas, como se pode observar através das imagens presentes nas Figuras 06 e 07. O sucesso inicial causado pelo bonde foi declinando lentamente em consequência da falta de incentivos, de limpeza e manutenção, chegando a ser desativado em 1930 (Monteiro, 2015).

Figura 07: Primeiro bonde que circulou em Teresina (1927)



Fonte: muvis\_pi<sup>16</sup>

A vestimenta sempre foi um diferenciador de classes e, em Teresina, além de contribuir no processo de segregação entre os mais abastados e os mais pobres e de favorecer o surgimento de espaços onde os mais ricos pudessem dispor desses instrumentos e conviverem entre si, evitando o contato com aqueles vistos como “escória”, serviu

---

<sup>16</sup>[https://instagram.com/muvis\\_pi?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==](https://instagram.com/muvis_pi?igshid=MzMyNGUyNmU2YQ==). Acesso em novembro de 2023.

também como elemento que refletia status e prestígio dentro de uma mesma classe, da elite (Monteiro, 1987). A elite teresinense competia entre si. A roupa da moda, o comportamento refinado e a boa educação constituíam-se em itens formadores de opinião acerca do valor do indivíduo, sendo requisitos essenciais para expressar “hierarquia” dentro da sociedade.

Do ponto de vista econômico, a década de 1930 é tida como um marco divisor da história do comércio. Nessa época, começava a construção das primeiras rodovias pelo Governo Federal, chegando a alterar a fisionomia econômica do estado e, conseqüentemente, de sua capital, intensificando a vida comercial que modificaram tanto a cidade como a moda adotada pela população. Foi o período em que o transporte de cargas se efetivou de fato em Teresina e as tropas de mulas, os carros de boi e até o transporte fluvial foram cedendo lugar ao caminhão e ao transporte rodoviário e ferroviário e, assim, continuou por toda a década de 1940.

Na década de 1940, o preço da cera de carnaúba voltou a subir pela valorização do produto no comércio exterior em decorrência de outra guerra que se instaurava, a Segunda Guerra Mundial, chegando a ser um dos produtos mais valorizados do mundo, dando mais um

impulso ao crescimento do comércio em Teresina (Queiroz, 2006).

Mas foi mesmo nas décadas de 1940 e 1950 que Teresina viveu seu grande surto de modernidade, pois houve grande investimento direcionado para a modernização da cidade. As principais praças receberam reformas. A Praça da Bandeira foi transformada em um parque ambiental, as ruas foram alargadas para que os carros pudessem passar, o espaço urbano foi se modificando, as ruas de piçarra foram substituídas por calçamentos, códigos de posturas foram publicados para coibir a criação de animais e de seu trânsito pela cidade, leis de higiene também vieram contribuir para a diminuição das epidemias, as principais ruas receberam arborização com Oitizeiros, um hospital começou a ser construído e inaugurado ainda na década de 1940, o Hospital Getúlio Vargas além de uma maternidade, a Maternidade São Vicente de Paula, o Hotel Piauí, o prédio dos Correios e Telégrafos. Foram também construídos nestas décadas os prédios do Arquivo Público e o Quartel da Polícia (Monteiro, 2015).

### **Moda: comércio, consumo e difusão**

A chegada dos imigrantes e exímios comerciantes sírios e libaneses a Teresina ocorre em um momento

bastante propício. Estes encontraram as condições ideais para se estabelecerem no ramo comercial, pois o comércio era pouco explorado, mas já dava sinais de algum desenvolvimento. Como a cidade passava por modificações estruturais e econômicas, eles viram em Teresina algumas oportunidades. Eram dotados de grandes habilidades como comerciantes e tinham uma forte tendência e preferência para o comércio especializado em artigos de moda: tecidos, fantasia e, posteriormente, aviamentos, calçados, perfumes, entre outros, que ainda não existiam na capital. Inicialmente, trabalhavam como mascates ou eram proprietários de pequenos bazares (Tajra, 2014).

Aqueles que trabalhavam mascateando, saíam às ruas oferecendo suas mercadorias de porta em porta. Vendiam o que tinham trazido de suas viagens e logo viajavam novamente para adquirir novos produtos a fim de renovar seus estoques. Algumas mercadorias novas também eram obtidas com parentes que comercializavam em outras cidades brasileiras como São Luís, Rio de Janeiro e São Paulo. Os mascates usavam a matraca, um instrumento barulhento, para anunciar sua passagem pelas ruas da cidade. Tinham uma forma diferenciada de lidar com os clientes, eram exímios negociantes. Deste modo, os artigos de moda, novidade na cidade, foram logo aceitos pelos teresinenses (Tajra, 2014).

Transportavam suas mercadorias dentro de malas, sacolas, caixas ou baús. Vendiam pentes, agulhas, novelos de linha, travessas para cabelo, botões, rendas, bicos, rococós, chapéus, relógios, etc., que chagavam, então, facilmente nas mãos dos consumidores, desejosos por mercadorias diferenciadas e dentro da moda difundida na capital brasileira (Tajra, 2014).

De mascates, muitos evoluíram para donos de estabelecimentos especializados, instalando-se nas ruas centrais da cidade, que eram mais cuidadas e até possuidoras de calçamentos, como as Ruas Paissandu (antiga Rua Piquizeiros), Teodoro Pacheco (antiga Rua Bela) e Rui Barbosa (antiga Rua Imperatriz). Algumas dessas lojas funcionavam em suas próprias casas, ficando o estabelecimento no térreo, e, a residência no andar de cima, geralmente de uma só porta. O negócio funcionava com o empresário sozinho ou em sociedade com parentes. Ali negociavam com produtos mais sofisticados: sedas, veludo, perfumaria, ceroulas de linho, escarradeiras para residências e até queijo flamengo. Seus produtos destinavam-se a uma clientela mais exigente, a elite teresinense, provocando uma transformação na economia local e na vida de uma parcela da população que almejava seguir a moda de Paris (Tajra, 2014).



Assim, o comércio local foi tomando uma nova dinâmica. Observou-se a introdução de uma mercadoria mais rica e sofisticada, além de um estoque mais variado. Concomitantemente, as novidades iam se propagando pelas páginas dos periódicos vindos de fora que circulavam pela cidade, e, também, pelos anúncios distribuídos nos jornais de circulação local que davam destaque aos produtos, incitando àqueles que possuíam recursos financeiros ao consumo.

Iniciaram-se os crediários, surgindo a venda pelo sistema de prestações. Nas lojas, se observava vendedores com novos perfis, com habilidades e comportamentos direcionados para vendas e atendimento ao cliente, que conheciam os produtos que vendiam, diferentemente daqueles encontrados até então, sem conhecimento sobre o que vendiam e sem autonomia para lidar com descontos ou vendas à prestação (Vilhena, 2001).

Outra grande novidade foi a utilização de manequins nas vitrinas das lojas os quais trouxeram ao mesmo tempo espanto e admiração. Instalavam-se nas vitrinas bonecos em tamanho natural, vestidos como se fossem gente. Eles tornaram-se uma grande atração para a cidade. Com as novidades em artigos de moda que traziam a cada retorno de viagem, os imigrantes iam mudando a paisagem e, movimentando o comércio de Teresina no início do século

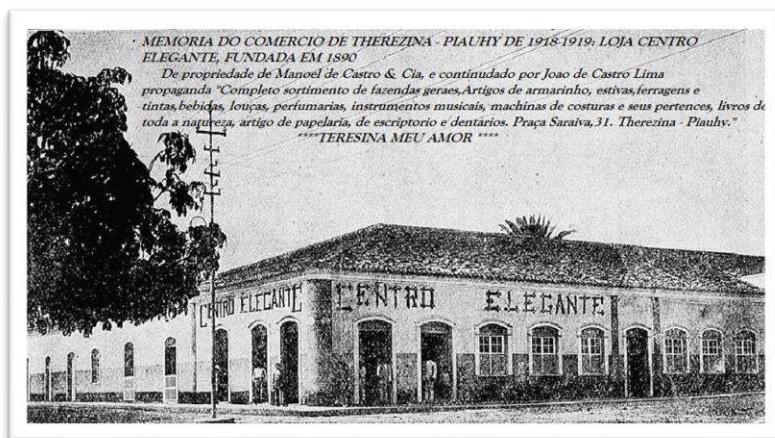
XX. Vale ressaltar que esta realidade também acontecia no restante do país, com a presença maciça dos imigrantes árabes em todo o Brasil (Monteiro, 2015).

Na década de 1930, segundo autores como Tajra (2014), Rego (2010) e Monteiro (2015) Teresina já apresentava então um varejo de moda variado e sortido. Tajra (2014) afirma que nessa década houve uma transformação na economia de Teresina por meio do comércio especializado e variado de mercadorias. Rego (2010) complementa dizendo que a importação desses produtos era bastante comum desde o período oitocentista. Monteiro (2015) conclui afirmando que as lojas davam destaque às novidades dos artigos de moda que comercializavam, vindos da Europa. Afirma ainda que o crescimento do comércio fez aparecer, com o tempo, uma elite de comerciantes e de consumidores de artigos finos e raros como, chapéus de palha, espelhos, bengalas, mantilhas de seda e de linho, sedinhas, golas e colarinhos modernos, luvas de seda, gravatas, veludos, cetins, joias, sapatos, plumas brancas e coloridas, meias de cores para homens e senhoras, alpacas pretas e de cores, perfumarias finas e tudo o mais que divulgavam nos jornais e nas fitas de cinema exibidas na época.

Dentre essas lojas, pode-se elencar algumas que anunciavam seus produtos em jornais locais: **Centro**

**elegante** - loja de moda que comercializava fazendas em geral, louças, perfumaria, máquinas de costura etc.; **Casa Progresso** - vendia, além de tecidos, toda espécie de miudezas e perfumes; **A Samaritana** - vendia tecidos em seda, *voiles* lisos e estampados, calçados, chapéus e perfumaria francesa, inglesa e nacional, sombrinhas e artigos de armarinho; **Casa Síria** - vendia tecidos, perfumaria e artigos de armarinho. Foi o primeiro estabelecimento a usar manequins em vitrinas iluminadas, causando grande sucesso na cidade, sendo logo copiado por outros comerciantes (Monteiro 1987; Tajra, 2014; Jornal *A Pátria*<sup>17</sup>, *Jornal Gazeta*<sup>18</sup>).

Figura 08: Loja Centro Elegante



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com><sup>19</sup>

<sup>17</sup>Jornal *A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

<sup>18</sup>Jornal *Gazeta*, Teresina, 1943, n 1294, 1370. *Jornal Gazeta*, Teresina, 1944, n. 1494.

<sup>19</sup>Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.27238834284171>

**A Mariposa** - vendia tecidos finos, rendas francesas e outros artigos mais refinados; **Casa Centenária** - vendia sedas, tricolines, brins e outras variedades de tecidos, além de perfumaria e calçados; **A Imperatriz** - loja de tecidos no varejo especializada em linho, importava o linho belga e o holandês. Era a única loja na cidade que vendia linho puro, mas oferecia também outros tipos de tecidos, assim como artigos de armarinho; **Casa Carvalho** - vendia artigos para costura, perfumaria, armas e canetas; **Loja Venesiana** - localizada na Rua Senador Pacheco, comercializava perfumes franceses, ingleses, americanos, alemães e nacionais, como também fazendas finas, produtos de moda para homens e senhoras e outras mercadorias. Além de tecidos, havia uma sessão de toalhas, meias, camisas e enxoval para noivas. Na sessão de sapataria, encontrava-se calçados, bolsas, carteiras, cintos, chapéus, etc. As **Lojas Rianil**, que vendia tecidos, tinha um prédio de dois pavimentos, inaugurado em 1944, na Praça Rio Branco, considerada à época a loja mais moderna no gênero (Monteiro, 1987; Tajra, 2014; Jornal *A Luz*<sup>20</sup>, Jornal *A Pátria*<sup>21</sup>, Jornal *Gazeta*<sup>22</sup>, Jornal *O Comércio*<sup>23</sup>).

---

1.-2207520000.1456690633. Acesso em outubro de 2014.

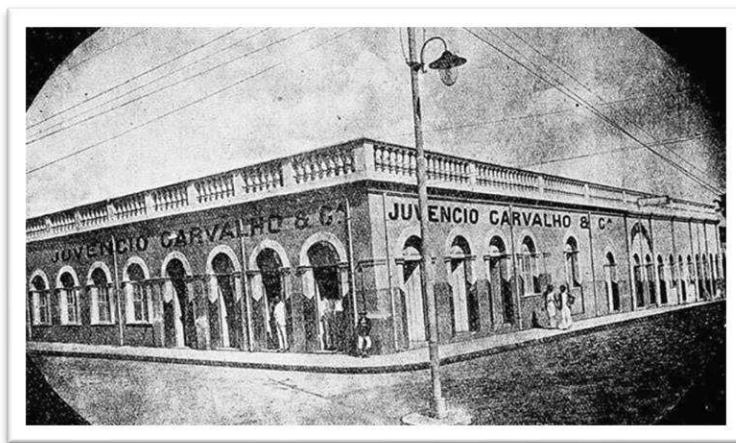
<sup>20</sup>Jornal *A Luz*, Teresina, 1939, n. 1, 3 e 5.

<sup>21</sup>Jornal *A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

<sup>22</sup>Jornal *Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1294 e 1370; Jornal *Gazeta*, Teresina, 1944, n. 1494.

<sup>23</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 71.

Figura 09: Lojas Venesiana



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com><sup>24</sup>.

**Sapataria Elite** – possuía grande sortimento em calçados masculinos, femininos e infantis; **Casa Paulista** - vendia tecidos nacionais e importados; **Bazar da Moda** - especialista em chapéus, tecidos finos para roupa de senhoras, perfumes e calçados; **Casa Centenário** - especialista em miudezas, calçados, chapéus, perfumes e tecidos; **Loja Brasileira** - vendia cetins, setinetas, gases de seda, casimiras, gregas<sup>25</sup>, espartilhos, meias, etc.; **Casa Alves** – comercializava tecidos, calçados e miudezas; **Casa Santana** – sua especialidade eram as fazendas, além de perfumaria, chapéus e roupas feitas; **Au Bon Marchée** -

<sup>24</sup><https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014

<sup>25</sup>Cercadura decorativa colocada em roupas, normalmente bordada e com bastante cores. Galão.

vendia tecidos no varejo e no atacado; (Monteiro 1987; Tajra, 2014; *Jornal A Luz*<sup>26</sup>, *Jornal A Pátria*,<sup>27</sup> *Jornal Gazeta*<sup>28</sup> ).

Figura 10: Fachada do estabelecimento comercial do *Au Bon Marché*.



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com><sup>29</sup>

**A Vencedora** - anunciava produtos para a elite, ao rigor da moda; **Casa Barateira** - comercializava artigos mais sofisticados para os apreciadores da moda; **A Bela Aurora** – trabalhava com joias em geral, pulseiras, brincos, colares, anéis, inclusive de formatura, medalhas, broches e relógios. Atendia a clientela masculina, feminina e infantil; **Loja Londres na América** - constituía-se em uma das lojas mais

<sup>26</sup>*Jornal A Luz*, Teresina, 1939, n.1, 3 e 5.

<sup>27</sup>*Jornal A Pátria*, Teresina, 1902, n. 9.

<sup>28</sup>*Jornal Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1294, 1370. *Jornal Gazeta*, Teresina, 1944, n.1494.

<sup>29</sup>Cf. <https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

sortidas em produtos de moda. (Monteiro 1987; Tajra, 2014; Jornal *A Luz*, nº 1, 3 e 5 de 1939; Jornal *A Pátria*, nº 9 de 1902; Jornal *Gazeta* nº 1294, 1370 de 1943, nº 1494 de 1944; Jornal *O Comércio*, nº 71 de 1907).

Figura 11: Loja Londres na América.



Fonte: <https://www.teresinameuamor.com><sup>30</sup>.

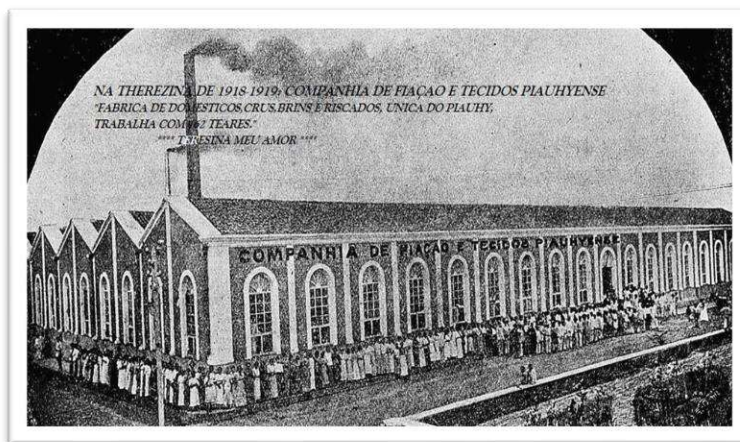
Teresina tinha também a Companhia de Fiação Piauiense, que difundia a moda e promovia o crescimento da cidade. Nesse período, inclusive, funcionava com toda sua capacidade produtiva, produzindo brins crus e riscados, empregando diversas mulheres das classes menos favorecidas, as quais eram conhecidas como pipiras, mulheres operárias da fábrica de fiação, que receberam

---

<sup>30</sup><https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

esta denominação por andarem tagarelando pela cidade nas suas idas e vindas ao trabalho em uma animação que chamava a atenção por onde passavam.

Figura 12: Companhia de Fiação e Tecidos Piauyense



Fonte: <https://teresinameuamor.com><sup>31</sup>

Ao redor do comércio de luxo, se difundiam, paralelamente, os prestadores de pequenos serviços, que se relacionavam com a nova vida da cidade e diretamente com a moda: sapateiros, vendedores especializados, cabelereiros (Barbearia Elegante), alfaiates e costureiras.

Nas Figuras 13, 14, 15 e 16, aparecem anúncios de alfaiatarias: Alfaiataria Carvalho, que ficava situada na Rua Barbosa, conhecida por produzir ternos elegantes;

---

<sup>31</sup><https://www.teresinameuamor.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.



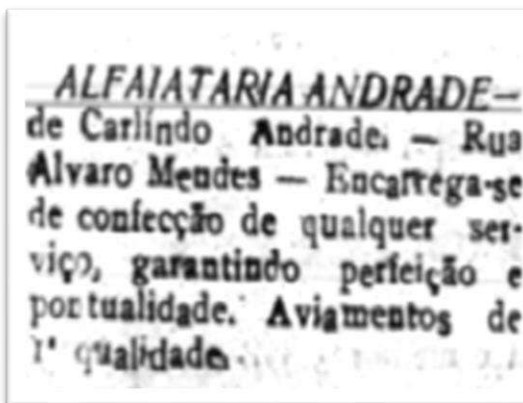
Alfaiataria Santos, Alfaiataria Andrade, Alfaiataria *Smart* e Alfaiataria Moderna.

Figura 13: Anúncios



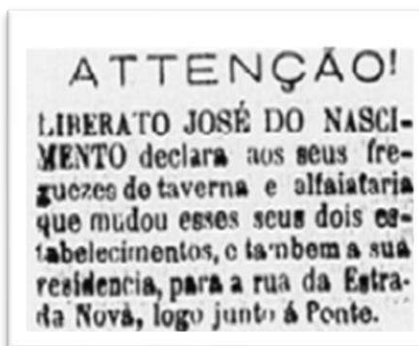
Fonte: Jornal *O Arrebol*<sup>32</sup>.

Figura 14: Anúncios



Fonte: Jornal *O Arrebol*<sup>33</sup>

Figura 15: Anúncios



Fonte: Jornal *O Comércio*<sup>34</sup>

Figura 16: Anúncios



Fonte: Jornal *O Comércio*<sup>35</sup>

<sup>32</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 84.

<sup>33</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 84.

<sup>34</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1906, n. 22.

<sup>35</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 77.

Nas lojas, ainda não se encontravam com facilidade as roupas prontas para uso. Apenas durante os anos de 1950 é que começa a chegar em Teresina o comércio de roupas prontas, mas com um custo ainda muito elevado, o que fazia com que se mantivesse a tradição de comprar o tecido, escolher o modelo e mandar confeccionar.

As roupas produzidas eram inspiradas em imagens oriundas de revistas ou das fitas de cinema, em que as celebridades *hollywoodianas* ditavam a tendência do que era chique e moderno. Eram confeccionadas, em sua grande maioria, por costureiras ou modistas em ateliês domésticos ou pelas próprias donas de casa. Eram peças feitas sob medida. O mais comum era que as mulheres costurassem suas próprias roupas e de suas filhas como era o caso de Dona Gracy Aguiar, ilustríssima senhora da elite teresinense, esposa do governador Eurípedes Aguiar, mãe de Genu Moraes e Lidya Lina de Aguiar (Kruel, 2015).

Em Teresina, a grande maioria das mulheres dominava o ofício da costura. Desse modo, era comum a disponibilidade para venda de máquinas de costura no comércio, inclusive de máquinas usadas. Assim, tornara-se costume possuir uma máquina de costura. A esse respeito, Nascimento (2002) afirma que, na ocorrência de incêndios, muito comum em Teresina à época, devido a cobertura de palha das casas, um dos primeiros bens a serem salvos

eram as máquinas de costura. Os anúncios dos jornais da época, também fortalecem a afirmação. Pode-se encontrar anúncios oferecendo as máquinas novas e usadas, como observa-se nas Figuras 17, 18 e 19: Anúncios do jornal *O Comércio* e do jornal *Gazeta*.

Figuras 17 e 18: Anúncio de Máquina de Costura



Fonte: *Jornal O Comércio*<sup>36</sup>



Fonte: *Jornal Gazeta*<sup>37</sup>

<sup>36</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 74.

<sup>37</sup>Jornal *Gazeta*, Teresina, 1943, n. 1342.

Figura 19: Anúncio de Máquina de Costura Singer.



Fonte:Jornal *O Comércio*<sup>38</sup>

Os comerciantes difundiam a tendência de moda através dos jornais locais, informavam que traziam as novidades das grandes cidades brasileiras e as recebiam por meio de telegramas, que faziam a conexão entre Teresina e tudo o que acontecia no exterior.

As novidades também chegavam por meio das viagens que faziam para as grandes cidades e capitais brasileiras, e para a Europa a exemplo da Figura 20, imagem da família Campos, que esteve em Araxá na década de 1940. Era comum, desde a década de 1910, piauienses viajarem para muitos lugares para estudar, trabalhar e, nas décadas mais próximas à metade do século, para o laser sempre

<sup>38</sup>Jornal *O Comércio*, Teresina, 1907, n. 77.

trazendo as novidades da moda que estavam em evidência (Kruel, 2015; Queiroz, 2008).

Figura 20: Família Campos em viagem a Araxá, em 1942.



Fonte: Acervo de Juliana Castelo Branco Noronha Campos.

O cinema também foi um dos grandes propagadores da moda, se não o maior deles. Influenciou sobremaneira na divulgação das roupas, dos penteados, das maquiagens e do próprio estilo de vida das pessoas. É possível afirmar que foi, dentre as diversões do início do século XX, a que teve enorme força na construção de uma civilização. No espaço local, ele afastava a população teresinense de uma tradição que relembrava um passado arcaico, trazendo, inclusive, os novos modismos para a cidade. O lazer em Teresina esteve permeado de um discurso civilizador, a partir do qual os cronistas procuravam corrigir os atos

denominados de “incivilizados” da população, como é possível observar nas crônicas dos periódicos analisados.

No início, as projeções cinematográficas, além de terem sido consideradas como as primeiras diversões públicas de Teresina, foram também o meio mais eficaz para a difusão da moda na cidade. As primeiras projeções teriam ocorrido em Teresina por volta de 1901 ou 1902 (ainda há controvérsias nas referências), que se referiam ao cinema mudo. Em 1908, a cidade recebeu a primeira empresa com cinematógrafo falante (consistia em uma exibição de imagens possuidora de um fundo musical e de legenda), a Fontenele & Cia, vinda de Paris, que contava com estoque de 500 fitas. As projeções com falas só chegam à capital do Piauí na década de 1930, sendo exibidas no Teatro 4 de Setembro (Fontineles Filho, 2008; Queiroz, 1998, 2008).

Nos anos de 1920, a cidade ganhava três cinemas diários: Cine América, Éden Cinema e Teatro-Cinema Palace. Os atores e atrizes em destaque nas películas serviam de referência para o público - principalmente o feminino. As novidades influenciavam as mulheres, ditavam modas de toaletes e introduziam novos hábitos civilizados, de comportamentos e costumes, novos modos de sentar, de olhar, de fumar, de dançar, de flertar e,

principalmente, de se vestir, que foram logo assimilados. Eram os novos modismos que chegavam em Teresina.

Todos esses fatos foram registrados pelos periódicos da época, que, muitas vezes, exibiam críticas à maneira “leviana e frívola” sobre a forma como as mulheres se vestiam e se comportavam. A moda, de um modo geral, contribuiu para a ruptura com o mundo tradicional e patriarcalista na medida em que as novidades funcionavam como modelo para o presente, e conseqüentemente como uma negação do passado (Fontineles Filho, 2008).

Essa nova forma de entretenimento se sobressaiu como uma das diversões mais procuradas em Teresina. Desse modo, o cinematógrafo também conquistou rapidamente o gosto popular e tornou-se um dos veículos divulgadores do progresso, da mudança de costumes e da elegância. A divulgação da moda tornou-se mais rápida e, com isso, as roupas em voga eram substituídas cada vez mais rapidamente.

Os filmes estimulavam o consumo das novidades ali disseminadas, ditando o que deveria ser usado para manter-se elegante, constituindo-se como o referencial da propagação dos novos costumes. O público julgava-se obrigado a seguir aqueles estilos. O cinema proporcionou novos horizontes para a vida das pessoas e influenciou

diretamente os costumes da cidade. As mulheres podiam desfilarem sua elegância nos cinemas, nos salões e nas praças.

Os modelos de roupa, chapéus, sapatos e acessórios que eram exibidos pelas atrizes nos filmes eram muito desejados e logo copiados pelas teresinenses. Eram modelos americanos e europeus, principalmente franceses, que passaram a determinar o que se considerava como bom gosto, chique e elegante no vestir. Mudou também o imaginário feminino de então e as mulheres passaram a sonhar com os famosos atores dos filmes, homens românticos, bem vestidos, elegantes e diferentes dos homens com os quais elas conviviam, estando estes também em busca de novas formas de se vestir: ternos, fraques, camisas, chapéus e sapatos como aqueles ditados pela moda masculina em voga.

O cinema ligou Teresina aos modelos de vida europeu e americano, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, difundindo os novos produtos e as novas modas que exigiam a presença desses produtos no comércio local. “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas” (Castelo Branco, 2013, p. 65).

Alguns cronistas relatam ter sido o cinema uma ferramenta bastante eficaz na formação da cidade



moderna e consideravam-no como um importante meio de comunicação para constituir uma sociedade de bons hábitos e costumes. Outros, porém, consideravam que ele tinha efeitos maléficos na sociedade, pois deteriorava os padrões morais, manipulava as massas e ditava regras e posturas que não eram condizentes com a população.

Outra forma de difusão dos elementos de moda era as revistas francesas e nacionais que iam surgindo em Teresina, algumas encontradas em livrarias, outras em lojas de artigos de moda, como o *Jornal das Moças*. Outras ainda circulavam trazidas pelas senhoras e senhoritas de suas viagens ou enviadas pelos correios por parentes que residiam em grandes capitais do Brasil, como a Revista *O Cruzeiro* e a *Fon Fon*. A fotografia substituiu as ilustrações nas revistas, as tendências da alta costura foram divulgadas pela mídia para o mercado de massa.

Das revistas que circulavam pela cidade de Teresina, destacam-se a Revista *A Cigarra* e *O Jornal das Moças*, ambas editadas no Rio de Janeiro. Além delas, outras revistas que circulavam vinham da Europa, principalmente de Paris, divulgando as novidades da moda do vestuário: *Elite*, *Parisiana*, *Le Chapeus*, *Bleuses de Le Saison*, *Album Parisiana*, *Façon Falleur*, *Le Chic* e uma revista que propagava a moda infantil, *a Modes d' Enfants*.

Algumas traziam imagens de croquis, fotos e moldes em tamanho original, além dos jornais. Por meio desse material, a população ficava informada dos tecidos mais usados e das roupas da moda (Cardoso, 2010).

No decorrer da década de 1920, era grande a circulação desse tipo de revista por Teresina e nelas eram difundidos os mais variados produtos, buscando ampliar o mercado consumidor e a promoção de utensílios modernos como os eletrodomésticos, artigos para casa, além de artigos de moda. Traziam também assuntos como beleza, decoração e outros que faziam parte do cotidiano das mulheres. A imagem presente na Figura 21 nos permite concluir que até os homens tinham interesse pela moda.

Figura 21: Rapazes do Colégio Diocesano



Fonte: Acervo da família Marwell<sup>39</sup>.

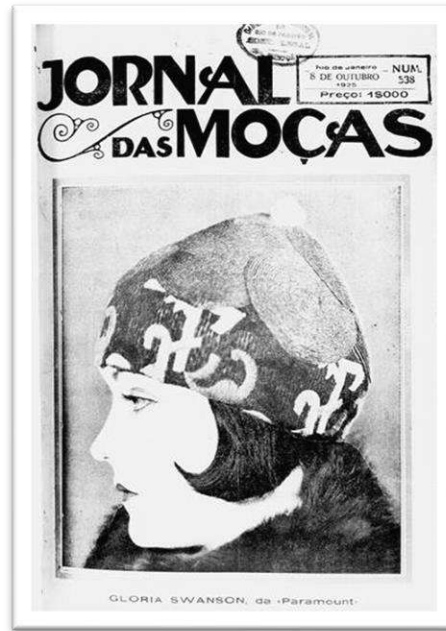
<sup>39</sup>Cf. <https://www.cidadeverde.com>. Acesso em outubro de 2014.

Os títulos dos periódicos indicam que a moda francesa alimentava o ideal de modernidade esboçado no vestuário e em novas formas de sociabilidade, pois exibiam, não só os novos modelos de roupa, mas traziam também as novas formas de viver, os novos locais de sociabilidade e novos hábitos e comportamentos. As revistas mostravam modelos ousados de vivência da juventude, ficando relativamente explícita a relação entre a juventude e a ideia de transgressão de valores tradicionais.

Destaque se dá ao periódico que circulou no Brasil entre os anos de 1914 e 1965, o *Jornal das Moças*. Era publicado na cidade do Rio de Janeiro e se anunciava como uma Revista Semanal Ilustrada. Era distribuído nas capitais de todo o país, inclusive em Teresina. Possuía, em média, 75 páginas com textos e ilustrações e o seu conteúdo abordava assuntos de interesse da esfera feminina.

---

Figura 22: *Jornal das Moças* Número 538 de 1925.



Fonte: Biblioteca Nacional <sup>40</sup>

Com essa proposta, apresentava comentários sobre a moda e oferecia também conselhos de economia doméstica, contos, poemas, piadas, notícias de cinema, curiosidades, receitas culinárias, moldes de roupas da estação, fotos da sociedade fluminense, anúncios de cosméticos e de medicamentos, de lojas especializadas em artigos femininos e infantis, partituras musicais, resenhas de filmes e sugestões de leitura. A Figura 23 mostra páginas do *Jornal das Moças* em que se pode visualizar diversos

<sup>40</sup>Cf. [http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031\\_03&pasta=ano%201925&pesq=](http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%201925&pesq=). Acesso em julho de 2016.

tipos de anúncios de produtos e equipamentos do interesse das mulheres.

Figura 23: Páginas do *Jornal das Moças* Número 1021



Fonte: Biblioteca Nacional<sup>41</sup>

Também tinha destaque a Revista *Fon Fon*, que recebeu esse nome em referência ao barulho proporcionado pela buzina dos automóveis, algo considerado como moderno na época. A revista circulou por um longo período no Brasil e, também, em Teresina,

<sup>41</sup>[http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/doceader.aspx?bib=111031\\_03&pasta=ano%20193&pesq=](http://bndigital.bn.br/hemeroteca/memoria.bn.br/DocReader/doceader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%20193&pesq=). Acesso em julho de 2016.

onde era comercializada em lojas e livrarias. A revista continha em média sessenta páginas e havia edições em que se divulgava, também, a moda para o público infantil, como a edição de 1947 (Figuras 24 e 25).

Figura 24: Revista *Fon Fon*

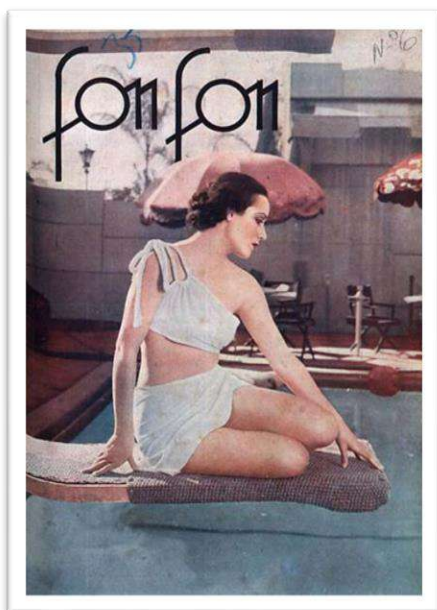
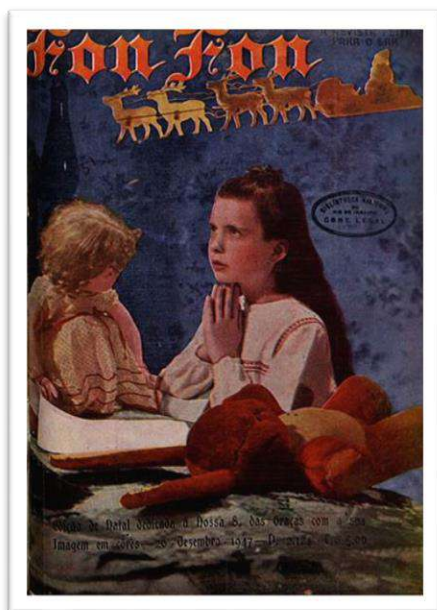


Figura 25: Revista *Fon Fon*



Fonte: Biblioteca Nacional<sup>42</sup>

Essa revista incluía, em algumas edições, o molde da roupa em tamanho real, o que facilitava na hora da confecção da peça. Na Figura 26, observa-se um encarte da

<sup>42</sup><http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pasta=ano%20193&pesq=>. Acesso em julho de 2016.

Revista *Fon Fon* que anuncia a disponibilização dos moldes para a confecção das roupas.

Figura 26: Encarte da Revista *FonFon*.

**um molde grátis para você**

1. Vestido sem mangas, com decote redondo e busto franzido. Jaleco largo.

2. Conjunto em duas partes, short e "top" casado, com decote amplo e gola bordada. Cintura decorativa pronunciada em tiras.

3. Conjunto em linha litorânea, saia longa, blusa e shorts, ambos fendidos lateralmente em linha.

Se os moldes dos tops e saias não estiverem em esta página, consulte a ser oferecidos gratuitamente, basta preencher o formulário e enviar para: **VEIA**, c/c P.O. 1000, São Paulo, SP.

Rua Pedro Alves, 68  
tel. 24-2400, São Paulo, SP

**MODELO N.º** ..... **COM AS MEDIDAS:**  
 Ombro..... Bustos (alt.).....  
 Cintura..... Quadril..... Alt. da silh.....  
 Manga: Cabe.....  
 Larg. do pescoço..... Larg. do busto.....  
 Larg. do ombro..... Larg. do pulso.....  
 Larg. do tornozelo..... Larg. do pé.....

**Nome**.....  
**Rua**.....  
**Cidade**.....  
 21-2-1958

Fonte: <http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br><sup>43</sup>

A Revista *Fon Fon* tinha conteúdo era variado e trazia reportagens sobre moda, estilos, comportamentos e hábitos modernos, tais quais: viajar, praticar esportes (Figura 27) e vestir-se à moda (Figura 28). Focava na vida social carioca, difundindo o que existia de moderno, dando destaque especial à moda, trazendo diversos modelos

<sup>43</sup>[http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008\\_05\\_01\\_archive.html](http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008_05_01_archive.html). Acesso em dezembro de 2014.

femininos e infantis. Continha ainda outras formas de entretenimento, como palavras cruzadas, receitas de bolo além de oferecer um panorama geral das notícias do Brasil e do mundo.

Figuras 27 e 28: Imagens da Revista Fon Fon



Fonte: <http://objdigital.bn.br><sup>44</sup>

Em Teresina, publicava-se o periódico *Chapada do Corisco*. Seus criadores consideravam-no como uma revista para mulheres, visto que este exibia diversos anúncios de especialidade na área da moda ao difundir as lojas do ramo e os produtos que ali eram comercializados<sup>45</sup>. Tinham seu

---

<sup>44</sup>[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_anos.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm). Acesso em dezembro de 2014

<sup>45</sup>*Chapada do Corisco*, Teresina, 1918, n.1, p.1.



conteúdo voltado para o público feminino, literatura, poesia, cantigas, notas sociais e novidades em geral.

As mudanças urbanas e arquitetônicas na cidade de Teresina aconteciam de forma lenta e demorada. No entanto, a assimilação de hábitos e de costumes advindos com a modernidade foram logo absorvidos e trabalhados pela população, principalmente pela elite. Estavam sempre acompanhando as novidades através dos jornais, das revistas e do cinema, exigindo do comércio local artigos que estivessem em sintonia com as novidades lançadas nos grandes centros nacionais e mundiais.

## **CAPÍTULO 2 - FEMINILIDADE, SOCIABILIDADES E CIVILIDADES NA TERESINA MODERNA**

### **A Moda na produção da Feminilidade**

O início da primeira década do século XX em Teresina foi um período em que ainda se convivia com os costumes e valores do século XIX: o homem exercia seu papel no lar, como pai, e no espaço público, como provedor da família, sendo reconhecido por sua inteligência, força, disciplina, civilidade, autoridade, ousadia e poder; e a mulher deveria ter o padrão de beleza vigente, ser virgem, dócil, delicada, frágil, obediente, dependente e resignada, sendo-lhe reservados os afazeres domésticos, o matrimônio, na grande maioria das vezes arranjado e imposto pelas famílias, e a maternidade. O lar era seu espaço de atuação.

Nesse contexto, as roupas femininas tinham o papel de destacar a feminilidade, a incapacidade e o dever da maternidade para a mulher. Demonstravam, também, o poderio econômico do esposo, pai e/ou irmãos. Quanto mais adornada estivesse a mulher e quanto mais limitados fossem seus movimentos, maior era a demonstração da capacidade do homem como provedor daquela família. Funcionava como forma de expressão e comunicação.

As roupas destacavam os contornos do corpo, tinham as cinturas bem marcadas e davam um foco ao busto,

ressaltando a feminilidade. As saias amplas e volumosas, confeccionadas a partir de muitos metros de tecido, juntamente com os saltos altos dos sapatos, tinham a função de ressaltar a fragilidade, a delicadeza, a feminilidade e, principalmente, a limitação feminina, tornando-se um obstáculo à expressão igualitária, à agilidade física e/ou à integração social. Em geral, admirava-se um “físico fraco” e condenava-se um aspecto saudável (Strey, 2000).

A mulher era criada para o casamento e a jovem ideal para casar era aquela prendada, com aptidões para os serviços do lar, que soubesse costurar, bordar, cozinhar e cuidar bem da casa, dos filhos e do marido. Essa concepção começou a dar sinais de mudanças entre o final do século XIX e meados da década de 1930 com a modernização e urbanização das cidades, a incorporação dos novos valores e a divulgação dos ideais feministas (Cardoso, 2010).

A grande maioria das mulheres, devido a sua própria formação para ser mãe, esposa e dona de casa, dominava o ofício da costura e dos trabalhos manuais. Muitas delas, inclusive as da elite teresinense, confeccionavam suas próprias vestes. Outras, porém, utilizavam os serviços de costura das mulheres das classes média e baixa, as quais trabalhavam em suas próprias casas.

Na Figura 29, tem-se o Engenheiro Alfredo Modrach e sua família. Ele projetou, em 1876, na cidade de Campos - Piauí, a Fábrica de Laticínios de Campos, uma das grandes Fábricas de Laticínios do Nordeste. A figura permite perceber as roupas típicas do século XIX: saias volumosas, pesadas, devido à grande quantidade de tecido, e compridas, cinturas bem marcadas, blusas compostas, com decote raso e mangas compridas, não deixando ver o colo nem os braços. Há presença abundante de babados e rendas tanto nas saias quanto nas blusas e os cabelos encontram-se presos em coque.

Figura 29: Engenheiro Alfredo Modrach e família.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com><sup>47</sup>

---

<sup>46</sup><https://www.cidadeverde.com/> Acesso em outubro de 2014.

<sup>47</sup><https://www.cidadeverde.com/> Acesso em outubro de 2014.

Apesar das mudanças que se processavam, ainda se esperava que as jovens se portassem e se vestissem corretamente dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, de modo a preservar o nome da família. Elas tinham que manter o comportamento recatado e eram aconselhadas, principalmente pela igreja e pelos intelectuais mais tradicionalistas, como os presentes nos jornais *O Arrebol* e *Gazeta*, a comportarem-se de acordo com os princípios morais adotados pela sociedade e pelos preceitos religiosos<sup>48</sup>.

Silenciosa, caminhando vagarosamente, passa mademoiselle[...]. Nos seus olhos, deve estar esculpida uma tristeza aniquiladora. O seu temperamento vive em desacordo com as modernices da época atual. Vestidos curtos, colados no corpo, cabelos a *La Garçonne*, decotes são futilidades que vivem em completo desacordo com as suas ideias. E é na doce ilusão de que a moda antiga volte que vive mademoiselle<sup>49</sup>

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mais precisamente na década de 1920, o feminismo surge com força total, sendo difundido pelos periódicos, gerando incerteza e medo na parcela da população mais tradicionalista, inscrevendo uma nova posição para a

---

<sup>48</sup>Jornal *Gazeta*, Teresina, 1925, n. 77.

<sup>49</sup>Vida Social, Teresina, 1926, p.04.

mulher na sociedade e outra forma de lidar com a aparência física, marcada pela crescente exposição do corpo feminino no âmbito público.

Os novos costumes e a moda iam mudando a relação das mulheres com a família, com o lar, com o marido e com o vestuário, além de estarem instituindo o consumo do luxo. As jovens se vestiam com os últimos modelos da moda, totalmente diferente daqueles difundidos até então, para se exibirem nos cinemas, no teatro e nas festas. Era também uma forma de garantir um bom casamento, um casamento com um rapaz de família rica<sup>50</sup>.

Tudo era registrado com frequência pelo rádio e pelos periódicos, jornais e revistas da época. Nos discursos de vários intelectuais, bacharéis, médicos, e recém-formados, nos jornais, percebe-se que muitos iam contra os novos preceitos difundidos, principalmente, no que se refere às novas modas. Segundo a interpretação feita por Elisângela Cardoso (2010) ao pensamento dos intelectuais, eles difundiam a emancipação feminina desde que acontecesse dentro dos moldes da sociedade patriarcal, mantendo-se a diferença entre homens e mulheres no que diz respeito às aparências e aos papéis sociais.

---

<sup>50</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68.

A arquitetura das construções na cidade, a decoração e os móveis das casas, a linguagem, os modos, o corpo e a vestimenta, iam sendo alterados de forma a se tornarem mais compatíveis com os novos ideais que eram difundidos na Europa, na América e nos grandes centros brasileiros e repassados constantemente pelos periódicos locais.

O interesse pela moda se intensificava com o surgimento dos novos espaços de sociabilidade. A população feminina, especialmente aquela mais abastada, a elite, consumia as novidades que chegavam em Teresina. Foi um período caracterizado pelo consumo de novidades e de novos hábitos. Diversas foram as novidades e as modas que surgiram, mais ainda as da década de 1920, e que deram às mulheres, principalmente, novas vestimentas, novas aparências e novas formas de ver a vida. É claro, essas novidades foram condenadas e criticadas por muitos tradicionalistas.

Todas essas novidades que chegavam em Teresina afetavam muito o imaginário feminino, alterando a maneira como se viam e como viam os homens, as relações amorosas e o espaço doméstico. “O feminismo começa a ganhar um contorno mais definido e, começa-se a colocar em discussão o lugar da mulher na sociedade” (Queiroz, 1998, p. 47).

Os periódicos locais exibiam artigos com inúmeras críticas aos novos comportamentos e às novas modas seguidas pelas mulheres que estavam se emancipando no que se refere ao vestuário e, principalmente, ao corte de cabelo, que deixava a nuca à mostra. Nessa época, na década de 1920, era considerada uma parte sensual do corpo feminino e por isso as mulheres deveriam mantê-la escondida, assim como também deveriam manter escondidos os tornozelos<sup>51</sup>.

A mulher, actualmente raspa a nuca com a mesma facilidade que o homem faz o seu bigode. Hoje, são as senhoritas as frequentadoras mais assíduas dos salões de barbearias. Sempre elegantes, bonitas, gentil, a mulher brasileira julga-se uma deusa, tirando do seu próprio corpo um dos mais elegantes atributos de sua beleza. Vivendo assim a sociedade actual não é mais a sociedade de hontem. A moça transforma-se dentro de seu bataclanismo, enquanto a sua beleza, a sua graça vai sendo depreciada pelos bem entendidos no assumpto<sup>52</sup>.

Bárbara Nunes (2014, p. 169) diz que “as críticas aos deslumbramentos e exageros da moda, se tornaram temas de uma série de artigos de jornais, que não pouparam palavras para denominá-los de mundanos, luxuriosos, mesquinhos, fúteis e indisciplinados” e continua

---

<sup>51</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68; Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 70.

<sup>52</sup>*Ibidem*, 1925, n. 70, p.2.



informando que os discursos dos adeptos aos modismos entravam em conflito com as propostas dos pensadores mais conservadores, como daqueles ligados à igreja, e da população em geral, que pregavam, como ideais, homens e mulheres mais comedidos, resguardados, disciplinados e retraídos, principalmente, as mulheres. Para os pensadores mais conservadores, a concepção de feminilidade era:

Uma mulher de coração modesto com sentimentos de esposa fiel, alma recatada, alva, de aspecto angelical, mãos pequeninas, lábios rubros, olhos meigos e doces, perfil mignon, sorriso gracioso, gesto meigo, expressões fugidias, inocência original, andar delicado e miúdo. Devia ser possuidora de vestes singelas e com formas simples que realçariam a formosura corporal<sup>53</sup>

Esse período, a década de 1920, propõe uma mudança radical no conceito de feminilidade. Feminina era a mulher que acompanhava a moda. A parcela mais tradicionalista da população condenava os cabelos cortados, pois consideravam “uma moda sem arte e sem gosto, que deformavam a feminilidade”<sup>54</sup>. “É uma senhora distintíssima, tão distinta que não usa cabelos cortados”<sup>55</sup>. Outra parte, no entanto, aquela mais aberta às novidades,

---

<sup>53</sup>*Ibidem*, 1925, n. 70, p.3.

<sup>54</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1924, n. 68, p.2.

<sup>55</sup>*Ibidem*, 1925, n.70, p.3

afirmava que os cabelos curtos conferiam um ar de inocência à fisionomia, além do que eram mais aconselháveis devido à higiene e à saúde, porém concordavam que estavam curtos em demorado.

Na Figura 30, da família Area Leão em 1929, uma das famílias mais tradicionais do estado, pode-se observar que tanto as jovens quanto a matriarca da família exibem a moda dos cortes *a La Garçonne*. Com relação às vestes, no entanto, observa-se mangas e saias que exibem um comprimento diferente para as mais jovens, bem como uma postura diferenciada e recatada para as senhoras.

Figura 30: Jeremias e Eulina Area Leão com sua família.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com><sup>57</sup>.

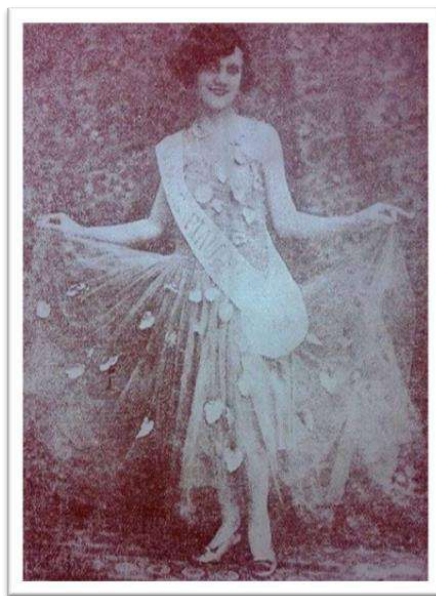
---

<sup>56</sup>Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

<sup>57</sup>Cf. <https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

Na Figura 31, tem-se Antônia Area Leão, primeira *Miss Piauí*, em 1929. A senhorita nasceu na localidade Taboca, berço da família Area Leão, mas vivia em Teresina. Segundo achados da pesquisa, era considerada uma moça bonita e educada. As notícias nos jornais locais, como as contidas no jornal *O Arrebol*, dizem ainda que tinha tudo para ter sido eleita *Miss Brasil*, se não fosse por um erro na rota que tomou, a qual provocou uma chegada tardia ao Rio de Janeiro, no dia seguinte à realização do concurso.

Figura 31: Antônia de Área Leão, *Miss Piauí* eleita em 1929.



Fonte: <https://www.cidadeverde.com><sup>58</sup>

---

<sup>58</sup><https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.2723883428417112207520000.1456690633./983587718388433/?type=3&theater>. Acesso em outubro de 2014.

Percebe-se, por meio da imagem das roupas de Antonina, como era conhecida, que as mulheres piauienses modernas seguiram as modas ditadas pelos grandes centros produtores. Seu cabelo exibia o corte tipicamente à *La Garçonne*, um pouco mais curto que o disseminado, deixava realmente a nuca excessivamente à mostra. Destaca-se também parte das pernas de fora e o corpo sob uma transparência considerada excessiva para o período. Observa-se ainda saltos altos, muita maquiagem, ausência de mangas deixando os braços totalmente à mostra, decote suficientemente acentuado para deixar o pescoço e o colo bem visíveis.

Na Figura 32, vê-se novamente Antonina, então, no Rio de Janeiro, com um grupo de brasileiras, provavelmente, dentre elas, muitas *misses*. Pode-se concluir, em um comparativo das roupas de Antonina com as roupas das demais jovens, que Antonina seguia os mesmos rigores da moda das demais jovens brasileiras, o típico estilo melindroso dos anos de 1920. Segundo informações no verso da fotografia, as duas jovens sentadas são a *Miss Rio Grande do Sul*, trajando roupa escura, e a *Miss Piauí*, Antonina, usando roupa clara.

Figura 32: Antonina de Area Leão no Rio de Janeiro.



Fonte: <http://www.piracuruca.com><sup>59</sup>

No Jornal *O Arrebol*<sup>60</sup>, o cronista faz um comparativo entre Teresina e Paris. Ele diz que nem em Paris existe o exagero que existe na moda em Teresina. Continua afirmando que em Teresina as mulheres frequentam de forma demasiada os salões de barbearia, até mais que os próprios homens, e que exibem de forma exagerada as novas modas:

As pernas sempre à mostra, um exagero nos saltos altos, vestidos sem mangas, roupas justas demais, chapéus de veludo, cartolinhas, decotes acentuados, pescoço exposto, brincos grandes, excesso de pulseiras em um braço, maquiagem frequente, fala adocicada, e grande requebra nos bailes quando dançam os novos estilos de

<sup>59</sup><http://www.piracuruca.com/index.php/imagens-comentadas/105-antonia-area-leao-a-primeira-miss-piaui>

<sup>60</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 70, p.3.

música, o hábito de beijarem-se quando se encontravam – considerado forçado e ridículo.

Algumas das características descritas pelo cronista no referido jornal também podem ser observadas na Figura 33, que contém a imagem de Dóca Castelo Branco em 1925: vestidos que deixam os braços à mostra, decotes acentuados, pescoço exposto, brincos grandes, pulseiras apenas em um braço, maquiagem e corte à *La Garçonne*.

Figura 33: Dóca Castelo Branco, 1925.



Fonte: Acervo particular de Pedro Vilarinho Castelo Branco

Segundo os cronistas, as mulheres teresinenses aceitavam todas as modas que vinham do exterior, tudo que fosse de fabricação inglesa e francesa, até mesmo aquelas consideradas exóticas e inadaptáveis. Consideravam esta atitude uma verdadeira anomalia. Afirmavam que “a sociedade estava bataclanizada pelo ridículo de uma moda exagerada e cretina, que não havia mais a nobreza de espírito e a atração espiritual”<sup>61</sup>. Para eles, todas essas novas modas corrompiam os costumes e atraíam olhares libidinosos e concupiscentes. Enfim, a moda importada era um símbolo da degenerescência moral da sociedade: “Sempre elegante, bonita, gentil, a mulher brasileira, julga-se uma deusa, tirando do seu próprio corpo um dos mais elegantes atributos de sua beleza, os cabelos”<sup>62</sup>.

Um grande hábito que se instalou em Teresina, na década de 1920, como uma prática feminina moderna, foi a prática de esportes, tornando-se, inclusive, exigência nas escolas. Elas se exercitavam no *football*, no *rugby*, na ginástica e em diversos outros esportes. Muitos criticavam essas novas práticas achavam que esporte era coisa de

---

<sup>61</sup>Jornal *Gazeta* n. 68 de 1924.

<sup>62</sup>Jornal *Gazeta* n. 68 de 1924.

homem e diziam até que as moças criariam bigodes de tanto se exercitarem<sup>63</sup>.

Na Figura 34, observa-se jovens da elite teresinense em uma aula de educação física na escola, pois a disciplina já era obrigatória no currículo escolar. Observa-se a presença de roupas e calçados específicos para a prática dos esportes: shorts e tênis.

Figura 34: Alunas em Teresina na prática de esportes.



Fonte: IPHAN

Com as novas modas e modos, as jovens de família rica da cidade viviam sob a vigilância constante da família e da sociedade, como uma forma de manter a moral e os chamados “bons costumes”. Nesse sentido, o vestuário passa a ser um dos elementos utilizados por setores da sociedade para se identificar uma “mulher de bem”, aquela

---

<sup>63</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.70.



que vivia dentro dos preceitos morais da sociedade. Roupas mais ousadas, ou seja, diferentes dos padrões tradicionais da época, podiam caracterizar uma jovem como “moça leviana”, de má conduta. Em relação às casadas, os códigos para as vestimentas eram ainda mais rígidos.

Na Figura 35, observa-se a família de Eurípedes de Aguiar<sup>64</sup> na década de 1930. Na imagem, Eurípedes de Aguiar, sua esposa, Maria da Graça Lopes Aguiar e filhos. Percebe-se que as mulheres da família acompanhavam a nova moda. Ainda exibindo cabelos curtos, reflexo da década de 1920 e as roupas já acompanham as novas tendências de Paris e não mais o estilo melindrosa.

Figura 35: Família de Eurípedes de Aguiar.



Fonte: acervo Genu Morais<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup>Eurípedes de Aguiar, pertencente a uma das famílias mais ilustres do Piauí.

<sup>65</sup><https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.2723883428417112207520000.1456690633./983587718388433/?type=3&theater>. Acesso em outubro de 2014.

Nos anos de 1940, a moda feminina se aproximou, de certa forma, da masculina, com formas retas, simples e até mesmo incorporando itens do vestuário masculino, reflexo do novo estilo de vida feminino. Um estilo de vida mais livre, momento em que a mulher já frequentava os espaços da cidade, estudava e trabalhava. Usava os modelos de roupa divulgados nos principais centros produtores de moda da Europa, caracterizados por roupas menos elaboradas, mais condizentes com os novos papéis da mulher na sociedade.

A imagem feminina passava por um processo de transformação, com mudanças no comportamento, no vestuário, no penteado, na maquiagem e na forma de apresentar-se perante a sociedade. As mulheres começam a se perceberem de outra forma, passando a reivindicar a igualdade entre os sexos e o reconhecimento intelectual e, ainda, a questionar os tradicionais papéis de mãe, esposa e dona de casa, passando a exercer funções até então pouco comuns ao sexo feminino. Desejavam vestir-se conforme a moda, parecerem modernas, sedutoras e atraentes, como as mulheres das revistas e das fitas do cinema. Essa era uma das formas de se tentar eliminar o modelo de mulher confinada ao espaço doméstico, no cuidado dos filhos e do marido, e às costuras em geral.

Na década seguinte, década de 1950, a tendência era buscar transmitir as características da feminilidade, a

delicadeza, fragilidade e, conseqüentemente, dependência e necessidade de proteção da mulher por parte do homem, contradizendo, de certa forma, a liberdade conquistada pelas mulheres nas décadas iniciais do século XX, principalmente na década de 1920. Isso se deu em decorrência do clima pós-guerra. A vontade era de aproveitar da melhor forma possível tudo o que a vida oferecia de bom, na tentativa de deixar para trás as atrocidades de período tão violento. A mulher ansiava pela volta da feminilidade, do luxo e da sofisticação.

### **Escolaridade e Mercado de Trabalho**

Na década de 1920, os lugares sociais femininos estavam se ampliando e já não eram os mesmos locais. Eram novos papéis na vida das mulheres que surgiam, mas que conviviam ambigüamente com os tradicionais. Algumas permaneceram no cenário tradicional, reclusas no lar, dedicadas ao esposo e aos filhos; outras abriram caminho para o reconhecimento da sua autonomia como ser humano e como mulher e saíam de casa para se divertir, para estudar e/ou para trabalhar.

Foi em um contexto, marcado por inúmeras mudanças sociais, em que se destacou a educação e a inserção feminina no mercado de trabalho. Práticas que não eram comuns às mulheres como valor de extrema

importância para a sociedade, especialmente para a teresinense (Cardoso, 2012).

Percebe-se, diante dos registros escritos, que, naquele momento, as mulheres estavam ansiosas por conquistar novos papéis, ansiavam por liberdade, autonomia e independência (Queiroz apud Cardoso, 2012), almejavam sair da reclusão do lar e profissionalizarem-se. Ambicionavam por papéis que não se restringissem apenas ao casamento e aos cuidados com a casa, marido e filhos. Queriam independência financeira e reconhecimento social.

Começaram, então, a deixar o espaço do lar e a frequentar espaços na cidade, antes destinados apenas aos homens, criando novas sociabilidades, novas formas de vestir-se e novos meios de ver a cidade, a vida e o próprio corpo. Tornara-se fundamental a sua escolarização, principalmente para que pudessem contribuir para uma melhor educação dos filhos. Mas isso, dentro daquela sociedade, não poderia comprometer, de forma alguma as suas funções dentro do lar. Aquela nova condição deveria servir como complemento às funções que já exerciam no lar e não como meio de igualarem-se aos homens.

Ao mesmo tempo em que nascia esse desejo nas mulheres, os governantes em Teresina passaram a investir na educação geral e, mais especificamente na feminina,

pois nesse período as escolas tinham carência de professores no ensino primário (Soares, 2004). Assim, aproveitando o momento que prenunciava novas perspectivas na vida das mulheres, o governo investiu na educação da mulher, no sentido de elevar-lhe o nível cultural. Para Cardoso (2012), a partir de então, as mulheres conquistaram maiores espaços na vida da cidade, na educação, na sociedade e no mundo do trabalho.

Essa investidura política direcionou-se especialmente para a educação das mulheres da elite, por considerarem que estas apresentavam o perfil adequado para o trato com as crianças, já que supostamente eram detentoras de “bons costumes” e de formação moral e religiosa, aspectos que atenderiam aos requisitos ao labor de ensinar (Soares, 2004).

Por outro lado, a Igreja Católica também se empenhou na educação visto que no período passava por um reordenamento institucional, tendo a intensão de reforçar a sua presença no seio da sociedade civil, tornando suas ideias mais acessíveis ao mesmo tempo em que preservava seus espaços político-religiosos. Enfim, educando as mulheres, conforme os preceitos do catolicismo, poderiam construir cidadãs defensoras da sociedade tradicional e difusoras dos preceitos e comportamentos difundidos pela igreja.

A preocupação da sociedade com a instrução e o disciplinamento formal das mulheres possibilitou a criação das instituições educacionais que serviram como espaços para a expansão dos níveis de escolarização feminina na cidade. Em 1906, instala-se o primeiro colégio em Teresina destinado exclusivamente para mulheres. Era o Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido até os dias de hoje como o Colégio das Irmãs. O objetivo era oferecer às jovens um ensino de qualidade dentro dos princípios do catolicismo, como também almejava dotá-las de potencialidades para que fossem boas filhas, mães, esposas e donas de casa (Cardoso, 2012).

Outras escolas também surgiram na capital, mas com atividades direcionadas para moças e rapazes. Esses estabelecimentos não direcionavam as meninas para a profissionalização, mas davam-lhes tão somente as noções de leitura e escrita. Dentre estes, pode-se citar o Colégio Nossa senhora das Dores, o Instituto 21 de abril, o Ginásio Leão XXII e o Colégio Benjamin Constant, este último, além do curso primário, ministrava aulas também do nível secundário não profissionalizante (Cardoso, 2012).

Em 30 de dezembro de 1908, ampliaram-se as possibilidades de escolarização feminina: nascia a Escola Normal Livre, destinada à formação de professoras primárias. Esta escola contribuiu para o surgimento de

novas posições para as mulheres na sociedade piauiense, tendo em vista a atuação no magistério, pois preparava, de forma contínua, professoras para assumir cargos no ensino primário.

Em 1910, foi oficializado o Ensino Normal, transformando a Escola Normal Livre em Escola Normal Oficial. Através da Lei nº 548, de 30 de março de 1910, foi implantada a escola sob o regime de externato, destinada inicialmente ao sexo feminino, mas que habilitava também homens que pretendessem ingressar no magistério, preparando-os através de exames de todas as matérias que constituíam o Curso Normal.

O ensino ministrado pelo estado será livre, leigo e gratuito, e dividir-se-á em primário, normal e profissional, enquanto não existirem no estado estabelecimentos particulares equipados ao Ginásio Nacional, dispondo de pessoal docente de reconhecida competência e aparelhado com os modernos recursos para o ensino, o estado do Piau manterá cursos de instrução secundária, destinados a desenvolver o ensino primário e a preparar candidatos para os cursos superiores da República<sup>66</sup>.

A educação desses jovens servia para a formação do magistério primário, bem como para preparar as jovens para o casamento e para a maternidade, pois possuíam

---

<sup>66</sup>PIAUÍ, Lei n. 548 de 30 de março de 1910, p. 03- Diário Oficial.

disciplinas de corte e costura, tricô, crochê, etc. Na Figura 36, observa-se alunos da Escola Normal com alguns de seus professores. Pode-se ver também a presença de alunos do sexo masculino.

Figura 36: Professoras e alunos no pátio da Escola Normal



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>68</sup>

De acordo com o modo de pensar vigente, essas habilidades eram necessárias especialmente depois do casamento, para que a mulher, como dona de casa, realizasse atividades básicas como fazer enxovais de bebês e consertos nas roupas do marido e dos filhos. Elas também deveriam produzir objetos de uso doméstico, como colchas, lençóis, fronhas, guardanapos, toalhas de mesa,

---

<sup>67</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.

<sup>68</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.



panos de prato e toalhas de banho. Essas práticas eram importantes porque, ao pensamento da época, revelavam a dedicação que as mulheres deveriam ter para o cumprimento responsável das tarefas domésticas cotidianas, sendo um indicativo do zelo feminino para com o lar e com a família (Marinho, 2008).

Em 1911, o Curso Normal passou a ter duração de quatro anos e foram inseridas novas disciplinas, como Arboricultura, Meteorologia, Horticultura e Economia Rural, de forma a contemplar estudantes oriundas do interior. Além dessas disciplinas, foi acrescentada logo depois a Economia Doméstica, que consagrou a Escola Normal como uma instituição destinada às mulheres, embora continuassem aceitando alunos do sexo masculino. E assim, a estrutura da grade foi se modificando ao longo dos anos, voltando-se cada vez mais para a promoção da elitização cultural das mulheres. Além do magistério, elas buscavam saberes que as permitissem participar da vida social da mesma forma que os homens (Soares, 2004).

Nos anos de 1920, o Colégio Liceu Piauiense e o Colégio São Francisco de Sales eram os principais estabelecimentos a oferecer um curso ginasial de qualidade. Eram também outras possibilidades para as moças que não desejavam seguir o Curso Normal. Além desses, havia ainda o Ginásio Leão XIII (1937), o Colégio

Demóstenes Avelino (1942) e o Ginásio Desembargador Antônio Costa (1945). O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1906) e o Diocesano (1906) pertenciam à rede particular. Em 1944, foi criado o Instituto Dom Barreto, uma escola religiosa voltada para a educação doméstica. Ali, as moças diplomavam-se em costura, confecção de flores e culinária. Ademais foi, no início do século, que se observou, no Piauí, o acesso das mulheres ao ensino técnico e de terceiro grau, embora de forma bastante incipiente (Cardoso, 2012).

Nos anos da década de 1920, as mulheres da elite em Teresina também já se dividiam entre o trabalho doméstico e o trabalho fora do ambiente do lar. Ainda continuavam com a responsabilidade das tarefas domésticas, cuidando da limpeza da casa, do marido, dos filhos, lavando, passando, cozinhando, tecendo, fiando, costurando, fazendo vela, sabão, etc., embora muitas delas possuíssem já eletrodomésticos que lhes facilitavam os serviços. Elas ainda podiam contar com uma ajudante (uma mulher de classe social baixa), tanto para os serviços da casa quanto para a produção dos bens de consumo (Cardoso, 2010).

De uma forma geral, as mulheres de todas as classes em torno do mundo começaram a ter renda própria e, com o fim do conflito (Primeira Guerra Mundial - 1914 -1918), perceberam sua capacidade de auto provedora. A partir de

então, não deixaram mais o mercado de trabalho. Caracterizou-se assim, a emancipação feminina.

Nas décadas de 1930 e 1940, observou-se o acesso das primeiras mulheres teresinenses ao ensino superior, consolidado nas décadas seguintes. As mães começavam a se preocupar com o sustento das filhas em caso de viuvez ou solteirice, embora ainda acreditassem que o casamento era o melhor caminho para elas.

Em 1931, instalou-se em Teresina a primeira instituição de ensino superior do Estado, a Faculdade de Direito. Por mais de 20 anos foi a única instituição a oferecer esse nível de ensino, tendo sua primeira formanda, Júlia Gomes Viegas, concluído o curso de Direito apenas em 1939, abrindo caminho para outras mulheres. As primeiras mulheres piauienses formadas em cursos como Odontologia, Medicina, Direito e Farmácia realizavam seus estudos em outros estados brasileiros, retornando para Teresina após o término. Em 1950, havia 24 mulheres formadas em todo o Piauí (Cardoso, 2012). Deve-se dizer que a grande maioria delas se dedicava ao magistério.

No decorrer da década de 1940, o ingresso feminino ao ensino do terceiro grau continuava muito incipiente em Teresina e a Escola Normal continuava sendo o caminho percorrido pela maioria. Entretanto, as jovens nascidas na década de 1930 trilhavam caminhos diferentes daqueles

ditados para elas à época, e o índice de mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho vai se consolidando.

É nesse momento, então, que as mulheres começam a entrar efetivamente no mercado em ocupações consideradas compatíveis com o seu perfil feminino, como professora, enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista, funcionária pública e operária têxtil. Surge a perspectiva de novas possibilidades de atuação social e realização feminina na sociedade, além das já oferecidas pelo casamento e pelo espaço doméstico. Na Figura 37, destaca-se Zoraide Batista Mendonça, funcionária do Tribunal Regional Eleitoral, em 1947, uma mulher moderna que conquistou seu espaço no mercado de trabalho.

Figura 37: Zoraide Batista Mendonça em 1947.



Fonte: [www.cidadeverde.com](http://www.cidadeverde.com)

O comércio local também absorvia o trabalho feminino. As mulheres ajudavam os pais, os irmãos e até mesmo os maridos nas casas de comércio ocupando funções de balconistas e/ou vendedoras. Podiam ser também elas mesmas as proprietárias das casas comerciais. Há relatos de que elas também exerciam a prestação de serviços.

Uma parcela da população, aquela mais tradicionalista, era contra a saída da mulher de casa para o mercado de trabalho, pois acreditava que as mulheres eram as responsáveis pela decadência da família. Outros, porém, não eram contra, mas, para eles, deveria haver a conciliação nas funções de mãe, esposa, dona de casa e profissional, esta última deveria ser uma atividade acessória. As mulheres deveriam ainda estar sempre atualizadas com a moda.

Observa-se que, em Teresina, diversos jornais locais, a exemplo da *Gazeta*, exibiam anúncios que ofertavam oportunidades de emprego, inclusive para mulheres, como pode-se observar nas imagens das Figuras 38 e 39, demonstrando a aceitação e a oferta de empregos para esse grupo na capital.

Figuras 38 e 39: Anúncios com ofertas de trabalho



Fonte: *Jornal Gazeta*<sup>69</sup> Fonte: *Jornal Gazeta*<sup>70</sup>

Em suma, as escolhas profissionais das jovens que investiam no ensino superior limitavam-se ao magistério e ao serviço público nas esferas estadual, federal e municipal, constituindo-se nas principais formas de acesso ao mercado de trabalho. E assim, seguem as feminilidades propostas pela moda e pelos novos comportamentos, modificando-se e sendo observadas e avaliadas nos periódicos da cidade, em que os intelectuais e os cronistas analisavam esse novo momento feminino: a inserção social da mulher na sociedade e seus novos papéis, embora não deixe também de observar as opiniões e discussões a respeito da posição da mulher como mãe, esposa e dona de casa. Percebe-se que existia uma preocupação com a nova

<sup>69</sup>*Jornal Gazeta*, Teresina, 1942, n.1309.

<sup>70</sup>*Jornal Gazeta*, Teresina, 1943, n.1364.

cultura da feminilidade que surgia e que provocava uma transformação das relações sociais.

### **Cidade, Moda, Sociabilidade e Civilidade**

Os conceitos de civilização, modernidade e progresso definiram Teresina desde a sua fundação. A escolha da sua localização foi um ponto geográfico estratégico, pois, além de se situar nos limites da estrada que ligava Oeiras (primeira capital) às cidades litorâneas, a região encontrava-se nas proximidades de Caxias (cidade maranhense mais próspera da vizinhança) e ainda possuía a navegabilidade de dois rios, por onde se realizava grande parte das transações comerciais do estado. As formas como foram construídas suas ruas, em forma de tabuleiro de xadrez, e as construções que ali se instalaram foram planejadas para representar os tempos modernos.

Menos de 50 (cinquenta) anos após sua fundação, a modernidade e o progresso trouxeram espaços de lazer e sociabilidade a Teresina. Os novos comportamentos e as novas relações sociais que se estabeleciam exigiam mudanças na estrutura física da cidade, que foram progressivamente se modificando e possibilitando a instalação de outras formas de sociabilidades e novos modos de vestir. Enfim, novos padrões sociais,

principalmente para as elites, que buscavam por prestígio e distinção.

Foi o momento em que a mulher deixou o espaço do lar para frequentar os espaços de sociabilidades. Elas começam a se escolarizar, a se inserir na sociedade e no mercado de trabalho, a sair para as compras, a ver um mundo de possibilidades, a se emancipar. Ao circular no espaço público, elas estavam expostas às tendências da moda e ao comportamento propagado pelo cinema, bem como às ideias que lhes reivindicavam novos papéis sociais (Marinho, 2008; Soares, 2004).

Muitas mudanças foram executadas nos espaços da cidade destinados à sociabilidade da população teresinense. Destacam-se as reformas de praças, que aconteceram depois de muitas reclamações difundidas nos jornais locais representando a voz da população em geral. Com espaços mais adequados para a sociabilidade feminina, a mulher passou a inserir-se no espaço urbano de Teresina, inicialmente circulando pela cidade para depois escolarizar-se e trabalhar, trazendo, como consequência, a necessidade de se fazer uso de um vestuário diferente, o que a conduziu ao comércio de moda para as compras, uma nova forma de sociabilidade, buscando as novas tendências, tecidos, aviamentos e acessórios. A moda interferiu sobremaneira na sociabilização das mulheres.



Inicialmente, as missas na Igreja do Amparo eram uma oportunidade para que homens, mulheres e crianças se encontrassem, mostrassem a elegância, a boa aparência e a boa educação. Após a missa havia formação de pequenos grupos no entorno da igreja para as conversas entre amigos. Depois, com a construção de praças e jardins, os novos locais de sociabilidade da cidade, era comum, após a missa, se dirigirem a esses novos lugares para encontros e conversas.

Com a construção do Jardim Público, em 1914, reivindicada ainda no começo do século XX e relacionada diretamente com a necessidade de um lugar na cidade que possibilitasse um passeio para o encontro de famílias, rapazes e moças, a cidade passa a contar com um lugar de sociabilidade moderna, tornando-se de imediato o local apropriado para exibir adornos e vestimentas, além de a si próprio, como pode-se observar no trecho abaixo retirado do *Jornal O Nordeste*<sup>71</sup>:

Nele, as melindrosas e as vaporosas exibem as 'toilettes' antes do baile do cinema; os 'amarradinhos' e os 'almofadinhas' em companhia da mamãe e das manas vão languidamente gozar as delícias da temperatura, que nele é mais saudável; os 'piratas' instruem os 'lambarys' ensinando-lhes os processos mais simples e mais simpáticos da conquista e de 'dá o fora'; nele, os 'doutores', tipo

---

<sup>71</sup>*Jornal O Nordeste*, Teresina, 1920, n. 12, p. 5.

genuinamente nosso, de que te falarei mais tarde com as roupas exóticas, feitas especialmente para chamar a atenção, talhadas entre risos, pelos alfaiates de Pernambuco e Bahia, se reúnem para discutir os novos passos do tango e os novos modelos de roupas; estes são os 'diseurs' do chiquismo, enfim, é no jardim que tudo se junta, formando com a desarmonia das pessoas, belezas e cores, a simetria harmônica que dá como resultado, na opinião de Gustavo Le Bom, a alegria das multidões. Aqui, isto nós chamamos animação.

As praças eram mais do que uma melhoria no aspecto urbanístico da cidade, elas funcionavam como ponto de encontro para as famílias e para a juventude. Eram locais de flertes e de namoros, locais próprios para exibirem-se os novos modelos de roupa e para conversas entre rapazes e moças, uma prática moderna naqueles tempos. As praças eram frequentadas por todas as classes sociais, embora ocupassem diferentes espaços.

A partir de 1915, a Praça Rio Branco também sofreu interferências na sua estrutura física. Ganhou uma nova feição estética, muitas árvores, nova pavimentação, um coreto e alguns bancos. Um ano após essa urbanização, foi iluminada, tornando-se um local convidativo para passeios noturnos. Tornara-se um espaço propício para conversas, namoros e para o desfile das moças (Lima, 2007). A sequência de imagens das Figuras 40 e 41 mostra

mudanças na estrutura física da Praça Rio Branco em diferentes momentos. Pode-se observar também o movimento das pessoas que frequentavam a praça como forma de lazer e sociabilidade.

Figura 40: Jardins da Praça Rio Branco em 1918.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>72</sup>

Figura 41: Praça Rio Branco nos anos de 1950.



Fonte: Arquivo Público do Piauí Casa Anísio Brito

---

<sup>72</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina161anos>, acesso em outubro de 2014.

A Praça Pedro II era formada por duas partes: a parte de baixo e a parte de cima, continuando com essa estrutura mesmo após sua reforma em 1936. A praça de baixo possuía dois canteiros gramados e um círculo com um globo em seu centro, que se tornava luminoso à noite. Ela era utilizada também para o *footing*<sup>73</sup> das jovens da elite teresinense, que exibiam os últimos modelos. Espaço que também se constituía em uma grande oportunidade para arranjar um namorado, um candidato ao casamento, posto que era também frequentada pela elite intelectual masculina (Lima, 2007).

Já a parte de cima era frequentada pelas empregadas domésticas e pessoas consideradas de nível social baixo. As moças que frequentavam essa parte da praça eram conhecidas coletivamente como “curical”. Era um local mais desprovido de iluminação e por isso escolhido como local para os “namoros avançados” (Lima, 2007).

Nesta mesma praça, no final da década de 1930, funcionou uma amplificadora que até às 22 horas tocava as músicas de sucesso na Rádio Nacional e oferecia, por meio de seu locutor mensagens românticas e músicas a pedidos dos frequentadores (Solon, 2006). Genu Morais se reporta a esses momentos em entrevista a Kenard Krueel (Krueel, 2015).

---

<sup>73</sup>Eram os passeios que se realizavam nas praças e nos passeios públicos.

Segundo ela, “eram milhões de mensagens oferecidas às moças por seus admiradores”, inclusive ela mesma relatou que recebera muitas mensagens e declarações de amor, pois era muito solicitada, tinha muitos fãs.

As retretas da banda da Polícia Militar também animavam as noites na praça. Embalavam ao som de sua música os encontros e namoros entre os jovens. A Polícia Militar tinha também um papel muito importante na vigilância das moças que frequentavam o local. Quando a corneta soava, em torno de vinte e uma horas, era hora das senhoritas que queriam zelar por sua reputação e moral se dirigirem às suas casas. Afirma-se que nas praças permaneciam apenas as mulheres mais ousadas que, eram expostas ao falatório da sociedade (Sá Filho, 2006).

Existiam ainda os largos, espaços destinados à recreação e às manifestações cívicas. Entretanto, em Teresina, estes ainda não eram urbanizados nem arborizados como em outras cidades, por isso, a população exigia a edificação de um local público mais agradável para os passeios. Emerge, então, o Jardim Público por volta de 1914, criado na Praça Rio Branco (antiga Uruguaiana). Foi o primeiro jardim público de Teresina e logo a população criou o hábito de passear aos domingos, tornando-se um espaço agradável para as famílias. Constituía-se em um local de encontro e passatempo para se sair da rotina

(Costa, 2009). Foi durante muito tempo um dos principais espaços de sociabilidades da cidade.

O passeio público era a área de lazer da família, espaço que permitiu as mulheres o acesso à vida pública. Esses representaram um importante marco na valorização dos espaços urbanos, uma vez que, se a presença de pessoas era exigida nos espaços públicos, esses deveriam possuir atrativos a fim de seduzir a troca do espaço privado pelo público, sobretudo o público feminino (Nunes, 2013, p. 50).

Além dos espaços públicos disponíveis, destacavam-se também os clubes, os cafés, os restaurantes, o teatro e a exibição de fitas no cinema. Outras formas de sociabilidade se davam nos bailes tradicionais, no carnaval, nos saraus, nas festas nas residências, nas conversas no entorno das escolas, nos concertos musicais, nos recitais, nas conferências, nos jogos de futebol, nos concursos de *miss* e até nos bate-papos nas calçadas em frente às residências e em frente às escolas. Tudo isso estimulava o convívio entre as pessoas e também evidenciavam hábitos e modos de comportamento e conduta na cidade. Eles revelavam uma Teresina em transformação, todavia exigiam um alto preço, bem como um vestuário mais refinado, que afastavam os segmentos menos favorecidos desses acontecimentos.

Instauravam-se, então, os novos comportamentos a partir da moda, do lazer, da elegância e do consumo,

trazendo novas etiquetas, disciplinas, linguagens, apresentação pessoal e de vestuário, além das novas formas de lidar com o próprio corpo. Essas inovações modernas criavam novas formas de sociabilidade e davam novos ritmos à capital.

Dessa forma, Teresina, aos poucos, foi assumindo uma imagem associada a um lugar civilizado e urbano. As transformações urbanas e de hábitos são símbolos do avanço da modernidade, em que o mundo do lazer se constituía relativamente em um dos grandes meios de civilizar a sua população.

À medida que iam surgindo, esses espaços de encontro e entretenimento eram logo ocupados. Introduziam-se novas formas de civilidade e de modernidade, as pessoas precisavam aprender a manter as distâncias sociais, a frequentar de modo adequado os ambientes e os eventos, a receber, a se comportar à mesa, etc., como acontecia já nos séculos XVII e XVIII na sociedade de corte na qual já se preconizava os modelos de conduta (Elias, 2011). Entretanto, uma grande parte da população de elite, os mais velhos, não aprovava esse novo comportamento e defendia o tradicionalismo.

Segundo o jornal *O Correio*, editado nos anos de 1910, Teresina ainda tinha uma vida noturna precária para uma capital que ansiava pelo progresso. Isso supostamente

acontecia devido à deficiência na iluminação pública. Ainda predominavam os lampiões que acendiam tarde e eram desligados cedo, fazendo com que aqueles que frequentavam a rua à noite com o objetivo de diversão voltassem para casa antes do escurecer, pois no escuro havia a possibilidade de se encontrar maus elementos.

Com o advento da energia elétrica na capital, na década de 1910, a sociedade passou a contar então com o serviço de iluminação. Esse benefício estabeleceu novos hábitos de lazer, principalmente os passeios nos jardins públicos e nas reuniões com familiares. Segundo Queiroz (1998), o serviço de iluminação pública representou um dos maiores símbolos da modernização e do progresso, que tirou o teresinense das noites monótonas, permitindo o lazer até a madrugada.

Os cafés destacam-se como formas de lazer que iam ocupando os espaços urbanos, imitando os costumes de grandes metrópoles como o Rio de Janeiro. Funcionavam como pontos de encontro entre as famílias, moças e rapazes, onde as conversas tratavam de tudo: política, negócios, fofocas, etc.

No período, muitos cafés foram construídos em Teresina: o Café Internacional e o Café Avenida, por exemplo, ambos situados na Praça Rio Branco. Merecendo destaque, no início do século XX, o Café *Chic*, em 1902, e o



Café Familiar, em 1914. O Café Avenida era uma mistura de bar, restaurante e lanchonete. Foi alugado da prefeitura pelos imigrantes, localizava-se num anexo da Praça Rio Branco (antes Praça do Comércio), que com a inauguração da energia elétrica, passou a ser frequentado até mais tarde, por volta de vinte e duas horas, inclusive pelas mulheres (Castelo Branco, 2013).

Ali, as pessoas se reuniam diariamente após o fechamento das lojas do comércio para conversar, fumar e exibir suas roupas. Deixavam o café quando o apito da usina de luz dava o primeiro toque de recolher, às vinte e uma horas. Na Figura 42, pode-se observar um anúncio do Café Internacional que enfatiza a modernidade de suas instalações e a qualidade de seus produtos e serviços.

Figura 42: Anúncio do Café Internacional.



Fonte: Jornal Gazeta, Teresina, 02 de dezembro de 1908.

Havia ainda os clubes, em que ocorriam bailes, *shows* e as famosas tertúlias, reuniões dançantes onde os casais dançavam ao som de sambas, boleros, *fox-trot* e maxixe. Nesse ambiente surgiam também as melindrosas<sup>74</sup> teresinenses dançando euforicamente e exibindo seus novos trajés. Devido às novas danças e aos novos modos e vestimentas das mulheres, tinha-se agora uma visão um tanto conflituosa a respeito do baile, pois a sociedade passava por uma redefinição de valores e comportamentos advindos do contato com as grandes cidades brasileiras e europeias, que nem sempre eram bem vistos e aceitos pela sociedade de forma geral (Castelo Branco, 2006).

Nos jornais, existem relatos acerca dos “abusos” que ocorriam nos bailes. Muitos acreditavam que as novas formas de baile tinham banido determinados costumes sociais, as críticas a esses eventos eram muito comuns:

O clube mais famoso de Teresina era a Sociedade Recreativa Clube dos Diários, localizada no centro da cidade e fundada em 1922. Só em 1927 inauguraram a sede própria. Nos salões do antigo Clube dos Diários, a sociedade teresinense se divertia. O espaço tornou-se um local

---

<sup>74</sup>Termo típico dos anos de 1920, aplicado a uma geração de moças que viveram o período entre guerras. As moças vestiam saia curta, aboliram o espartilho, cortaram o cabelo à moda a *La Garçonne*, escutavam jazz, tango ou samba e descartavam a tradicional conduta feminina do período.

apropriado para a realização de bailes, porém nem todos tinham acesso devido ao alto preço cobrado pela entrada.

Durante os bailes, exigia-se bom comportamento, boas maneiras e, acima de tudo, o uso adequado de trajés. Lá era um local propício para se observar o vestuário, principalmente o feminino, a maquiagem, os trejeitos, a forma de dançar e sobretudo de portar-se. Tudo deveria estar dentro dos preceitos morais da época sendo frequentado por jovens e adultos das classes mais abastadas (Pereira, 2011). Na Figura 43, observa-se um grupo da elite teresinense no Clube dos Diários, por ocasião de um chá-dançante em 1924.

Figura 43: Chá dançante no Clube dos Diários em 1924.



Fonte: [www.ibamende.com](http://www.ibamende.com). Acesso em agosto de 2014.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup>Cf. [http://www.ibamendes.com/2015/10/fotos-antigas-de-cidades-e-pessoas-do\\_89.html](http://www.ibamendes.com/2015/10/fotos-antigas-de-cidades-e-pessoas-do_89.html)

Havia vários motivos para a realização dos bailes: batizados, aniversários, casamentos, formaturas, datas religiosas, datas cívicas, visitas e até vitórias de políticos. Eram espaços de sociabilidade, destinados a conversas, mas também ao flerte, um local apropriado para se iniciar um namoro e arranjar um bom casamento. Tinha a função de aproximar os enamorados e as pessoas de uma forma geral (Castelo Branco, 2006).

Figura 44: Anúncio da divulgação de Baile em Noite de Réveillon no Clube dos Diários.



Fonte: *Jornal Gazeta*<sup>76</sup>

<sup>76</sup>*Jornal Gazeta*, Teresina, 1942, n. 1320.

O Clube dos Diários funcionou também como elemento que difundia a música, associada a refinamento cultural e vista como elemento diferenciador de extratos cultos. Era considerada um fator de civilidade, e diretamente relacionada às sociabilidades emergentes. Fazer e amar a música significava distinguir-se enquanto humano e civilizado. Passou a ser utilizada nas diversas formas de lazer que surgiam, como as tocatas familiares e as retretas no jardim da Praça Rio Branco, além dos bailes, marcados por novos ritmos, que foram severamente criticados pelos mais conservadores, mas despertavam o interesse dos rapazes e moças teresinenses, representando cultura, civilidade, refinamento e elitização.

Enquanto a música se difundia, emergiam as propagandas sobre a comercialização de vitrolas nos jornais da cidade. Os anúncios destacavam os preços acessíveis, as facilidades para a aquisição dos aparelhos e a variedade de discos nacionais e estrangeiros. Os novos ritmos como o foxtrote, o *jazz*, o tango, o maxixe, presentes nas fitas cinematográficas, foram logo ofertados em forma de discos, que, aliados às vitrolas, possibilitaram dar novo formato aos bailes e às danças. Associada à delicadeza de sentimentos, a música foi relacionada à mulher, também vista como elemento civilizador e de atuação decisiva sobre os homens.

Outro espaço de lazer bastante frequentado em Teresina era o teatro, voltado basicamente para as elites devido aos altos custos dos bilhetes, além do que exigia rigor nos trajes para frequência no seu espaço. Funcionava como um delimitador de classes sociais. Segundo Castelo Branco (2006), muitas pessoas passeavam nas proximidades do teatro só para observar as roupas e a elegância dos frequentadores das apresentações artísticas que ali se realizavam. As representações teatrais e os espetáculos afins eram comuns e movimentavam a cidade.

Os jornais dão bastante destaque ao cinema como um local aprazível para a sociabilidade, talvez o lugar de divertimento predileto. Alcançou popularidade rapidamente, justificada por uns por ser a menos dispendiosa, outros, porém, reclamavam do preço do ingresso em Teresina. “Em todo o Brasil o cinema é quase de graça, o mesmo não acontece em Teresina. Até em Parnayba é mais barato”<sup>77</sup>.

Atraía mais a atenção dos jovens, principalmente das moças. Ao mesmo tempo encantavam e provocavam polêmicas. Suas sessões estavam sempre com lotação máxima (Pereira, 2011). Como nos bailes, o cinema estimulava o flerte entre moças e rapazes. Era ainda um

---

<sup>77</sup>Jornal *Chapada do Corisco*, Teresina, 1918, n. 2, p. 14.

ponto de encontro da elite da sociedade teresinense que oferecia conforto aos seus frequentadores e as mais renomadas produções americanas.

Dentre as diversões do início do século XX, foi o que teve enorme força na construção de uma civilização. No espaço local, o cinema afastava, cada vez mais, a população teresinense de uma tradição que relembrava um passado trazendo, inclusive, os novos modismos para a cidade.

No início, as projeções cinematográficas, além de terem sido consideradas as primeiras diversões públicas de Teresina, foram também o meio mais eficaz para a difusão da moda na cidade. Em 1908, a cidade recebeu a primeira empresa com cinematógrafo possuidor de uma exibição de imagens com fundo musical e de legenda - a Fontenele & Cia, vinda de Paris, que contava com estoque de 500 fitas. As projeções faladas só chegam à capital do Piauí na década de 1930 e foram exibidas no Teatro 4 de Setembro (Fontineles Filho, 2008; Queiroz, 1998).

Nos anos de 1920, a cidade ganhava três cinemas diários: Cine América, Éden Cinema e Teatro-Cinema *Palace*. Os atores e atrizes em destaque nas películas serviam de referência para o público - principalmente o feminino. As novidades influenciavam as mulheres, ditavam modas de toaletes e introduziam hábitos civilizados de comportamentos e costumes, modos de

sentar, de olhar, de fumar, de dançar, de flertar e, principalmente, de se vestir, que foram logo assimilados, como afirma Castelo Branco (2008, p. 65): “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário feminino ligado às relações amorosas”. Eram os modismos que chegavam em Teresina. Todos esses fatos foram registrados pelos periódicos da época, que, muitas vezes, exibiam críticas à maneira como as mulheres se vestiam e se comportavam. A moda, de um modo geral, contribuiu para a ruptura com o mundo tradicional, pois funcionava como um modelo para o presente (Fontineles Filho, 2008).

Essa nova forma de entretenimento se sobressaiu como uma das diversões mais procuradas em Teresina. Dessa forma, o cinematógrafo também conquistou rapidamente o gosto popular e tornou-se um dos veículos divulgadores do progresso, da mudança de costumes e da elegância. A divulgação da moda tornou-se mais acessível e com isso as roupas em voga eram substituídas cada vez mais rapidamente. Os filmes estimulavam o consumo das novidades ali disseminadas, ditando o que deveria ser usado para se manter elegante, constituindo-se como o grande referencial da propagação dos novos costumes. O público se julgava obrigado a seguir aqueles estilos, influenciando diretamente os costumes da cidade. As



mulheres podiam agora desfilarem sua elegância nos cinemas, nos salões e nas praças.

Os modelos de roupa, chapéus, sapatos e acessórios que eram exibidos pelas atrizes nos filmes eram desejados e logo copiados pelas teresinenses. Eram modelos americanos, europeus e franceses que passaram a determinar o que se considerava como de bom gosto, chique e elegante no vestir. Mudou também a fantasia feminina de então. As mulheres passaram a sonhar com os atores dos filmes, homens românticos, bem vestidos, elegantes e diferentes daqueles com os quais conviviam, estando estes também em busca de novas formas de se vestir: ternos, fraques, camisas, chapéus e sapatos como aqueles ditados pela moda masculina em voga.

O cinema ligou Teresina aos modelos de vida europeu e americano, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, difundindo os novos produtos e as novas modas que exigiam a presença desses produtos no comércio local. “O cinema influenciava não só os padrões de beleza e vestuário das mulheres, mas também o imaginário ligado às relações amorosas” (Castelo Branco, 2013, p. 65). Foi por muitos considerado uma ferramenta bastante eficaz na formação da cidade moderna. Um importante meio de comunicação para constituir uma sociedade de bons hábitos e costumes.

Outros, porém, consideravam que ele tinha efeitos maléficos na sociedade, pois deteriorava os padrões morais, manipulava as massas e ditava regras e posturas que não eram condizentes com a pobreza da população.

Havia ainda os restaurantes para onde os jovens se dirigiam após a exibição das fitas. Dois deles tiveram grande destaque: o Restaurante Carvalho e o Bar e Restaurante Ideal, localizados na Rua Areolino de Abreu, no centro.

Destacavam-se, ainda, entre as áreas para a sociabilidade da população, as calçadas dos colégios, um ponto de encontro de jovens, que mesmo sob a vigilância dos professores conseguiam se comunicar. Utilizavam como recursos para essa comunicação a troca de olhares e mímicas que desencadeavam flertes e também namoros (Cardoso, 2012).

A vida urbana com todos os seus atrativos ficou mais cara, e as divisões sociais mais significativas. Os espaços cresceram, as fantasias modificaram-se e novos sonhos surgiram. Em suma, os novos modismos eram exibidos nos bailes, nos passeios públicos, nas solenidades públicas, nas idas ao teatro, ao cinema ou aos cafés. Nesses locais, as pessoas se encontravam para conversar, mas, principalmente, para dar visibilidade a seus novos figurinos e exibir a sua elegância.

## **CAPÍTULO 3 - VESTUÁRIO DA MULHER DA ELITE EM TERESINA**

### **Transformações e permanências no vestuário: o consumo dos novos padrões**

Dentre as muitas características da moda feminina no século XIX, há destaque para o uso de espartilhos, caracterizando uma silhueta em ampulheta, com uma cintura muito fina, busto com formato de peito de pombo, para frente e para cima, quadris empinados para trás. Saias com várias camadas de tecido, que iam até o chão e exibiam forma de um sino.

Na Figura 45, visualiza-se o casal Alípia Alves de Paiva e Francisco Alves de Paiva, moradores de Teresina. Ela veste uma típica indumentária do século XIX, vestido longo com mais de uma saia, cobrindo pernas e pés, composto por duas partes: o corpete e a saia; silhueta de ampulheta caracterizada por curvatura em “S”, uso de corpetes e espartilhos apertados que acentuavam os seios e quadris e afinavam a cintura, que é bem definida; cores escuras; decote bem fechado, quase ausente, que não deixa à mostra nada do colo, e mangas compridas.

Figura 45: Francisco Alves de Paiva e Alípia Alves de Paiva



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>78</sup>

Na Figura 46, tem-se um grupo de mulheres da elite teresinense em um piquenique. Pode-se observar que até para uma atividade ao ar livre, as roupas eram sóbrias, compostas por saias volumosas, chapéus e coques nos cabelos, mangas longas, a sobrinha como acessório sempre presente e o evidente uso do espartilho. Enfim, a imagem mostra uma vestimenta bastante normatizada, que limitava a movimentação feminina até mesmo em uma

---

<sup>78</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos>. Acesso em outubro de 2014.

simples atividade de lazer. Vale atentar para o afinilamento das cinturas femininas.

Figura 46: Grupo de mulheres em Teresina no século XIX.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>79</sup>

Então chega o século XX, despontando em sua primeira década com uma moda semelhante àquela do século anterior, com muita sofisticação, luxo e limitações para a mulher. Esse padrão perduraria até o ano de 1914, quando emergiu a Primeira Grande Guerra (1914 -1918), trazendo diversas mudanças na vida das pessoas, principalmente na vida das mulheres (Braga, 2009). As roupas compridas, apertadas e sufocantes, que tiravam a agilidade do corpo, e os penteados volumosos foram sendo substituídos por outros modelos que se adequavam mais

---

<sup>79</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

às novas perspectivas sociais. O mundo moderno exigia da mulher outras atividades e novos comportamentos e a roupa precisava acompanhar essas mudanças.

Na Figura 47, observa-se uma fotografia tomada na década de 1910, em que se observa a vestimenta do casal Tajra. Ele um imigrante libanês que viera ao Brasil em busca de melhores condições de vida, e ela uma cearense que residia com a família em Teresina. Percebe-se uma roupa feminina sóbria, pesada e volumosa, mas já não há mais o destaque para o busto com formato de peito de pombo e nem para os quadris empinados para trás, como consequência do uso dos espartilhos. Pode-se observar que o comprimento das mangas foi diminuído, mostrando parcialmente o braço. Mas o uso do chapéu com adornos diversos com plumas e decorações e o cabelo preso em coque permanecem como aqueles típicos do século XIX.

Figura 47: Casal Tajra em 1910 em Teresina.



Fonte: acervo particular da família Tajra

Uma série de fatores contribuía para essa mudança na moda feminina. Havia a necessidade de se deixar o corpo mais livre, possibilitando a movimentação exigida pelas novas atividades desempenhadas no ambiente de trabalho, nos esportes, pela popularização do ciclismo, pelas danças de salão, pelos novos preceitos da medicina e dos higienistas, pelos movimentos feministas, pelos progressos nas técnicas de confecção, etc. Deve-se dizer que, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres, independentemente de sua posição social, tiveram que ajudar nas despesas da casa. Deixaram o espaço do lar para

trabalhar fora de casa. Portanto, uma adequação no padrão das vestes foi realmente necessária (Laver, 1989).

Na década de 1910, um grande criador de moda, o francês Paul Poiret, já vinha vislumbrando as mudanças que os novos tempos exigiam. Ele lançou, mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, uma moda livre dos espartilhos, deixando o corpo feminino livre dos incômodos. Essa moda só foi assimilada, de fato, durante a Primeira Guerra Mundial, período em que a mulher efetivamente teve a necessidade de trabalhar, precisando libertar-se dos espartilhos para que pudessem se movimentar adequadamente para o desempenho das atividades que lhes eram atribuídas naquele momento, dentro de fábricas ou nos campos.

Por volta de 1915, observou-se outra grande mudança nas vestes femininas de forma que pudessem adaptar-se às novas funções. Os vestidos e as saias encurtaram, ficando em uma altura próxima das panturrilhas. Os sapatos e parte das pernas ficaram então à mostra, muito embora elas usassem uma meia para cobrir a parte da perna que estava exposta (Braga, 2009).

De um modo geral, os sapatos tornaram-se mais rasos, eram baixos ou com saltos grossos, tinham presilhas laterais e alcinhas que passavam por cima do peito do pé. Nos sapatos de verão, era comum que as presilhas fossem



bordadas ou então que possuíssem pedrarias nas alcinhas que passavam também sobre o peito do pé, ou ainda traziam tornozeleiras. Os de inverno eram abotinados (Laver, 1989; Braga, 2011). Muitos cronistas teresinenses condenavam o uso dos saltos, diziam ser coisa de mulheres frequentadoras de bataclãs<sup>80</sup>.

Os novos comportamentos, as novas sociabilidades e as novas condições de trabalho femininos se estabeleciam em diversas partes do mundo, inclusive em Teresina, e iam determinando mudanças nas roupas que não passavam de adaptações para a nova realidade. Havia um tipo de roupa para cada ocasião: para o trabalho, para os passeios aos parques, para as idas às praias, para as visitas aos clubes, para as idas aos cafés e restaurantes, para as saídas às compras, para as idas ao teatro e ao cinema e, até mesmo, para as viagens de bonde. Tudo exigia uma veste normatizada, o que demonstra que as mulheres passaram a ocupar espaços que antes lhes eram proibidos. Culminou então com a ostentação de um estilo de vida chique baseado nas elites europeias, principalmente a francesa, que influenciou todo o ocidente (Laver, 1989; Boucher, 2010).

---

<sup>80</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.70.

Como o século XX foi também o século da era da comunicação em massa, a moda foi bastante divulgada em jornais e revistas. Inúmeras foram as publicações nacionais e estrangeiras que propagavam a nova moda no país. A fotografia substituiu as ilustrações, as tendências da alta costura foram divulgadas pela mídia para o mercado de massa. Do mesmo modo, o cinema influenciou sobremaneira na elaboração das roupas, nos penteados, nas maquiagens e no próprio estilo de vida das pessoas (Laver, 1989).

Muitas mudanças sociais, econômicas e, também, na moda, se efetivaram na década de 1910, mais precisamente a partir de 1915. As mudanças na área da moda tiveram inspiração nas artes plásticas. As cores adotadas eram fortes e a sociedade, inicialmente a francesa, e aos poucos, toda a sociedade ocidental, começou a adotar diversas estampas.

Surgiam drapeados suaves que caíam de uma linha do busto e estreitavam-se muito entre os joelhos e os tornozelos, resultando em uma saia longa e afunilada (em forma de barril). Esse tipo de roupa impedia a mulher de dar passos maiores que cinco ou oito centímetros. Com a saia estreita usavam-se chapéus grandes, não mais tão amplos e adornados. Vale dizer ainda que o adorno preferido nos vestidos não era mais a renda e, sim, os botões, pregados

por toda a roupa. Enfim, surgiu uma silhueta em total contraste com aquela da mulher do século anterior. Mas essa moda foi passageira e não foi aceita por grande parcela da população, e sim por aquela mais dotada de recursos econômicos (Laver, 1989; Mendes, 2009).

Na Figura 48, tem-se a fotografia de Urbana Pereira Leite, nascida em Teresina no século XIX e moradora desta cidade nas imediações da Avenida Frei Serafim, na década de 1910. Já é possível observar algumas mudanças fundamentais na forma de como esta senhora se vestia se comparado ao modo de vestir do fim do século anterior. A teresinense já aparece nesta década livre dos espartilhos e das cabeleiras presas em penteados enormes e dos véus ou das cascatas de plumas que caíam dos chapéus.

O que se via era um novo modo de se vestir: trajes confortáveis com itens característicos da moda que se disseminava no momento – drapeados na altura do busto, grande quantidade de botões na roupa e a ausência de grandes golas. Infelizmente, a imagem não nos permite observar se a saia que compunha este vestido apresentava o afunilamento característico deste período. A imagem da Figura 48 mostra ainda que havia a presença também de um grande chapéu, como os do século anterior, porém sem os adornos complementares e extravagantes de anteriormente.

Figura 48: Urbana Pereira Leite - década de 1910.



Fonte: acervo particular de Paulo Couto

O advento da Primeira Grande Guerra trouxe uma considerável estagnação na moda e foram poucas as variações e as informações com relação às vestimentas nesse período. A escassez de matérias-primas e de suprimentos provocados pelo conflito levou ao uso dos tons neutros e negros. As revistas de moda consagravam páginas inteiras às roupas que eram tidas como adequadas durante o luto (Laver, 1989; Braga, 2009). A Guerra finalmente chega ao fim, em 1918, e, com a chegada da década de 1920, incorporaram-se sólidas diversificações da

década que se findava: os eventos sociais na vida das pessoas (trabalho, esporte, dança) exigiam que as roupas se adaptassem, ajustassem-se aos novos tempos e as novas necessidades.

A década de 1920 ficou conhecida como “Anos Loucos”, por se tratar de uma década revolucionária, pois trouxe muitas mudanças. Foi marcada por um período de relativa liberdade situada entre duas guerras. Trouxe consigo novidades, como também a concretização daquelas mudanças nas roupas iniciadas ainda na década de 1910. As pessoas ansiavam por libertar-se dos dramas vivenciados nos anos de guerra, o que favorecia o surgimento de novas sociabilidades, de novos costumes e de uma nova moda. Enfim, todo esse quadro de mudanças no mundo influenciou diretamente a forma de se vestir e também a forma de se ver e de ver o corpo (Laver, 1989; Boucher, 2010).

Foi um período de uma moda voltada para as roupas práticas, fluidas, com muitos bolsos e com cintos de amarrar. Houve o despojamento de volumes, os vestidos e as saias surgem com linhas retas, limpas, com comprimento variando entre as panturrilhas e os joelhos, e confeccionadas geralmente em seda. Quando não possuíam mangas apresentavam manguinhas curtas, os braços estavam então descobertos. A cintura ficou mais

baixa e mais reta, os quadris e os seios não eram evidenciados, para isso utilizavam cintas de malha e achatadores nos seios, que remodelavam a silhueta, aproximando-a da forma H<sup>81</sup>, típica dos trajes masculinos. Além disso, os sapatos altos e fechados ficaram descobertos e podiam-se ver as meias de algodão (Bonadio, 2007). Surge um estilo andrógino, de acordo com os novos tempos, tempos de emancipação feminina. As roupas que exigiam trato e lavagens difíceis foram suprimidas. A roupa feminina em voga era a mais simples possível (Laver, 1989; Pollini, 2007).

Entre os acessórios, destaca-se o colar de pérolas e o relógio de pulso. Os sapatos traziam alcinhas com presilhas. A mulher estava adquirindo o hábito de fumar, beber em público e de dirigir automóveis. Tinha de ser ágil, jovem e magra. O corte dos cabelos tornou-se o símbolo da mulher moderna. Um cabelo curto aproximou a silhueta masculina e feminina.

Os demonstrativos da nova realidade, como as transformações das roupas, a nova configuração da cidade, o comércio de vestuário, a nova condição feminina, enfim, todo o contexto social do momento, impulsionaram as mulheres das camadas médias e das elites a ocupar o

---

<sup>81</sup>Silhueta H é uma silhueta reta, sem cintura definida.

espaço público (Bonadio, 2007). Em diversos jornais teresinenses na década de 1920, pode-se observar alguns comentários a respeito das mudanças ocorridas no comportamento social e nas roupas das mulheres:

Não faça questão da espessura do tecido das saias de baixo. Use-as quem tem, pois, hoje é moda. Quanto ao facto de, assim, deixar ver as pernas, não se impressione, que também é moda e quem tem pernas bonitas deve... mostrá-las<sup>82</sup>.

Foi naquele panorama que surgiram as melindrosas<sup>83</sup>. As moças que se incluíam nessa moda vestiam saias curtas, aboliram o espartilho e cortavam o cabelo curto, estilo *a La Garçonne*<sup>84</sup>. Escutavam jazz, tango ou samba e transgrediam a tradicional conduta feminina, divertindo-se ao embalo dos novos ritmos musicais como o *Charleston*, *Foxtrote* e *Jazz*, ritmos bastante agitados, que exigiam muito movimento do corpo e das pernas. Foi, em nome dessa prática, que os vestidos encurtaram, chegando, em 1925, à altura dos joelhos. Pela primeira vez, a mulher mostrou a silhueta de suas pernas – mais ainda

---

<sup>82</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n.79, p. 2.

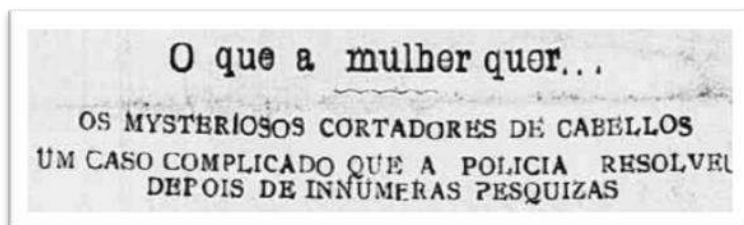
<sup>83</sup>Termo típico dos anos 1920, aplicado a uma geração de moças em todo o mundo, que viveram o período entre guerras. As moças vestiam saias curtas, aboliram o espartilho, cortavam o cabelo a moda Chanel, escutavam jazz, tango ou samba e desacatavam a tradicional conduta feminina.

<sup>84</sup>Estilo de corte de cabelo feminino muito curto, na altura do queixo.

não as pernas propriamente ditas, pois continuavam usando meias (Laver,1989; Blackman, 2013).

Em Teresina, o corte do cabelo feminino a *La Garçonne* não foi aceito de imediato pela sociedade. Muitas foram as críticas divulgadas nos jornais locais, pois, até então, os cabelos longos eram o símbolo da feminilidade e da beleza das mulheres. Desse modo, muitas mulheres teresinenses, com o desejo de aderir à nova moda dos cabelos curtos e, ao mesmo tempo, receosas do julgamento da sociedade, criaram uma justificativa para aparecerem com os cabelos curtos. Inventaram um ataque de um homem que lhes cortava e roubava os cabelos. A notícia foi divulgada nos jornais e investigada pela polícia local, como demonstra o anúncio da Figura 49. O caso foi desvendado no dia em que uma jovem foi pega com suas tranças dentro da bolsa.

Figura 49: manchete do Jornal O arrebol de 1925.



Fonte: Jornal *O Arrebol*<sup>85</sup>.

---

<sup>85</sup>Jornal *O Arrebol*, Teresina, 1925, n. 75.



Nas Figuras 50 e 51, observa-se a imagem típica do que seria a moça melindrosa que esteve presente no dia a dia da sociedade teresinense dos anos de 1920. Cabelos à *La Garçonne*, ou seja, curtos, lisos e na altura do queixo.

Na Figura 50, tem-se um vestido de tecido fluído que aparentemente se trata de uma renda. Há presença de manguinhas, um decote em U discreto e relógio de pulso. Na Figura 51, o vestido já se apresenta um pouco mais ousado. Tem-se o decote em V, mostrando um pouco mais do colo, destacado pela presença do colar curto e acentuando-se pela presença de rendas, ausência de mangas e uma maquiagem mais chamativa

Figura 50: Senhorita Hortelina de Sousa Lira



Fonte: Acervo Família Lira

Figura 51: Senhorita desconhecida, Teresina na década de 1920.



Fonte: Acervo Família Estrela

Nas Figuras 52 e 53, tem-se vestidos com mangas, em que se observa a presença de estampas e bolsas pequenas. Os cabelos tipicamente *a La Garçonne*, o relógio de pulso na Figura 52 e o sapato com presilha sobre o peito do pé na Figura 53.

Figura 52: Sta Didizinha  
Castelo Branco



Figura 53: Sta Ruth  
Castelo Branco



Fonte: Acervo de Pedro V. Castelo Branco

No que tange aos ritmos musicais, o *jazz* e o *foxtrote* eram todos condenados nos jornais. Consideravam-nas danças de saltinhos esquisitos, típicas danças de bataclãs<sup>86</sup>, de “mulheres de vida fácil”, mas, nem por isso, deixaram de ser incorporadas aos novos hábitos da elite local.

Castelo Branco (2006) confirma a intensificação da presença destas propostas em Teresina na década de 1920, quando, segundo ele, os modelos de comportamento moderno chegaram às cidades menores. Comumente, eram os jovens que se mostravam mais receptivos àquelas

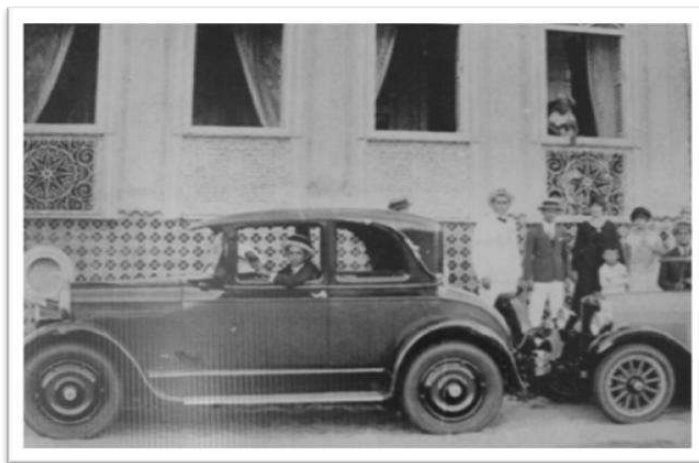
---

<sup>86</sup>Jornal *O Arrebol* n. 82 de 1925.

mudanças. E é a eles que os cronistas de jornais locais se referem problematizando os novos modelos de vestuário, os novos cortes de cabelo, as novas posturas em público. Nas imagens que se seguem, pode-se observar que a elite teresinense aderira aos modismos da época.

A Figura 54 retrata uma cena do cotidiano nas ruas de Teresina. Observa-se que a elite teresinense, já aderira aos modismos difundidos pelo cinema. Homens e mulheres seguiam a moda das melindrosas e dos “almofadinhas”<sup>87</sup> nas ruas da capital piauiense.

Figura 54: Almofadinhas e melindrosas em Teresina



Fonte: Arquivo público do Piauí

---

<sup>87</sup>Termo usado para um tipo de homem que na década de 20 se vestia com muita elegância, com terno de corte tradicional, colete, chapéu, palheta, cabelo curto. <http://www.glossariofashion.com.br>, acesso em agosto de 2015.

Na Figura 55 aparecem o poeta piauiense Da Costa e Silva, sua esposa e alguns amigos podendo-se observar algumas nuances de uma época: a vestimenta. A esposa de Da Costa e Silva exibe-se como uma típica melindrosa vestida para o dia, cabelos curtos, com fios retos e na altura do queixo, como complemento, uma franja do tipo pega-rapaz, ao estilo *a La Garçonne*, e chapéu feminino da década de 1920, o *clochê*. Vestido sem mangas, na altura dos joelhos, com estampa em xadrez, meias claras, colo parcialmente aparente e braços totalmente descobertos, cintura deslocada e uso de maquiagem.

Os homens também desfilam a moda masculina da década de 1920, o traje típico dos *almofadinhas*: feições faciais limpas, ausência de barba e de bigodes ou uso de pequenos bigodes. Trajes leves, de tons claros, ternos impecáveis. Cabelos na brilhantina, bem penteados, e o uso de cosméticos para beleza. Como acessórios, destaca-se o chapéu panamá, a gravata borboleta e os óculos redondos.

Figura 55: Da Costa e Silva, esposa e amigos.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>89</sup>.

Desafiando a opinião dos intelectuais que escreviam para os jornais da cidade, vê-se, através da Figura 56, que a elite da cidade estava “contaminada” pela moda, exibindo seus novos trajes nos eventos mais significativos: cabelos a *La Garçonne*; chapéus *cloché* até a altura das sobrancelhas, deixando os cabelos quase imperceptíveis; vestidos com comprimento no meio da canela. Para completar, acessórios como meias em tons claros para cobrir a parte da perna deixada à mostra pelo comprimento dos vestidos e sapatos rasos, com saltos grossos, com presilhas laterais, cujas alcinhas passam por cima do peito do pé. Percebe-se, ainda, a presença de estampas em alguns vestidos e o uso

---

<sup>88</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

<sup>89</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

de pequenas bolsas. Vale salientar que cada sociedade criou sua melindrosa mediante suas singularidades culturais, contudo, observa-se como traziam algumas características comuns entre elas, e que as diferenciavam das outras mulheres. Esta imagem representa bem o estilo melindrosa da elite teresinense.

Figura 56: Senhoras da sociedade Teresinense com o governador do Maranhão.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>90</sup>

Os chapéus femininos ficaram menores e mais justos - *cloché* - tinham forma de sino, sem aba e borda rebaixada que apertavam a cabeça, deixando os cabelos quase que imperceptíveis, e chegavam até as sobrancelhas para enfatizar os olhos. Isso dificultava a visão e levavam a

---

<sup>90</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

mulher a manter a cabeça inclinada para cima, forçando a uma postura estilizada da década. Os chapéus podiam ser confeccionados em feltro, palha natural ou ainda em outros tecidos, sempre com apliques e enfeites de fitas, flores, etc. (Laver, 1989; Fiell, 2014).

O uso da maquiagem<sup>91</sup> acentuava a androginia e, também valorizava a feminilidade. As mulheres usavam pó de arroz no rosto, a boca era desenhada com batom vermelho, na maioria das vezes na forma de um arco de cupido ou de um coração. Os olhos eram bem marcados e as sobrancelhas delineadas à lápis preto, pois eram afinadas ou depiladas. Os cílios eram perolados com gotas de cera (Laver, 1989; Boucher, 2010).

Pode-se observar as características dessa maquiagem nas Figuras 57 e 58, que trazem a senhorita Antônia Area Leão, *Miss Piauí* em 1929. Ao visualizar as imagens, pode-se observar a boca desenhada com batom na forma de um arco de cupido e os olhos, os cílios e as sobrancelhas bem marcados. Uma mulher que deseja mostrar-se, que não quer passar despercebida e, por isso, chama a atenção para si por meio de destaque de seus atributos. Enfim, a maquiagem que se observa nestes

---

<sup>91</sup>Consiste na aplicação de produtos com efeito cosmético, de embelezamento, ou disfarce, seguindo-se os ditames da moda e com uso de substâncias especificamente destinadas a tal fim.



exemplários teresinenses foi realizada conforme preconizava a moda francesa do período em questão.

Figuras 57 e 58: Antônia Area Leão



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>92</sup>

Da moda difundida na Europa, na década de 1920, ainda fazia parte outros acessórios, como brincos longos, unhas polidas com óleo e lustradas com pele de camurça. Também compunha braceletes, que eram usados na parte superior do antebraço, e longos fios de contas, colares compridos quase até o abdômen exibindo algumas vezes

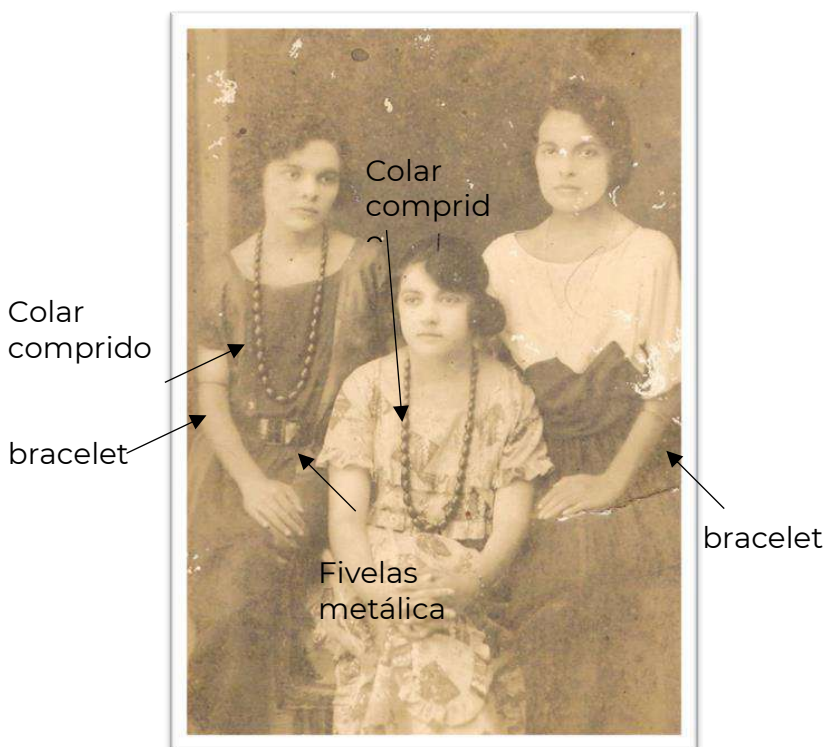
---

<sup>92</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014 e *facebook* de Paulo Gutemberg, acesso em outubro de 2014.

nós na altura dos seios. Outro acessório bastante utilizado eram as bolsas que, de forma geral, eram pequenas (Laver, 1989; Nery, 2009).

A imagem da Figura 59 é de mulheres teresinenses da família Couto. Elas exibem acessórios de acordo com o que ditava a moda francesa: braceletes na parte superior do antebraço, colares compridos quase até o abdômen, e cabelos a *La garçonne*.

Figura 59: Senhoritas da família Couto na década de 1920.



Fonte: acervo de Paulo Couto

O clima de deslumbramento experimentado nos anos da década de 1920 sucumbiu em 1929 com a crise financeira mundial. A queda da bolsa de valores de Nova York, neste mesmo ano, desencadeou uma série de problemas na economia dos países ocidentais, sendo seguida por um longo período de depressão, cujos efeitos perdurariam até 1937. É claro, isso trouxe como consequência reflexos econômicos significativos, tendo o desemprego como um dos mais graves (Laver, 1989; Blackman, 2013). Nesse período, a parcela da população mais afortunada - como alguns dos cafeicultores brasileiros - ficaram pobres, bancos e empresas faliram e milhões de pessoas perderam seus empregos (Pollini, 2007).

O setor do vestuário de moda e, conseqüentemente, a maneira de se vestir de grande parcela das mulheres que vinha de um consumo exagerado nos anos de 1920, ficou mais discreto. Houve um incremento na confecção doméstica de roupas, de concertos e de reformas. Para tanto, elas utilizavam alguns artifícios, como descer a bainha ou aumentar o comprimento com a aplicação de faixas de outros tecidos e de peles. A maior parte da população ainda confeccionava suas roupas de forma artesanal ou semiartesanal, em casa ou através de encomendas a alfaiates, modistas e costureiras (BRAGA, 2011). A vestimenta da década de 1930 caracterizou-se,

também por mudanças nos tipos e na quantidade de tecidos utilizados.

Desse modo, a década de 1930 negou toda a androginia e praticidade da década anterior para focar em outros padrões de feminilidade. Manteve-se a liberdade do corpo e a elegância, mas trouxe de volta o espírito de sedução, redefiniu o corpo feminino, abandonando a forma reta e andrógena dos anos de 1920. Os anos de 1930 implantaram roupas mais suaves que valorizavam a cintura, o busto e o quadril, adotando novamente a silhueta de ampulheta, dando um ar de elegância refinada ao corpo. O foco da atenção foram as costas femininas, valorizadas pelo corte enviesado e pelos decotes profundos dos vestidos de noite, que foi a grande característica da moda dos anos de 1930 (Laver, 1989; Nery, 2009).

Os novos hábitos e modelos de roupa continuavam chegando em Teresina, disseminados principalmente pelo cinema. Eram modelos europeus, especialmente franceses, que passaram a determinar o que era de bom gosto, chique e elegante no vestir. O cinema ligou Teresina aos modelos de vida americano e europeu, como também intensificou a integração da cidade ao capitalismo mundial, pois passou a exigir do comércio local os novos produtos e as novas modas que chegavam por meio das fitas exibidas na tela do cinema.

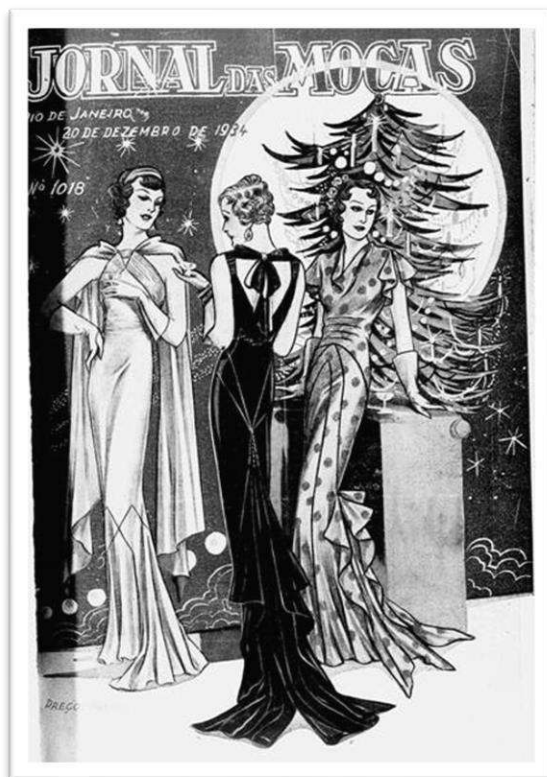
Os vestidos para uso diurno iam até o meio da perna, os de uso noturno eram longos. Ambos eram confeccionados em tecidos mais econômicos como algodão, musselina, organdi e cambraia, inclusive para os vestidos de noite, embora para estes se priorizassem os cetins de seda ou a própria seda em decorrência do brilho e do toque sedoso (Laver, 1989; Pollini, 2007).

Segundo o padrão da moda de então, os vestidos de noite eram justos, de forma a valorizar as curvas e alongar os corpos, com decotes sensuais nas costas que não tinham qualquer limite, muito embora a grande sensação tenha sido os vestidos *godê* e *evasê* cortados, utilizando o fio enviesado dos tecidos, dando a roupa um tom romântico que havia se perdido na década anterior.

Naquele momento, os decotes inexistiam na frente, uma vez que não era permitido sequer mostrar o início do colo. No fim da década de 1930, grandes laços e até drapeados davam acabamento aos decotes. Acompanhando esses vestidos as mulheres usavam sempre peças complementares, uma capa ou um bolero. A capa podia ser confeccionada com veludo, *chiffon* ou ainda com pele de animais, como a raposa (Laver, 1989; Boucher, 2010). Em Teresina, não se encontrou referências aos vestidos longos e aos decotes nas costas. Também não foi possível encontrar imagens de boleros nem capas. A seguir,

aponta-se uma imagem do típico vestido de festa da década de 1930 por uma ilustração do *Jornal das Moças* de 1934.

Figura 60: Capa do *Jornal das Moças* edição 1018 de 1934.



Fonte: Biblioteca Nacional<sup>93</sup>.

Segundo a tendência da moda feminina, as saias também ficaram mais longas, abaixo dos joelhos, deixando discretamente as pernas à mostra, além disso, essas saias,

---

<sup>93</sup>Cf. [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031\\_03&pasta=ano%20193&pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111031_03&pasta=ano%20193&pesq=)

por vezes, tinham *godets*<sup>94</sup>, a partir dos quadris para que se obtivesse a largura necessária. As mangas alargavam os ombros e apresentavam punhos de folhos<sup>95</sup>. As cavas das roupas aumentaram, o corte enviesado foi valorizado, voltou a cauda nos vestidos de baile. E no final da década de 1930, renasceu o estilo romântico de saia ampla e cintura fina (Laver, 1989; Fiell, 2014).

De acordo com a literatura especializada, como o corpo feminino voltou a ser valorizado, os seios também voltaram a ter forma. Surgiram os espartilhos confeccionados com materiais mais leves como o *lastex*, mas só por debaixo do seio, a fim de levantá-lo. Também foram introduzidos os primeiros *soutiens* e um tipo de cinta flexível, a cinta modeladora. As formas eram marcadas, porém, naturais e tinham uma elegância refinada (Laver, 1989; Blackman, 2013).

A mulher dos anos de 1930 continuou em busca da sua independência econômica e pessoal e em questões estéticas e de bem-estar. Começou a surgir a preocupação com a saúde, inclusive a criação do Ministério da Educação

---

<sup>94</sup>Godets – refere-se ao tecido cortado de forma enviesada com corte circular, apresentando círculos menores na parte superior e maiores na parte inferior, sem precisar recorrer a pregas ou franzidos. Fonte: glossário de moda usefashion - <http://glossario.usefashion.com/>.

<sup>95</sup>Folhos - adorno pregueado com que se guarnecem vestidos, toalhas, colchas etc. Fonte: wikipedia.

e Saúde Pública no Brasil data desta época. Concomitantemente aumentou a prática de esportes e o padrão de beleza vigente que exigia mulheres magras e com pele bronzeada. Dessa forma, os anos de 1930, foram protagonistas da descoberta dos esportes, da vida ao ar livre e dos banhos de sol.

Em toda a Europa, as pessoas entregavam-se à prática do desporto. Andar de bicicleta, nadar, praticar golfe e tênis, fazer ginástica, praticar esqui e alpinismo no inverno e fazer caminhadas no verão tornaram-se práticas comuns em vários países, principalmente na Europa (Laver, 1989; Pollini, 2007).

Teresina, de alguma forma acompanhava a modernização urbana e dos costumes. Na esfera da educação, os exercícios físicos tornaram-se obrigatórios até nas escolas. Na esteira desses processos, surgiram novas roupas para a prática esportiva, os shorts, como se pode observar por meio da imagem da Figura 61. A população de elite paulatinamente aderiu à prática de esportes na capital. Pode-se observar algumas alunas na prática da ginástica, esporte corrente à época. Propagava-se que a prática de esportes era essencial para manter a saúde e a boa aparência do corpo.



Figura 61: Alunas com uniforme de Educação Física.



Fonte: Álbum da Família Couto

Na Figura 62, tem-se a imagem de mulheres teresinenses em excursão à cidade de Parnaíba. Podem-se observar alguns dos aspectos da moda difundida no período: a silhueta sinuosa com busto em evidencia, cintura e quadril já bem definidos revalorizando as formas femininas; saias godês um pouco abaixo dos joelhos. Cintos com fivelas grandes e possivelmente laqueadas. Pequenos detalhes como o uso de botões, laços e até mesmo lenços que lembram uma gravata, fazendo alusão à roupa masculina no decote. Cabelos ainda curtos, mas não

lembram mais o estilo a *La Garçonne*. Algumas características das roupas que também ficam evidentes na imagem é a presença de estampas, geralmente pequenas e florais, que eram as mais populares. Há ainda a presença de um pequeno chapéu.

Figura 62: Excursão teresinense à Parnaíba.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>96</sup>

Os sapatos tinham o bico arredondado, muitos eram de duas cores, e os saltos, em sua maioria, altos e finos com meias de náilon. Surgem as sandálias abertas nos dedos. Na Figura 63, pode-se observar o uso do sapato bicolor e as sandálias que deixam os dedos à mostra.

<sup>96</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Figura 63: Família de imigrantes em Teresina na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com/teresina160><sup>97</sup>

Nas Figuras 64 e 65 verifica-se também a presença de bolsas pequenas, sem muita ornamentação, e sapatos bicolors. Tratam-se de imagens de ex-alunas do Colégio Diocesano na década de 1930, informações fornecidas pela família das jovens.

---

<sup>97</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Figura 64: Irmãs Aretuza e Olga Fortes.



Figura 65: Elaine Fortes.



**Fonte:** Acervo particular de Olga C. e Sousa

Os cabelos da década de 1930 também eram curtos. O grande detalhe eram as ondulações. Os chapéus também foram bastante usados nessa década e voltam ao posto de acessório número um para o público feminino. Esses acessórios podiam ser grandes com abas longas ou pequenas, posicionados no alto da cabeça, ligeiramente caídos sobre a testa e muitos deles eram ornados com flores. Ou seja, ficaram mais extravagantes. Inicialmente eles eram pequenos e planos, presos ao penteado. Havia diversos estilos de chapéus, barretes, gorros, redondos, em

forma de sino e de prato, dentre outros. Nesse contexto, as mulheres europeias descobriram e aderiram a química no cabelo e a permanente<sup>98</sup> (Laver, 1989; Kohler, 2001).

Na Figura 66, tem-se Elisa Silveira, *miss* Piauí na década de 1930. É possível visualizar os cabelos curtos, porém ondulados, feito permanente ou penteados de forma a parecer com um permanente.

Figura 66: Elisa Silveira, *miss* Piauí na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup>Trata-se de uma técnica na qual se utiliza de produtos químicos com o intuito redefinir mais os cachos em fios crespos e cacheados, e a criar ondas marcadas nas madeixas lisas. <http://www.belezaextraordinaria.com.br>. Acesso em junho de 2016.

<sup>99</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

<sup>100</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Na Figura 67, pode-se perceber a variedade de modelos de roupas e acessórios das mulheres da elite teresinense. Há também uma grande variedade nos modelos dos chapéus e na disposição dos mesmos na cabeça. Percebe-se que há chapéus em forma de prato e de sino. Dispostos no alto ou na lateral da cabeça e ainda caídos sobre a testa, ornados com flores ou com laços de fitas. As roupas podem ser vestidas ou conjuntos compostos por saia e blusa. Estes, por sua vez, podem ser estampados ou lisos e as estampas ainda podem ser de florais ou listradas.

Figura 67: teresinenses no aeroporto de Teresina em 1939.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>101</sup>

Na Figura 68, tem-se a imagem de uma senhorita que foi *Miss Piauí* na década de 1930, na qual percebe-se o

---

<sup>101</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

uso da maquiagem e dos acessórios. Para ressaltar a beleza e os traços femininos, era comum o uso da maquiagem. O batom vermelho era um recurso bastante utilizado para dar destaque à boca. As sobrancelhas eram delimitadas com lápis preto. Havia essa necessidade, pois eram muito finas ou irregulares, uma vez que era hábito a depilação desta região. Os acessórios eram itens imprescindíveis, joias confeccionadas com pedras preciosas podiam ser misturadas às imitações. Os colares de *strass* eram tão bem-vindos como os colares de diamantes (Laver, 1989; Fiell, 2014).

Figura 68: *miss* Piauí na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

Por volta de 1935, já com prenúncio da Segunda Guerra Mundial, que aconteceria em 1939, surgiu uma nova alteração nas vestes femininas. Estas se tornaram mais masculinizadas, influenciadas pelos uniformes dos soldados e, assim, permanecem ao longo de toda a década de 1940 (Laver, 1989; Blackman, 2013). Dessa forma, conclui-se que a moda feminina da década de 1930 foi rápida e discreta.

Na Figura 69 é possível observar senhoritas, moradoras de Teresina, em 1939, em um passeio pela Praça Pedro II. Elas exibem uma vestimenta que nada lembra àquela da década de 1920. Percebe-se que as formas femininas voltam a aparecer: a cintura volta para o lugar de origem e os seios estão mais evidentes. Trajes bastante diferentes daqueles das melindrosas da década de 1920, tanto nas formas quanto nos tipos e fluidez dos tecidos. Percebem-se as saias em cortes *godês*. Pouco se exhibe do colo e há uma ausência quase total de decote.



Figura 69: Senhoritas Teresinenses em 1939.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com>.<sup>103</sup>

O Brasil continuava se modernizando através da urbanização das cidades e da industrialização. Nesse contexto, surgiam muitos centros comerciais nas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo e, dentre eles, os que negociavam com artigos de moda, incluindo o setor de tecidos. Como a crise assolava a economia Europeia, as importações de roupa pelas lojas brasileiras ficaram praticamente estagnadas e, para agravar mais a crise, havia a cobrança de altos impostos para a importação de bens (Laver, 1989; Braga, 2011).

Mesmo assim a moda seguiu. O incremento da industrialização deu origem a uma nova classe social

---

<sup>103</sup> Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

composta por empregados assalariados, funcionários públicos e cafeicultores em decadência, que consumiam os produtos de moda existentes nos grandes magazines que produziam artigos em série, embora ainda em pequena escala, e nas casas de modas que possuíam oficinas para a reprodução de roupas que tinham como referência aquelas produzidas em Paris (Braga, 2011).

Em Teresina, percebe-se que aconteceu o mesmo fenômeno. Houve uma estagnação na moda. Os jornais das décadas de 1930 e 1940 não exibiam mais os numerosos anúncios dos comércios de moda, dos produtos por ela comercializados e nem de costureiras ou alfaiates como se observava na década de 1920. Também são escassas as crônicas e as notícias sobre a moda local e nacional. As Lojas Rianil oferecem uma justificativa para essa ausência de mercadorias e novidades.

Figura 70: Anúncio indicando uma das justificativas da estagnação da moda na década de 1940 em Teresina.



Fonte: Jornal *Gazeta*<sup>104</sup>

<sup>104</sup>Jornal *Gazeta*, Teresina, 1942, n.1299.

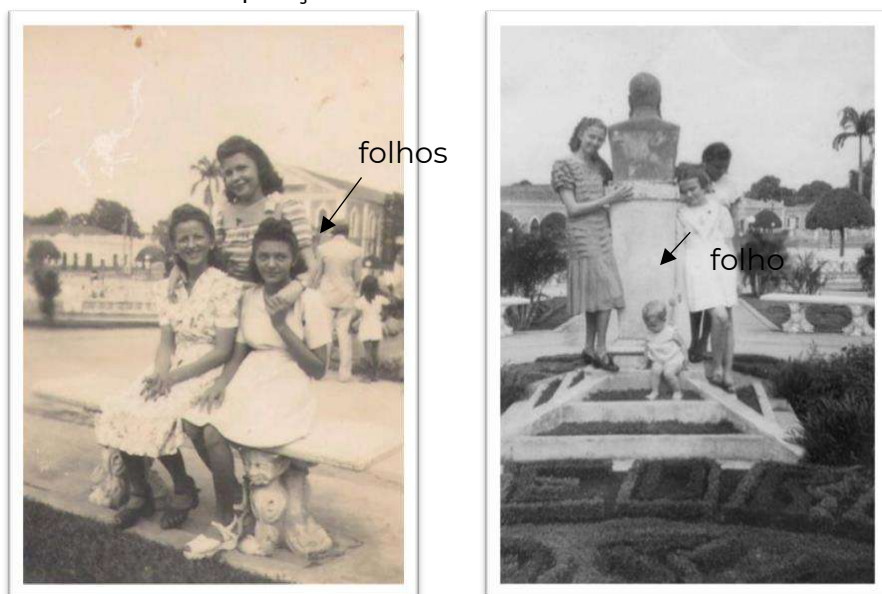
Na década de 1940, os jornais em Teresina deram grande destaque aos eventos da Guerra. Mantêm-se inúmeros anúncios de bancos, médicos, dentistas, advogados, remédios, farmácias, seguradoras, escolas, fitas em exibição nos cinemas, aluguel, venda de móveis, empregos, etc. Uma das poucas lojas que ainda anunciava artigos de moda nesse período eram as Lojas Pernambucanas e as Lojas Rianil, esta ainda informava aos leitores e clientes o motivo pelo qual tais artigos estavam escassos: “a falta de transporte”. No período da guerra suas mercadorias escassearam e só voltaram a chegar à capital por meio da “Navegação Aérea Brasileira”, o que onerava muito seus preços.

Apesar da interferência alemã, a referência de moda ainda era ditada, principalmente por Paris, mas, naquele momento, também por Londres e Hollywood, que continuava se propagando através do cinema e das revistas. Os figurinos dos filmes eram essenciais para a difusão da moda, vastas quantias eram dispensadas no visual das grandes estrelas, pois não só as mulheres como também os homens iam ao cinema, principalmente para conferir as novidades da moda. A maioria das pessoas, por mais pobre que fosse, queria conservar a elegância (Pollini, 2007). O cinema estava cada vez mais bem posicionado e frequentado.

Os estilistas continuaram fazendo seu trabalho, agora adaptado a um custo de produção mais baixo e vendendo por um preço mais em conta e, nos acessórios, a opção foi o cânhamo e a palha. Os primeiros materiais sintéticos começaram a ser utilizados na produção de calçados. O surgimento do sintético tornou o uso das meias-calças acessível a todos. Mesmo diante desse quadro de crise, acreditava-se que as moças ansiavam por luxo, sofisticação e glamour (Laver, 1989; Nery, 2009).

Nas Figuras 71 e 72, observa-se que as moças teresinenses de elite, frequentavam os novos espaços de sociabilidade que a cidade oferecia, pois tinham roupas apropriadas para esses locais. Observar ainda a presença dos folhos, que eram um adorno que fazia parte das roupas da época.

Figuras 71 e 72: moças teresinenses frequentando as praças na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com/teresina160><sup>105</sup>.

No final dos anos de 1930, as roupas femininas já apresentavam uma linha militar. Essas roupas traziam ombros angulares, fechos e passamarias<sup>106</sup>, saias estreitas com uma abertura lateral que, posteriormente, evoluiu para um evasê que permitia uma movimentação melhor. Havia ainda o uso do cinturão que servia para reforçar essa premissa. Estas peças poderiam ter a mesma padronagem ou não, ou seja, era permitido misturar as peças e criar

<sup>105</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014. A mesma referência vale para a Figura 72.

<sup>106</sup>Apliques, fitas ou cordões aplicados em roupas. [www.dicionarioinformal.com.br](http://www.dicionarioinformal.com.br). Acesso em maio de 2016.

novas combinações (Laver, 1989). Como complementos, usavam-se chapéus de plumas, luvas, bolsas de usar ao ombro e sapatos que ofereciam conforto para caminhar. Pode-se mesmo afirmar que, de certa forma, o guarda-roupa feminino aproximou-se do masculino, pois o momento belicoso requeria uma mulher prática.

De início, a mulher saiu de casa para o trabalho nas fábricas, produzindo materiais para a guerra. Mais adiante, a moda adequou-se às mulheres que trabalhavam fora de casa ocupando outros postos: secretária, professora, enfermeira, balconista, datilógrafa, entre outras diversas profissões (Laver, 1989; Braga, 2009).

Esse foi um dos legados da Segunda Guerra Mundial para o mundo da moda. As mulheres passaram a usar um *tailleur*<sup>107</sup> com ombreiras trazendo a influência militar. As cores e os cortes eram sóbrios, com preferência pelo preto e azul-marinho, com saias ou calça comprida, todos do mesmo tecido. As calças compridas eram trajes informais ou funcionais, aos poucos migraram da funcionalidade para as roupas de esporte e lazer. As atrizes de Hollywood tiveram papel importante nessa divulgação, pois nos filmes elas mostravam as diversas possibilidades de uso das calças incentivadas por diversos estilistas americanos, além de

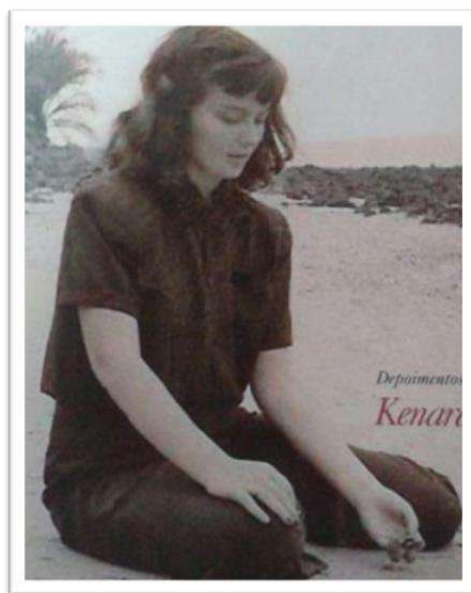
---

<sup>107</sup>Roupa do guarda roupa feminino composto por casaco e saia, ou casaco e calça. Acesso em junho de 2016.

defenderem os benefícios emancipatórios da peça para as mulheres (Laver, 1989; Boucher, 2010).

Na Figura 73, tem-se uma imagem de uma senhorita da sociedade teresinense, Genu Morais, na qual ela aparece trajando calça comprida, uma peça já disseminada entre as mulheres na década de 1930. Salienta-se que, dentre o material pesquisado no período em questão, a única mulher encontrada fazendo uso de calça comprida em Teresina foi Genu Morais, uma jovem da elite local que procurava sempre acompanhar os rigores da moda.

Figura 73: Genu Morais, na década de 1930.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>108</sup>

---

<sup>108</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

A França possuía uma indústria de moda reconhecida mundialmente nos anos anteriores à guerra. As produções dos estilistas franceses, a partir de então, passam a sofrer influência dos nazistas, que consideravam a silhueta esbelta uma característica do modelo francês, considerado por eles, decadente.

Os nazistas valorizavam a silhueta robusta e atlética como o ideal feminino, adaptada ao trabalho rural e à concepção de filhos (Mendes, 2009). Então exerceram forte influência sobre a moda, pois, se em períodos anteriores à guerra o que vigorava era o excesso e o consumo ostensivo, durante os conflitos a ordem era a contenção, conseqüentemente o guarda-roupa feminino sofreu influência direta e tornou-se discreto, mínimo e versátil (Pollini, 2007).

A mulher passou a ser recrutada como força de trabalho fabril, principalmente na indústria têxtil. Como consequência, seu vestuário sofreu modificações para se adaptar as novas funções. Entretanto, exigia-se que as trabalhadoras estivessem elegantes em todas as ocasiões.

Com o clima de guerra, a produção têxtil ficou novamente voltada para a confecção de itens destinados aos suprimentos da guerra. O vestuário civil era produzido usando tecidos que tinham como matéria-prima fibras de origem sintética. Da mesma forma, em decorrência das



dificuldades de abastecimento de tecidos, preconizava-se o racionamento de roupas. Como alternativa à escassez de matérias-primas e produtos no mercado, popularizou-se a comercialização de roupas usadas, a costura doméstica e as técnicas de reaproveitamento de peças do vestuário (Mendes, 2009).

No decorrer da Grande Guerra, experimentou-se, na Europa, uma moda marcada pelo uso de duas peças, conjuntos compostos por saia e casaco, era a marca da década. As saias eram confeccionadas fazendo uso de pregas, mais comumente a saia *evasê* com prega macho, que, na maioria das vezes, apresentavam um bolso falso para economizar tecido e lhes conferir maior volume. As calças compridas femininas se tornaram práticas e, por questões de conforto, o hábito de vesti-las se generalizou. Já a saia-calça era muito usada pelas ciclistas (Laver, 1989; Fiell, 2014).

Os vestidos, quando utilizados, tornaram-se bem mais justos e exibiam um comprimento até a altura um pouco abaixo do joelho, procurando imitar os conjuntos de saia e casaquinho. Destaca-se ainda o uso de blusas justas, chapéus (por vezes substituídos por turbantes) e luvas (Laver, 1989; Pollini, 2007).

O *nylon* e a seda estavam em falta na Europa, fazendo com que as meias finas desaparecessem

momentaneamente do mercado. Elas foram trocadas pelas meias soquetes ou pelas pernas nuas, e muitas vezes as mulheres faziam uma pintura falsa na parte de trás das pernas, imitando as costuras das meias, dando a falsa aparência de que estavam usando-as.

Na Figura 74, pode-se perceber que as teresinenses também aderiram ao “estilo militar” com o uso de roupas de corte sóbrio, com ombreiras que dão a impressão de porte atlético e, ainda, saia e blusa de mesmo tecido. Essa moda era inspirada nos uniformes militares, com algumas funcionalidades adaptadas para o dia a dia da capital. Aqui as saias desceram para abaixo do joelho deixando as pernas discretamente à mostra. Percebe-se a presença de bolsos tanto na blusa como na saia e neste há a presença de abas e de detalhes em tecidos de outra cor, além da presença do cinto no mesmo tecido da roupa e em tecido diferente, fazendo lembrar o uniforme militar. Observa-se também que o modelo dos bolsos lembra os bolsos do fardamento militar, inclusive o detalhe acima dele em tecido diferente fazendo alusão à sutache<sup>109</sup>, presente nas fardas de militares.

---

<sup>109</sup>Faixa presente na lapela do bolso de uniformes militares, onde se encontra o nome e a patente militar.

Figura 74: Lísia e Lhis Cruz com seu cachorro Tupi exibindo roupas com estilo militar.



Fonte: acervo de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Nas Figuras 75 e 76, observa-se que o comprimento das saias está localizado um pouco abaixo dos joelhos. Observa-se ainda a presença de vestido ou dos conjuntos compostos por saia e blusa no mesmo tecido com a presença dos debruns,<sup>110</sup> em destaque. A cintura volta a estar marcada e mais acentuada ainda pela presença dos cintos. Há a presença de detalhes em tecidos diferentes nos

---

<sup>110</sup>Tira que se cose dobrada sobre a orla de um tecido. Aurélio, Dicionário da Língua Portuguesa. Ed. Positivo, 2010.

bolsos, nos punhos das mangas e no cinto que pode ser em decorrência da escassez de tecidos.

Figura 75: Lhis Cruz e familiares e Figura 76: Lísia Cruz .



Fonte: Acervo particular de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Ainda na Figura 77 continua-se a observar o típico estilo militar presente nas roupas femininas da elite na cidade de Teresina. A presença de conjuntos formados por blazers e saias *evasê*, no mesmo tecido e em tecidos diferentes e ainda é visível em blazers e blusas as ombreiras que davam a impressão de corpo atlético e ombros largos, corpos trabalhados pelos exercícios físicos.

Figura 77: Anfrísio Lobão, Alzira, Amalita e uma amiga, em 1944.



Fonte: acervo Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Na Figura 78, encontram-se Genu Moraes, ilustre figura da sociedade teresinense, e algumas amigas em um encontro na Praça Pedro II em 1946. Genu procurava sempre andar na moda, para tanto, ela trazia as novidades das viagens que fazia com frequência. Observa-se por meio da imagem, que as moças exibem uma roupa que contempla as características da década de 1940: conjunto formado por saia e casaco no estilo militar, cinto no mesmo tecido da roupa, bolsos com lapelas, saias com comprimento abaixo do joelho. De acessórios, observa-se a presença dos óculos escuros, um símbolo da jovem

moderna, brincos, relógios e bolsas. Além disso, todas fizeram uso de maquiagem.

Figura 78: Genu Moraes e amigas na Praça Pedro II em 1946.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>111</sup>

Os tecidos usados eram resistentes e havia a preferência pelo xadrez. Cabe citar que a alternativa é encontrada como forma de enaltecer e alcançar a beleza desejada foi o uso o uso de debruns<sup>112</sup> em cores diferenciadas e a maquiagem, muito embora esta também

---

<sup>111</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014

<sup>112</sup>Bainha ou borda de uma roupa.

estivesse escassa, mas que era improvisada usando elementos caseiros (Laver, 1989; Boucher, 2010).

Para amenizar esse caráter de sobriedade, as mulheres acrescentavam toques alegres como turbantes, lenços na cabeça, no pescoço e joias simples. Tais acessórios na cabeça foram mais um legado da Segunda Guerra. Enfim, foi uma forma que as mulheres encontraram para prender os cabelos para que não enroscassem nas máquinas enquanto trabalhavam. Advoga-se, também, que foi uma alternativa criativa devido às dificuldades de encontrar profissionais especializados em cabelos, produtos e chapéus. Uma alternativa para a escassez dos chapéus foi a confecção dos mesmos, a partir de lascas de madeira ou de jornal. Surgiram muitos modelos e adornos nos chapéus. Alguns eram grandes, com flores e véus; e outros, menores, de feltro, em estilo militar, tudo confeccionado com material que já possuíam em casa, fortalecendo o artesanato doméstico (Laver, 1989; Pollini, 2007). Em Teresina, nas fontes pesquisadas, não foi possível encontrar referência a estes acessórios de cabelo.

Na Figura 79, tem-se Maria Heloísa Lobão, ilustre senhorita da família Lobão, primeira mulher a ocupar o cargo de gerente do Banco do Nordeste em Teresina, posando para foto em elegantes trajes da década de 1940. Vestido com casaco, chapéu e uma pequena bolsa com

alça. Faz uso de acessórios como relógio, anéis e brincos, além da maquiagem. Percebe-se que nesta foto há elegância e sofisticação.

Figura 79: Maria Heloísa Lobão em 1941.



Fonte: acervo particular de Juliana Castelo Branco de Noronha Campos

Os sapatos também se modificaram bastante, muitos materiais sumiram do mercado e, com isso, surgiram saltos e sapatos de madeira, de cortiça, de feltro e de outros



tecidos além de sandálias com tiras de pano ou até crochê de ráfia<sup>113</sup> (Laver,1989; Braga, 2009, 2011).

As bolsas de couro eram raras e passou-se a fabricá-las de tecido ou tapeçaria. Usavam-se ainda bolsas de mão, surgindo as bolsas a tiracolo, mais práticas para quem usava a bicicleta como meio de transporte. Houve uma restrição também com relação ao uso do zíper nas bolsas e também com o fecho de metal, surgindo, assim, outros materiais como a madeira (Laver,1989; Fiell, 2014).

Na Figura 80, encontra-se novamente a jovem Genu Moraes na década de 1940. Filha da elite política, econômica e cultural piauiense, procurava sempre estar atendida com o que era lançado no mundo da moda. Aqui observa-se que ela usava uma bolsa pequena de mão. Pela aparência, sugere-se que seja de tapeçaria trabalhada com palha. Ao posar para a fotografia, vê-se que ela trazia óculos e luvas.

---

<sup>113</sup>Nome dado à fibra proveniente do caule da palmeira do tipo “raphia”, originária da África e América do Sul. Trançados de ráfia são amplamente utilizados na fabricação de calçados, bolsas e acessórios, além de itens de decoração em geral. Possui também a versão sintética, geralmente com tiras mais finas e leves. <http://glossario.usefashion.com/>. Acesso em junho de 2016.

Figura 80: Genu Morais.



Fonte: <http://www.cidadeverde.com><sup>114</sup>

Em 1945, chega então o fim da Segunda Guerra Mundial e das políticas de racionamento e aos poucos, a mulher voltava a ser feminina e glamourosa. De um estilo de moda militar, tem-se uma transição para uma moda sofisticada e elegante, que ressalta as curvas do corpo, deixando a mulher mais feminina. Trata-se de um novo estilo, o estilo *New Look*, criado por Christian Dior. A partir de então, metros e metros de tecidos eram gastos para confeccionar um vestido bem amplo na altura dos tornozelos e com a cintura marcada. A elegância e feminilidade do vestido eram complementadas com o uso

---

<sup>114</sup>Cf. <http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em outubro de 2014.

de sapatos de saltos altos, luvas e acessórios luxuosos, como peles e joias. Um prenúncio do que seria os anos de 1950, conhecidos como “Anos Dourados”, uma época de transição entre as guerras das décadas anteriores e as revoluções comportamentais e tecnológicas que iriam se desenvolver na segunda metade do século XX (Pollini, 2007).

Foi nessa década que surgiu o *ready-to-wear* (pronto para usar) nos EUA. Era uma forma de o mercado de moda produzir roupas de qualidade em grande escala. As lojas passaram a vender roupas com os últimos modelos lançados por correspondência, através de catálogos de venda, e estas eram entregues em até 24 horas. Logo em seguida, esse mesmo padrão de produção e venda de roupa foi lançado na França com o termo *prêt-à-porter*, que deu origem a produção de roupas em série. Isso foi responsável pela maior parcela de vendas no mercado de moda mundial naquele momento. Surge, então, um novo estilo e uma nova forma de se fazer e de se propagar moda que não será abordado neste trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho analisou como a moda, disseminada pelos grandes centros mundiais, chegava em Teresina na primeira metade do século XX, bem como a produção, o consumo e a difusão desta moda na cidade e sua aceitação pela elite feminina. Permite compreender como se deu o processo de modernização, civilidade e sociabilidade que aconteceu na primeira metade do século XX nessa capital. Além do estudo da moda, destaca-se ainda, outras vivências e práticas femininas existentes como a escolarização, a feminilidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho, elementos que estão em sintonia com o consumo e a difusão da moda.

De acordo com o referencial teórico adotado e com os resultados obtidos a partir da análise das fontes, consta-se que Teresina, na primeira década do século XX, era uma cidade cuja população ansiava por urbanizar-se e modernizar-se. A população, embora ainda estivesse atrelada aos hábitos e costumes provincianos, ansiava por algumas mudanças e lutava para que as mesmas fossem implantadas.

Constatou-se que, ao final da primeira década do século, a população teresinense começou a usufruir dos preceitos ditados pela sociabilidade e civilidade de uma

estrutura local em processo de urbanização: água encanada, energia elétrica, linha telefônica, serviço de saúde e educação, calçamento de ruas, além de outras benfeitorias. O surgimento de novos locais de sociabilidade em Teresina levou a população, principalmente a feminina, a deixar o espaço do lar em busca de novas atividades. Esses espaços exigiam uma vestimenta específica para essas novas ocasiões que surgiam, criando possibilidades para que as mulheres fossem vistas, reinventando-se, desenvolvendo novas formas de relação com seu corpo, entre outras coisas.

Desse modo, o cenário social favorável que surgiu permitiu a implantação de um comércio de artigos de moda, principalmente feminina, na cidade. Identificou-se ainda a importância dos imigrantes que vieram para o Piauí na ampliação desse setor, visto que, por um longo tempo, ele foi dominado por imigrantes árabes que já trabalhavam com esses artigos em outras localidades ou que tinham algum parente no ramo. Assim, surgiram em Teresina várias lojas que negociavam esses artigos.

Observa-se que a moda em Teresina, a exemplo de outras cidades do país, foi muito difundida através do cinema, que era um espaço bastante frequentado pela população teresinense, o que torna possível reforçar a compreensão sobre a relação entre moda, modernidade e

urbanização. Ademais, a moda também chegava à capital por meio de revistas e jornais locais que teciam comentários sobre tudo o que acontecia no mundo da moda nas grandes capitais brasileiras.

Esses periódicos exibiam também anúncios das lojas na cidade que trabalhavam com este tipo de mercadoria e que aproximavam as pessoas do consumo através das informações fornecidas. Tais aspectos, além de servirem aos objetivos principais dessa pesquisa, mostram, ainda, que o Piauí no início do século XX não se encontrava isolado do restante do país. Pelo menos uma parcela de sua população era integrada aos acontecimentos dos grandes centros e, nessa condição, atuava como elo entre essas áreas e aquelas que permaneciam mais afastadas.

Os dados revelaram que mudanças significativas no modo feminino de se vestir nesta capital podem ser percebidas a partir de 1915, quando a mulher começou a se libertar dos espartilhos, que lhes limitava os movimentos por muito tempo, momento que coincide com a expansão da cultura da maniçoba e de outros produtos da economia local. Isso foi o prenúncio de uma época de liberdade feminina que veio a se intensificar na década de 1920.

Dessa forma, na década de 1920, difundiu-se por todo o mundo o estilo melindrosa para as mulheres. As moças passaram a cortar os cabelos curtos, usar faixas em torno

dos seios como uma forma de escondê-los, encurtaram o comprimento dos vestidos, deslocaram a cintura. Passaram a fumar e a escutar jazz, tango ou samba. Elas também usavam maquiagem forte, de maneira efetivamente contrária à da tradicional conduta feminina.

Essa moda foi aceita, mas com algumas restrições pela elite feminina em Teresina, conforme se constata pelos jornais analisados. Como em todo momento de mudanças, o processo não deixou de encontrar resistências. Havia aqueles que apoiavam, mas também havia aqueles que se colocavam totalmente avessos às novas modas. Porém, apesar de algumas oposições, as fotografias da época comprovam que, efetivamente, a moda ia se difundindo entre as mulheres da elite feminina de todas as idades.

Os acontecimentos mundiais das décadas de 1930 e 1940 trouxeram mudanças nas formas de se vestir das pessoas em vários países. Essas mudanças também aconteceram no Brasil. A década de 1930, devido à crise econômica mundial, levou a uma moda mais simples, com menos tecido, menos *glamour* e menos sofisticação. Houve uma grande quantidade de reformas e de reaproveitamento de roupas. Esse fato em Teresina foi notório, inclusive na elite. Percebeu-se o uso das roupas com características mais para o dia.

Na década de 1940, percebeu-se que as notícias em destaque nos jornais eram àquelas referentes à Guerra e pouco ou nada se encontrava sobre moda, inclusive os anúncios de lojas do ramo, tão comuns na década de 1920, desaparecem, quase que totalmente, o que pode ser justificado pela real ausência de mercadoria desse gênero, uma vez que havia a dificuldade de transporte devido à Guerra. No entanto, a moda propagada na década de 1940, ficou evidente em Teresina: a moda do estilo militar, observada nas fotografias das mulheres da época.

As pesquisas realizadas na construção deste trabalho fazem concluir que a moda difundida nos grandes centros produtores internacionais, chegava em Teresina por meio do cinema, de jornais e de revistas e que era aceita pela elite feminina que exigia do comércio artigos do gênero, sendo mais evidenciada em todos os seus aspectos nas décadas de 1920 e 1940.



## REFERÊNCIAS

BAECHLER, Jean. *Grupos e sociabilidades*. In: BOUDON, Raymond. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70, 1977.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

BONADIO, Maria Cláudia. *Moda e Sociabilidade: Mulheres e consumo na São Paulo dos anos de 1920*. São Paulo. Editora SENAC São Paulo, 2007.

BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

BRAGA, João. *História da Moda, uma Narrativa*. São Paulo. Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

BRITTO, Bugyja. *Narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1977.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. 2. ed. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Elisângela Barbosa. *Identidades de gênero: amor e casamento em Teresina (1920-1960)*. 2010. Tese (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

\_\_\_\_\_. *Múltiplas e Singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Teresina no tempo dos lampiões de querosene*. Cadernos de Teresina, n.18,1994.

\_\_\_\_\_. *Desejos, tramas e impasses da modernização (Teresina 1900/1930)*. *Scientia et spes*, Teresina, Instituto Camilo Filho, v. 1, n. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. *As Transformações nas Sociabilidades dos Jovens em Teresina na Primeira metade do século XX*. *Revista do INESC*, Vol. 6, 2006.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Plurais*. 3. ed., v. 01. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2013.

COSTA, Francisco Humberto Vaz da. *De relance: a construção da civilidade em Teresina (1900-1930)*. Francisco Humberto Vaz da Costa. Teresina, 2009.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e Modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FIELL, Charlotte; DIETRIX, Emmanuelle. *A Moda da Década de 1920: um panorama completo e ilustrado da indumentária e da beleza nos anos loucos da era do jazz*. [tradução Laura Schichvarger]. São Paulo: Publifolha, 2014.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. *Desafiando o Olhar de Medusa: A Modernização e os discursos modernizadores em Teresina nas duas Primeiras Décadas do Século XX*. 2008.

JONES, SueJenkyn. *Fashion Design - Manual do Estilista*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KRUEL, Kenard. *Genu Moraes – a Mulher e o Tempo*. Teresina: Zodíaco, 2015.

LAVIER, James. *A Roupas e a Moda: uma história concisa*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

LIMA, Nilsangela Cardoso. *Invisíveis Asas Das Ondas ZYQ-3: Sociabilidade, Cultura e Cotidiano em Teresina (1948 – 1962)*. Teresina, 2007.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. *Teresina: urbanização e meio ambiente. Scientia et Spes*. Revista do Instituto Camillo Filho. v. 1, nº 2, Teresina: ICF, p. 181-206, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. *Entre Letras e Bordados: o tecer das tramas na história das normalistas em Teresina (1930-1949)*, 2008.

MENDES, Valerie D; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da Glória 2: as armas e as máquinas (1896-1921)*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MONTEIRO, Ogmar. *Teresina Descalça: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimento dos novos*. Fortaleza, 1987.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v.22, n. 37, p.7-32, 1999.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NERY, Marie Louise. *A Evolução da Indumentária: subsídios para a criação de figurinos*. Rio de Janeiro. Editora Senac, 2009.

NUNES, Lizianny Leal. *Sistema de Moda e Papéis Femininos na Primeira Metade do Século XX*. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, 2013.

NUNES, Bárbara. *Em Busca do Corpo Masculino Ideal: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900 – 1930)*, Teresina, 2014.

PEREIRA, LUCIANA DE LIMA. *Espaço urbano teresinense entre a salvação e a perdição da década de 1950*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

PIMENTEL, Valderez Cavalcante. *A aculturação do imigrante sírio no Piauí: estudo de caso*. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1986.

POLLINI, Denise. *Breve História da Moda*. São Paulo: Claridade, 2007.

QUEIROZ, Teresinha. *História, Literatura, Sociabilidades*. 1. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998. 234p.

QUEIROZ, Teresinha. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 3. ed. rev. Teresina: EDUFPI, 2006.

QUEIROZ, Teresinha. *As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930*. Teresina: FUNDAPI, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

REGO, Júnia Mota A. Napoleão do. *Dos sertões aos mares: a história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700 – 1950)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Discursos e Imagens sobre as mulheres nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição (1930-1970)* 161f. Dissertação (Mestrado e, História) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí. 2006.

SOARES, Norma Patrycia Lopes. *Escola Normal em Teresina (1864-2003): Reconstruindo uma memória da formação de professores*. Teresina, 2004

SOLON, Daniel Vasconcelos. *O Eco dos alto-falantes: memórias das amplificadoras e sociabilidades na Teresina de meados do século XX*. Teresina, 2006.

STREY, Marlene Neves. *Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 13, dezembro de 2000.

TAJRA, Marta Tersa. *A História do Comércio de Teresina na História do Piauí*. Teresina: Zahle, 2014.

TITO FILHO, A. *Teresina: ruas, praças e avenidas*. Teresina: PRELO, 1986. p. 4.

VILHENA, Marcos. *Carcamanos*. Universidade Federal do Piauí, 2001.

## **FONTES**

### **Instituições de Pesquisa**

Arquivo Público do Piauí – Teresina

Casa de Cultura Anísio Brito – Teresina

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

### **Jornais Consultados:**

A Luz (1939)

A Palavra (1902)

A Pátria (1902 - 1903)

Gazeta (1909, 1911-1914, 1924, 1925, 1942-1944)

Chapada do Corisco (1918, 1919)

Cidade Verde (1912)

Correio de Theresina (1916)

Diário do Piauí (1914)

Diário Oficial (1910,1943)

O Arrebol (1918-1919, 1921-1925)

O Artista (1918-1919)

O Comércio (1906-1907)

O Nordeste (1920)

Vida Social (1926)

## **SITES PESQUISADOS**

<http://www.piracuruca.com/index.php/historia-iluminacao-eletrica-em-teresina-teresinameuamor>. Acesso em outubro de 2015.

<http://patrimoniograficoemrevista.blogspot.com.br/2010/07/jornal-das-mocas-1914-65.html>. Acesso em dezembro de 2015.

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_anos.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm). Acesso em dezembro de 2015.

[http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008\\_05\\_01\\_archive.html](http://maisoumenosnostalgia.blogspot.com.br/2008_05_01_archive.html). Acesso em dezembro de 2014.

<http://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/a.362181773862367.86448.272388342841711/422786711135206/?type=1&theater>. Acesso em janeiro de 2015.

<https://www.cidadeverde.com/272388342841711/photos/pb.272388342841711.-2207520000.1456690633>. Acesso em outubro de 2014.

<http://www.ibamendes.com/2015/10/um-pouco-mais-da-historia-visual-de.html>. Acesso em outubro de 2014.

<https://www.cidadeverede.com/272388342841711/photos/a.1039351946145343.1073741876.272388342841711/1041245245956013/?type=3&theater> Acesso em outubro de 2014.

<http://www.cidadeverde.com/teresina160>. Acesso em janeiro de 2016.

<http://www.portaltudoaqui.com.br/magra-gordinha-cheinha-a-roupa-certa-para-cada-tipo-fisico>. Acesso outubro de 2014.

<http://clubedehistoriadatiajo.blogspot.com.br/p/teresina-160-anos-fotos.html>. Acesso em 01 de maio de 2016.



Este livro é o resultado de um estudo de natureza histórico documental que se propõe a relatar a História da cidade de Teresina e das mulheres da elite através da moda trazendo o público leitor em uma viagem através do tempo, permitindo entender como viviam as mulheres na primeira metade do século XX nesta capital além de contribuir para a construção de um acervo histórico, iconográfico e sociológico sobre a moda no estado que possa despertar o interesse de estudantes, pesquisadores e da sociedade em geral. Trata-se de um período marcado por ideais de urbanização, modernização, sociabilidade e civilidade em que as mulheres tentavam desvencilhar-se das amarras do sistema patriarcal, inserindo-se na sociedade, refletindo as mais diversas realidades.

